

Academia Guarulhense de Letras

Patrono	Cadeira	Acadêmico
João Gualberto de Oliveira	1	Gasparino José Romão
Plínio Salgado	2	Lineu Roque Aceia
José Martins Fontes	3	José Ranal
João Guimarães Rosa	4	Antonio Lopes Baltazar
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Valdir Carlos
José Bento Moreira Lobato	6	(Vaga)
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	(Vaga)
Vicente Augusto de Carvalho	8	Aristides Castro Hansson
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9	Alfredo Ibuta Khoury
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corção Braga	11	José Alacris Zamuner
Otávio Rodrigo Langgaard Filho (Luiz Otávio)	12	José Alves do Carmo
Guilherme de Andrade e Almeida	13	Ary Baldini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	Eugênio Shinji Asano
Mario Raul de Moraes Andrade	15	Oscar Gonçalves
Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac	16	Mara Sueli de Lara Marrins Carletti Laur
Cassiano Ricardo Leite	17	Wenceslau Nasari Campos
Cecília Meirelles	18	Antonio Darcangelo
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael Batista Moraes
Menotti Del Picchia	20	Cesar Magalhães Borges
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	José Augusto Rodrigues Pinheiro
Pedro da Silva Nava	22	Armando Atilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23	Espedito Pinheiro de Souza
Ibraim de Almeida Nobre	24	José Luiz Nogueira
João da Cruz de Souza	25	Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clóvis Domingos
Pedro Dias Gonçalves	27	Silvia Ribeiro
Onofre Leite	28	(Vaga)
Silvio Ourique Fragoso	29	Angela Maria Andreolli Gonçalves
Jonny Hermínio de Melo Doin	30	Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31	(Vaga)
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	José Roberto Machado
Laerte Romualdo de Souza	33	Mario Yoshinaga
Geraldo Penteadado de Queiroz	34	(Vaga)
Néfi Tales	35	(Vaga)
Antonio Filardi Luiz	36	(Vaga)
Norlândio Meirelles de Almeida	37	(Vaga)
Milton Luiz Ziller	38	(Vaga)
Flávio Clero Giovanni Trombetti	39	(Vaga)

Acadêmica correspondente: Vanda Fagundes Queiroz

Acadêmicos honorários: Eloi Pietá, Rafael Rodrigues Filho, Terezinha Silva Maltez de Souza, Gasparino José Romão Filho

ISBN 85-87678-50-7



9 788587 678508

Revista Academia Guarulhense de Letras, Nº 8, Ano VIII, 2006

Academia Guarulhense de Letras



Revista nº 8, Ano VIII, 2006



— AGL —

CAMINHO PARA A IMORTALIDADE

Mais um ano de vida da Academia Guarulhense de Letras e mais este exemplar da coletânea de obras de seus membros está sendo entregue no encerramento do ano acadêmico de 2006. A AGL um ano mais velha, pode festejar sua longevidade tão jovem e lamentar os que ficaram pelo caminho. A lei natural que faz a vida eterna pela sucessão de gerações, penetra no pequeno universo deste sodalício com a mesma naturalidade com que age na natureza:

Academia Guarulhense de Letras

Aceita-se permuta.
Exchange is solicited
Aceptamos intercambio
On demanche L'enchange
Man bit ttet um Austausch
Si prega L'intercambio

Revista Academia Guarulhense
de Letras - nº 8, Ano VIII, 2006

Academia Guarulhense de Letras



Copyright © by - Academia Guarulhense de Letras - 2006

EDITOR:

Direitos reservados à Academia Guarulhense de Letras
Rettec, Artes Gráficas.
Rua Xavier Curado, 388
Cep 04210-100 - São Paulo - SP
Fone: 6163-7000
Fax: 6163-7000
Internet: www.rettec.com.br
E-mail: rettec@rettec.com.br

FICHA TÉCNICA

Projeto Editorial: Rubenal Hermano
Preparação de originais: Rettec, Artes Gráficas.
Composição e Diagramação: Rettec, Artes Gráficas.
Capa: Fabio Vicente
Revisão: AGL

ISBN: 85-8767-8-50-7

Impresso no Brasil 2006
Printed in Brazil

AGL - Academia Guarulhense de Letras
Correspondência: Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98
Vila Lanza - Cep 07115-020 - Guarulhos - SP
Fones: 6409-0098 - 6443-5618
Sede: Rua Francisco G. Vasconcelos, 42
Vila Galvão - Cep 07074-040 - Guarulhos - SP
E-mail: mautezadv@terra.com.br

Presidente - Gestão 2004/6:
Armando Attilio Colacioppo Sobrinho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro)

Revista Guarulhense de Letras. - São Paulo:
Rettec, Artes Gráficas

ISBN: 85-8767-8-50-7

1. Contos brasileiros - Coletâneas
2. Crônicas brasileiras - Coletâneas
3. Ensaios brasileiros - Coletâneas
4. Poesias brasileiras - Coletâneas

02-4942

CDD - 869.9308004
869.9108004

Índice para catálogo sistemático

1. Contos: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira 869.9308004
2. Crônicas: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira 869.9308004
3. Poesias: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira 869.9108004

SUMÁRIO

Apresentação	9
A. Ibrahim Khouri	11
Angela Maria Andreolli Gonçalves	25
Antonio Darci Pannochia	33
Aristides Castelo Hanssen	37
Armando Attílio Colacioppo	44
Ary Baddini Tavares	47
Bismael B. Moraes	61
Clarimundo Aguiar	72
Clóvis Domingues	88
Espedito Pinheiro Souza	100
Isabel Borazanian	114
João Ranali	126
José Alaércio Zamuner	146
José Augusto R. Pinheiro	153
José Roberto Machado	168
Lineu Roque Aceiro	181
Mário Yoshinaga	188
Plínio Tomaz	207
Silvio Ribeiro	217
Valdir Carleto	234
Índice Remissivo	252
Diretoria	257

APRESENTAÇÃO

DO PRESENTE, PARA O FUTURO

Ao ocaso do sexto ano do novo milênio, mais um número da coletânea de criações dos membros da Academia de Letras de Guarulhos é oferecido ao público leitor. Como tradição, mostra a diversidade de estilos que acompanha a diversidade de visões que os acadêmicos têm do mundo que os cerca e da realidade sociocultural em que vivem. Escreveram sobre aquilo que vivem e que sentem para deleite ou crítica dos leitores de hoje e do futuro que poderão ter, neste registro até certo ponto singular, um panorama daquilo que importa no momento histórico em que foi escrito.

Esta edição, entretanto, tem algo mais que as anteriores. Traz o reconhecimento da importância das letras pelo Poder Público Municipal, que se ofereceu para suportar os custos de sua realização. A sensibilidade de mecenas do prefeito Elói Pietá, atendendo ao apelo do secretário municipal da Cultura, Edmilson Souza Santos, reconheceu a importância de estimular - participando - as criações culturais nascidas na comunidade guarulhense. O significado do gesto fala mais alto que o dispêndio que gera. Em seus quase trinta anos de existência como organismo de natureza pública, não governamental, a AGL tem aprendido a não esperar que a apoiem, como acontece nesta edição. As letras vivas das produções literárias, inequívoca comprovação da criatividade humana, só têm significado se forem lidas. O ciclo, entretanto, não se fecha antes que o exemplar estacione bem vivo na prateleira de uma biblioteca e permaneça disponível aos que, a qualquer tempo, possam conhecer o que contém.

É alegre ouvir o que o passado tem a dizer para o presente. Ler uma obra antiga dá o prazer de voltar no tempo e vivenciar momentos que não voltarão jamais, mas que o escritor soube registrar com a fidelidade do instante vivido. E o passado – queira ou não – é apenas a água que já passou pelo mesmo rio, enfrentando as mesmas corredeiras e percorrendo idêntico caminho.

A coletânea que passa às suas mãos é, no mínimo, um singelo regalo que o presente oferece ao futuro.

Acadêmico Ary Badini Tavares

ACADÊMICO ALFREDO IBRAHIM KHOURI

Dedico estes tristes versos àqueles que assassinaram os meus horizontes

(13 de fevereiro de 1.972)

O poeta só se realiza quando o seu verso se identifica com o seu estado de espírito. Ele não consegue fugir do ardor ou da dor que o envolve.

ENGANO

Agora que percebo um brutal engano,
neste soneto que me sacode a mente,
foram-se as estações do ano
sem que eu notasse um dia somente.

E a mente sonolenta... manhã fria,
em cuja sacada debruçam os meus versos,
não percebem que passou mais um dia,
junto aos milhares já submersos.

Lá fora o mundo se agita,
um cigarro... tristonho me calo,
mas de repente uma criança grita:

– Papai! E me beija, me abraça, me fita
eu vivo, respondo, sorrio e falo,
sem que ele perceba o mal que me habita.

PASSADO... FUTURO...E PRESENTE?

Terça-feira era um dia diferente, aos poucos iam chegando os amigos: Ivan, Fátima, Aidê, eu, Marcio, Neuzete, Glauco, Nazareth, Mercês, Dayse e a Vânia que não mais deu notícias. Será que ela foi embora para a França, fazer psicodrama? Que saudade de vocês.

Minha mente se debruça no passado.
Mas, às vezes, olho o futuro incerto,
e perguntas: – Afinal e teu presente?
– Eu não sei de qual estou mais perto;

É um presente suportando reminiscências,
aventuras de mim, jovem rapaz,
bons momentos e trágicas lembranças,
que de repente presente se faz;

Grandes perdas misturadas com vitórias,
viagens que me levam a tempo ausente,
personagens que não dá para esquecer,

vão desfilando no palco da memória,
tanta gente com gosto de gente,
responsáveis em fazer-me viver.

MANCHETE DE JORNAL

“Pássaros são abatidos para a realização de uma passarinhada”. Lá fora, na rua, as crianças na sua bela revoada, às vezes, são molestadas pelos adultos “os férteis de imaginação, os donos da verdade, os senhores da razão”. Estas coisas tristes trazem-me à lembrança uma cena de desespero, de perda, de profunda tristeza, de lágrimas e de aflição, de um corpo de um poeta ensangüentado que não soube sequer a razão.

BRINCANDO DE MOCINHO

Rasgaram a noite com tiros,
o meu carro e minha carne também
e os vinte e nove anos que eu tinha
e estes, infeliz, passei

O fato que a paz me tira,
ação felina daquelas feras,
que além de provocar minha ira,
fizeram-me perder as primaveras.

E U

Há vezes por todos os lados, surgem, como por encanto um amigo e me presenteia com um sincero abraço. Mas no peito o coração grita alto...só

Aos amigos Dr. Mazzucca, Dr. João Roberto e Dr. Jeová.

As constantes modificações do corpo,
as células que não se regeneram mais,
vez ou outra trazem na lembrança,
o atentado que ficou pra trás.

E com tudo que tem acontecido,
com tudo que enfim se perdeu,
graças a esse grandes amigos,
eu continuo a ser eu.

ORAÇÃO

Lá longe uma luz revitaliza minha paciência. É você querido
pai, que na distância é meu ponto de referência.

Uma a uma as lágrimas vão caindo,
rolam, alheias, a tantos comentários.
– porque será que chora esse coitado?
– não percebe que são contas de um rosário.

Não imaginam eles que estou rezando,
e que cada lágrima que rola é uma prece,
a mãe, ao filho que vivo preocupando
e aos amigos que não me esquecem.
As orações no rosto vão surgindo,
rolam contas que umedecem minha face,
Uma a uma, vão caindo em minha mão.
E entre vozes dos que passam sorrindo,
recolho a última conta que nasce
sem que ninguém entendesse a oração.

FUGA

Sinto uma vontade de nada, fico alheio aos rumores lá
fora, vendo a vida despetalada nos dias que vão embora. E
dentro dessas paredes onde vejo um fraco sol de inverno, nas
quais procurei um refúgio para esconder meu inferno. Hos-
pital Psiquiátrico.

Perdi a noção do tempo,
mas o que mais me atormenta,
não é o dia que passa lento,
é a ânsia tão violenta

de atravessar essas paredes,
como a mente que não está presa,
que importa que eu caia nas redes,
bem melhor que esta incerteza,

de um lá fora cada vez mais distante,
enquanto, eu, aqui dentro, à toa,
vendo o pensamento que voa,
p'ra fora, de instante a instante;

Só o sono, meu único alento,
quando um passo já não empurra outro passo,
eu vou pra fora com o meus pensamentos,
enquanto meus olhos se fecham de cansaço.

DESENCANTO

...Meu futuro – um mar sem porto, sou um ser de mim
cativo com presente vivo, morto; e um passado morto, vivo

É frio o temor que angustia.

É difícil achar quem o desfaça,
fazendo voltar de novo aquela graça,
como a luz do sol na longa via.

Há quanto não me vejo mais tão ledo,
o ardente ar meu rosto não festeja,
só solidão, ansiedade e medo,
e o olhar gelado que me beija.

Ficou restando o artifício
de ocultar a dor sob o sorriso,
com o meu semblante por ofício,
contente faz do inferno o paraíso.

De repente, tudo que me era chama,
e que até à pouco me manteve aceso,
apagou-se, e a vida onde estive preso
quebrou, e o presente se derrama.

Assim, sem destino, horizonte, par,
sigo e sequer meu corpo oscila,
busco à luz de uma deserta vila,
Onde fica quem não pode amar.
No meu olhar, que em nada pára,
nenhuma imagem ficou mais perto
só poeira e vento vestem-me a cara,
como se eu caminhasse num deserto.

CILADA

Passa o tempo e há tanto me anulo e a vida segue assim
virando a folha, sinto agora que a busca não é minha, que importa!
Se o meu eu não tem escolha.

Não há esperança. E nada mais me prende,
que difícil suportar parada brusca!
Sigo agora sem aquela imagem altiva
caminho, como quem mais nada busca.

Só que a fera não morreu, esta no peito presa...
e não pára de caminhar dentro da jaula,
neste espaço imaginário, onde agarra
tristes pensamentos como presa.

Os tiros não cessaram – a vida é uma guerrilha –
percorro o mesmo chão... que triste dança,
onde bailava o sorriso, a poesia, a fala mansa,
como par tenho trauma, insegurança ou armadilha.

PERSEGUIÇÃO

Lá fora, de baixo das marquizes, envoltas em jornais, às escuras,
como se de nada fizessem parte, adormecidas estão tétricas
figuras. Seres humanos, vítimas sei lá de quê, talvez da sorte que
conspira, resultado de tantas mentiras, ou quem sabe, talvez de
você. Enquanto o escuro esconde a vergonha, abafando gemidos
de fome, de gente amassada, que não sonha, encolhida, inanimada,
a criança dorme...

Sigo a procura de algo,
num ônibus que ganha a estrada,
um desafio... Um passo pro tudo,
ou então, outro passo pro nada,

olho os carros empurrando o chão,
o chão empurrando o pneu,
o tiro que tomba o meu corpo
esperança que habita o meu eu;

o vento desalinha os cabelos,
o tempo, o rosto meu,
momentos... Não pude vivê-los,
quanta coisa se foi, se perdeu;

chego numa cidade perdido,
numa capela toca um sino,
mas será que continuo fugindo,
daqueles meus assassinos?...

INSATISFAÇÃO

Como me dar se nada eu recebo e se recebo, não percebo, só me nego. Assim, eu vou seguindo como cego, o fel é o amargo brinde que eu bebo.

Há uma desordem dentro de mim,
quase nada me satisfaz,
em tudo que procuro enfim
há sempre um porém ou mas...

E, embora tão bem escondida,
nas profundezas de minh'alma,
a desordem da minha vida,
surge e eu preciso ter calma.

Mas como? Eu não queria,
porém me abato cada vez mais,
ao ver se agigantar dia a dia,
as misérias sociais.

DESPEDIDA

Que pena! O sonho pára no meio do caminho, há um desânimo, angústia e melancolia. Pararam-no tragicamente e ele não contou com o amanhã nem com as lutas do dia-a-dia. Quis fazê-lo se levantar – esforço inútil meu – ele não pode continuar... que pena o meu sonho,

Assassinado, morreu.

Um olhar segue sério,
segue na noite a lua,
olhar triste, olhar funério,
a dor da ferida crua.

Saí bem cedo do palco,
sem força, sem fé, sem ação,
hoje perambulo na rua,
atrás da razão da extinção.

Do sonho que perdeu-se no espaço,
 Entre lutas, entre preces,
 há nos meus olhos cansaço...
 Será que amanhã amanhece...

Chorei, chorei bastante,
 meus pensamentos pela rua,
 entre astros, folhas e vento,
 e a dor da ferida crua.

DESCOBERTA

Hoje quando os males da vida, desfazem a vista bela, tornando a dor tão enorme, eu acordo a criança que dorme e choro junto com ela.

Estive preso à vida pelo rosto,
 usando toda a força que me tolhe
 e tudo que causou tanto desgosto,
 fazendo-me sofrer, até então,
 é o motivo – a chama que me acende –
 Poderosa compulsão que move o vivo.
 À luta interna que se empreende,
 para se fugir da solidão.
 Mas, como adiantou tanto lamento,
 hoje o monstro imaginário é pequeno,
 porém, no conflito de fora para dentro,
 seguí como morto quando menos.
 Esqueci de mim – fui tão omissos! –
 Pensando tudo ver, como fui cego!
 Entendi que sofri por causa disso,
 este ódio parasita que albergo.

ALIENAÇÃO

Lá fora morreu o meu sonho,
 num chão batido deu-se o último suspiro,
 mas ainda ecoa o barulho do tiro
 que o meu vizinho não ouviu pela televisão
 – nossa única janela de acesso –,
 por onde não recebo o seu cumprimento
 e ele não vê o sorriso que dou,
 o aceno de mão que não faço.
 Porém sabemos da nossa existência,
 só que a certeza corre por conta do acaso:
 ora uma luz que se acende, ora outra que se apaga,
 o barulho da água na torneira,
 o lixo na lixeira no dia certo
 – é a moderna e velada forma de comunicação –
 fortes indícios de que há vida.
 Ah! Mas como ele, da minha janela eu ganho o mundo,
 basta um movimento de mão,
 um simples esticar do braço
 e o planeta ajunta-se em pouco espaço.
 Sem abrir a porta ganho a rua,
 vejo praças, pessoas, violência, guerra
 crimes e tudo o que acontece na terra,
 às vezes em edição extraordinária.
 Participo de palestras, encontros, debates,
 e sofro com a luta da classe operária.
 Diante da minha janela eu sou um estúpido livre,
 uso tão pouco a inteligência...
 Solitário, não faço julgamentos, nem tiro conclusões,
 não há alternativas, pra que criar suposições,
 não deixa dúvida, nem preciso valorizá-la.

sem com quem falar, por que pensar?
 Tudo se resolve, quase sempre acaba bem.
 E, como se fosse uma eterna oração,
 fecho a janela, vou me deitar dizendo amém.
 No outro dia, entre mentiras e meias verdades,
 assisto a desfiles de moda, novelas, entrevistas,
 as retrospectivas que falam sobre a queda do muro,
 – o fim da Rússia da antiguidade –
 O mundo todo falando da AIDS,
 na Bósnia, irmãos se matando,
 na África do Sul, o apartheid
 e entre um fato e outro, propaganda,
 reclame, gente famosa, artistas
 – uma verdadeira loucura –
 Coisa, produtos, manufaturas
 despertam meu eu consumista.
 Sem tomar sereno, vejo a lua, estrelas,
 não me queimo em plena seca do Nordeste
 e vejo, de perto, tanto “cabra da peste”,
 que vive da desgraça daquele povo.
 Diante de tanta injustiça
 sofro, revivo o atentado, choro,
 xingo, rasgo-me de emoção.
 Como vê, da minha “janela”
 sou senhor, escravo e cativo,
 tirou-me a palavra da boca,
 roubou-me o amigo,
 mas através dela, posso ver o meu rosto de ontem
 e pra abri-la, basta apertar um botão,
 posso até escolher a estação:
 se quero sofrer inverno,
 ou se quero sofrer verão.

MILTON LUIZ ZILLER

E S C R E V E R

Eu nunca escrevi a você uma frase bela, uma exaltação de amor. Nem uma carta, nem um bilhete. Eu nunca escrevi nada.

Quis um dia escrever uma expressão bonita como você, como o seu olhar meigo e suave, como a doçura da sua face, com o sorriso marfim com que me obsequia ao nos encontrarmos. Pensei no azul do céu na prata das estrelas sobre o azul veludo, num lago solitário cujas águas são emolduradas pelas ondas provocadas por cisnes irrequietos, com aguapés e peixinhos coloridos...

Pensei numa verde campina, onde velhos pastores sopram divinas flautas acompanhando o sonoro balido do rebanho de ovelhas brancas, arminho esse que, sobreposto à pradaria, lembra-me o meu Palmeiras, o meu verdão campeão, uma paisagem serena de paraíso sem maçã do pecado...

Nem os ventos brandos de outono carregando levemente pelo espaço folhas desgarradas do arvoredado, já quase nu, nem o caleidoscópio proporcionado pela multiplicação de cores dispostas na região abissal dos oceanos, nem as pérolas e peças nobres da arca de um pirata bem-sucedido, nem as brancas espumas que lambem as praias de Caraguatatuba, quando o mar se joga contra a terra, nem outras tantas coisas belas como um conjunto de violinos e harpas bem tocados, a brancura imaculada de um lírio, nem constelações, o Sol, a Lua ou a singeleza do ato de uma criança mordendo um pedaço de pão com manteiga, puderam servir de parâmetro comparativo ante a sua beleza física e interior, d'alma, como se diz, que você consegue transmitir com o seu doce olhar.

Quis comparar você com um amanhecer, com o horizonte dourado pelos primeiros raios solares que avançam sobre o negrume

da noite, trazendo com o alvorecer a luz, o dia, e com o entardecer, o sol caindo devagarzinho no poente, avermelhado, quase sangüíneo, borrando de cor as nuvens-cumulos que se aninham no oeste. E tudo isso não suplantou a luz e o calor que você derramou sobre a minha vida.

Eu quis escrever uma mensagem bonita para você, uma coisa bonita como nenhuma. Algo digno de você. E porque?

Por que você me trouxe a calma, fez reaparecer o sorriso em minha boca; porque você me transmite e me induz à serenidade e confiança, mas parece mesmo que eu não consigo escrever quando estou feliz. É, eu acho que você me ama... Você me faz um bem, amor.

– Meu amigo Ibrahim, a Delci é uma mulher extraordinária.

ACADÊMICO

ÂNGELA MARIA ANDREOLLI GONÇALVES

FLORES ROXAS

São brancas as nuvens que passeiam pelo azul do céu, como são brancas as espumas das ondas das águas verdes do mar.

São brancas as nuvens que carregam as tempestades, como são negras as sombras da noite.

É negro o pássaro preto, como são amarelos, vermelhos, cinzas, tantos outros pássaros.

É verde a esperança que reluz na mata, como são castanhos seus olhos que reluzem o verde esperança que há em meus olhos.

É amarelo o desespero, pálido de cansaço em busca do branco da paz.

São alaranjados os *“flamboyants”*, como são flamejantes as emoções.

São violetas, azuis e brancas as violetas, como são rosas as rosas vermelhas, brancas e amarelas.

São claras as águas de um rio que dizem ser negro, como são coloridos os peixes que nadam nas águas claras do rio que é negro que desemboca nas águas verdes, ora azuis do mar.

É vermelha a paixão, assim como é azul o sangue vermelho dos nobres.

São negros, brancos, marrons e amarelos os homens, todos filhos do mesmo Pai incolor.

É colorido o mundo, assim como meu corpo é um jardim de amor, que são flores roxas que os dentes plantam na pele.

PARTISTE NUM FRIO PÁSSARO DE AÇO

Ah! Meu amor!

Partiste sem sequer me dar um o abraço que prometeste.

E eu que me pus bonita para recebê-lo em meus braços,

Abracei somente o vento, cruzei meus braços no peito,

Sufoquei soluços e lágrimas que impedidas de rolar alagaram minha alma, transbordando a minha dor.

Ah! Meu amor!

Eu precisava de tão pouco,

Bastava o abraço,

Um abraço apenas,

O simples abraço que me prometeste.

Partiste meu amor! Num frio pássaro de aço.

Sobrevoaste a imensidão do continente sob o céu cravejado de estrelas,

Deixaste-me na solidão do pensamento,

Com o coração batendo forte, ansioso por teus braços.

Ah! Meu amor! Partiste!

E eu precisava de tão pouco,

Um simples abraço.

Um abraço apenas,

Um terno abraço.

Sentir minha cabeça apoiada em teu peito e meu corpo envolto no calor dos teus braços.

No entanto, meu amor, partiste!

Deixaste-me só, à espera dos teus braços,

Inerte, de braços abertos, à espera somente dos teus braços.

FECHE A PORTA

Se o amor a sua porta bater, ouça bem suas batidas, e se forem como as do seu coração deixe-o entrar.

Receba-o com um sorriso e convide-o à sentar-se.

Deixe que sua curiosidade percorra as fibras do seu coração.

Deixe-o sentir o aconchego que um peito apaixonado oferece àqueles que se arriscam na aventura de buscar sensações escondidas pelo medo de viver.

Ofereça-lhe a água da vida que dorme tranqüila esperando a hora de transbordar.

Ofereça-lhe depois carinho, que alimenta de esperança à vontade de viver uma paixão e conseguir ser feliz com ela.

Deixe-o fazer suar de emoção.

Deixe que corra por suas artérias, viajando pelos sulcos de seu cérebro pulsante de vontades e desejos guardados na memória ansiosa por despertar.

Deixe-o percorrer seu sangue caminhando por todo seu corpo, sem pressa.

E quando sentir-se seguro, abra sua alma e dê a ele o seu universo.

E depois, não se esqueça – feche a porta!

PASSOS PELA CASA

Ouço passos pela casa
 Temerosa vasculho os cômodos
 Busco nos vãos, sob os móveis, atrás das portas
 Não há nada, nem ninguém
 Ouço passos pela casa
 São passos fantasmas de uma vida exorcizada pelo amor, cobrando
 da paz alcançada a exclusão de seus sonhos
 Ouço passos pela casa
 Passos que caminham sobre o nada
 Passos que retumbam no vazio
 Ouço passos pelas ruas
 Passos invisíveis que me seguem
 Passos passados que nunca passam
 Passos presentes que sei continuarão passando
 Ouço passos pela noite
 Passos compassados
 Passos descompassados
 Passos insones
 E mesmo em silêncio ouço passos em meu peito
 Porque meu peito está sempre comigo ecoando as batidas
 dos passos da saudade que passeia em meu coração.

APOLOGIA DO MEU TEMPO

Um dia somei desejos, subtraí sonhos, multipliquei as ilusões, dividi pelos anos dormidos e o resultado foi muito tempo perdido.

Um tempo que vai, impossível voltar, perdido pelo tempo, para nunca se reencontrar.

E assim vai seguindo veloz na estrada do destino, sem semáforos, em rumo ao horizonte, onde a morte severa aguarda o tempo da ceifa.

Há que se cuidar do sono, dormir é um contratempo e o tempo incansável não recupera a hora perdida em tempo na vida.

Mentira dizer que o tempo matamos, quando é o tempo meliante roubando a vida dos desatentos, que perdem o tempo, sem coragem de pensar nos sonhos tempestivos, temerários e intemperantes, de um tempo futuro, onde o destino atempou um amor de braços fortes e têmpera inigualável que num tempo passado lhes fora apartado.

Reflete no espelho o branco que há nos cabelos das têmperas, sinais vivíveis que o tempo por ali passou.

É pouco o tempo, leviano perdê-lo em vão pelas infantis travessuras adolescentes cometidas no meio tempo que tornam ansiedades temporãs em intempéries passageiras, mas que deixam no coração e no corpo as marcas dos tempos.

Pouco a se viver, muito a se perder se o tempo passar como outono morno entediando a temporada da alma no calor do corpo.

Há de se querer um tempo de verão de céu carregado, negro e repleto das tempestades nas tardes quentes da paixão.

Apesar da angústia temporal e do medo de perder seu tempo, se o amor for seu maior sentimento, nunca dê a ele um tempo.

EU VI A CRIANÇA...

Eu vi a criança sentada na calçada,
 Que tinha o rosto apoiado no queixo,
 Que estava apoiado nas mãos entrelaçadas,
 Que estavam apoiadas nos braços,
 Que estavam apoiados nos cotovelos,
 Que estavam apoiados nos joelhos,
 Que estavam apoiados nas pernas,
 Que se seguravam nos tornozelos magros,
 Que estavam apoiados nos pés,
 Que estavam descalços.

Eu vi o lixo na calçada,
 Toneladas de lixo amontoado na calçada.
 Eu vi a criança revirando o lixo,
 Que estava amontoado na calçada.
 Ela comia o resto dos restos dos pratos,
 Que estavam nos sacos de lixo,
 Que estavam amontoados na calçada,
 Que vieram do restaurante,
 Que despejou o lixo na calçada,
 Que eram sobras de poucos,
 Que faziam o banquete de muitos.

Eu vi a criança vendendo jornal,
 Que usava uma camiseta branca,
 Que tinha a palavra feliz estampada no peito,
 Que suspirava cansado.
 Eu vi os olhos da criança,
 Que usava a camiseta branca,

Que tinha a palavra feliz,
 Que estava sentada na calçada,
 Que revirou o lixo,
 Que tinha a tristeza estampada na alma,
 Que refletia nos olhos,
 Que me olhavam súplices.

Então eu comprei um jornal,
 Jornal que eu nem precisava ler,
 Que aliviou a carga da criança,
 Que usava a camiseta branca,
 Que me deu um sorriso amarelo,
 Sussurrando um muito obrigado faminto,
 Que me cortou o coração.

UM FIO DE CABELO BRANCO

Caído sobre a camisa, cuja cor foge à memória
 Inerte jazia, um fio de cabelo branco

Jaz agora, dentro de um porta óculos azul, cujo interior é de
 camurça amarelo
 Ainda inerte, aquele fio de cabelo branco

Um fio de cabelo branco
 Guardado feito jóia adormecida dentro de um cofre
 Quão tolos são os fios de cabelos
 Apesar de estarem presos às cabeças, não pensam

Pois se assim fosse
Aquele fio de cabelo, guardado inerte dentro do porta óculos
azul, em seu bojo amarelo de carmuça
Jamais abandonaria a cabeça da qual um dia brotara

Tivesse eu esta sorte
Com certeza em seu couro cabeludo eu grudaria minhas raízes de tal
forma, para nunca sair de sua cabeça.

ACADÊMICO ANTONIO DARCI PANNOCCHIA

PROFESSOR ZILLER, O LÓGICO

Morreu? Talvez?
Viveu ou ainda vive, quem sabe?
Cremos, no entanto, que Ele ficou entre nós.
Enfim, qual é então o mistério da vida?

Seria somente estar presente fisicamente?
Ou tão somente por aqui passar e nada mais?
Cremos que não!
Pois, a vida é viver e se eternizar nos exemplos.

Assim foi Ele, viveu vivendo e ensinando
com inigualável autenticidade e postura.
Trabalhava desse modo e fazia bons amigos.
Nunca, porém, deixou de viver vivendo.

De dia e de noite escrevia e lia sobre tudo,
inclusive sobre JOSÉ, seu avô, O JUSTO.
E por ser descendente de brava gente,
detestava INCONGRUÊNCIAS.

Sua realidade foi a lógica.
Acreditava no que via e no que fazia.
Sobre o possível e o impossível não se assombrava.
Não se iludia e nem tampouco se deixava enganar.

Enfim, por tudo isso MILTON ZILLER ainda
está no meio de nós a pedir autenticidade como exemplo e,
ao mesmo tempo, preparando com seu talento a nossa próxima
morada, ou seja, a eterna, posto que,

A MAIOR HERANÇA DA VIDA
É MESMO O LEGADO DA MORTE!

CORAGEM PARA CAMINHAR

Caminho por onde somente querem,
mas gostaria de caminhar por onde sonhei.
Enquanto meu sonho não se acaba, mesmo
assim, caminho por onde ainda não desisto.

Bom seria se fosse por onde sonhei,
para não caminhar para os lados que querem.
E enquanto isso não se acaba, vejo só frustração
por não ter quase mais no que sonhar.

A distancia dessa caminhada é longa.
A jornada é pesada e o sonho
vai se esvaziando frente a realidade
do caminho que querem.

O sentimento quase emudece.
O calor vai se esfriando,
e a força vai também se enfraquecendo.
Mas e a coragem, onde estará?

Ora, por não me faltar é que ainda caminho
pelos lados que somente querem, mas resisto e
readquiro força e tenho esperança de
ainda caminhar, pelo caminho que sempre sonhei.

HAVERES E DEVERES

Por que pretender tantos haveres,
se a vida é de tão curta duração.
Mas os tantos que pretendem, deveriam ser
apenas para propiciar felicidade.

Bem-aventurança com os tantos necessários,
somente, sem o mais e sem o menos.
Para não sobrar aqui e nem faltar acolá.
Seria isto desejar muito?

Para uns sim e para outros não!
Os do sim, esquecem que a vida é temporal.
Os do não, sabem que só a felicidade se eterniza,
uma vez que tudo aqui é emprestado.

Esquecem, porém, que aumentando os haveres
aumentarão também seus deveres.
E quem muito deveres tem por conta dos haveres,
não terá tempo para sentir a felicidade de ser feliz.

ACADÊMICO
ARISTIDES CASTELO HANSSEN

O BUGRE DO MELÊNIO

Era mais ou menos meio dia. Eu sei porque o sol estava lá em cima do céu, aqui não tem poluição e a gente pode medir o tempo pelo sol . Aqui não tem relógio. Quer dizer, o seu Gunter, o alemão, tem um despertador velho mas ele nunca dá corda. Ele comprou o relógio porque falaram que a estrada de ferro ia abrir uma estaçãozinha na corruptela de Jacutinga, ia virar uma vilazinha, uma cidadezinha e a gente ia precisar saber as horas, Mas não fizeram estação nenhuma, acabou que até os trens pararam de correr e só ficou os trilhos e a gente continuou a vidinha de sempre.

Só sei que era maiomeno meidia, eu tinha cabado de almoçar e estava com uma preguiça danada. Mas eu estou com essa preguiça desde o dia que me deram umas palmadas na bunda no dia que eu nasci. Fui na biquinha, molhei a cara pra espantar o sono, e resolvi dar umas voltinhas. Calcei o sapato, vesti uma camisa velha, fui andando pelo trilho, Cheguei na estradinha de

terra, e fui andando ao lado da linha de trem que nem tem mais trem. Cheguei na passagem de nível da corruptela e fui subindo a rua calçada de pedra. Um solão danado, não tinha ninguém na rua nem cachorro. O comércio todo fechado para almoço; quando cheguei na rua da igreja, tinha um mundaréu de gente conversando animado no boteco do Mané Cachola. Entrei para ver o que era, era o seu Zé Peixoto, com o radin de pilha falando que o mundo ia se acabá, o rádio tinha falado e todo mundo falava ao mesmo tempo, ninguém sabia porque o mundo ia se acabar. Mas o rádio não falava mais disso, seu Peixoto mexia nos botãozinho, o danado roncava e chiava, tocava música americana mas não dava mais notícia. O Zé Peixoto falava que era um tal de bugre do melênio.

Enjoei de ouvir conversas, não tinha mais o que fazer, e resolvi tomar uma pinga. Estava sem dinheiro mais faltava poucos dias pra receber meu funrural; quem sabe o Mane Cachola a me dava uma pinga fiado. Pedi, ele deu, e eu fui bebendo devagarinho escutando as conversas, terminei de tomar, resolvi comer uma coxinha que estava no balcão, depois resolvi tomar uma cerveja. Eu costumo tomar cerveja só quando vou na vila receber meu funrural com meu compadre Eugenio. Ele é um homem bom, lê muito livro, lê jornal e sabe conversar bonito, mas nesse dia resolvi sair do costume; a cerveja tava quente mas a coxinha tava fria. Só por educação ofereci pros outro. Zé Peixoto aceitô, bebeu comigo e pediu outra, esta estava geladinha, fomo sentá na mesinha e começamos bater papo.

Começamos a prosear e eu perguntei pra ele o que era esse tal bugre do melênio.

Ele falou que era por culpa dos computadô, uma novidade que apareceu por aí. Falou que o mundo tinha mesmo que acabá, que era castigo de deus, por causa das putaria na televisão e dessa

mania dos home quere i pra lua. Tirou uma bíblia do bolso do paletó e falô que tudo isso estava escrito na bíblia. Eu não sei lê, concordei; Zé Peixoto pediu um conhaque, eu pedi outro, ele pediu outra cerveja, e ficamos bebendo e proseando. Quando demos fé, já tinha anoitecido, todo mundo tinha ido embora e o Mané Cachola queria fecha o estabelecimento. Mandamos dividí a conta Zé Peixoto, pagô a metade e a outra metade mandei marcá e saímos. Aí o Zé Peixoto resolveu ir no putero e me chamô para ir também. Eu falei que era perigoso, nós já tinha bebido demais, mas ele quis ir.

Fomos junto até a linha do trem, ele seguiu pra frente e fiquei pensando na vida, aí escutei um barulhão danado, vinha voando pela estrada um carro e a polícia atrás dele dando tiro, o carro entrou na rua da corruptela, quase me atropelô e foi subindo até a praça da igreja e a polícia atrás dele; respirei fundo, e quando passou o susto fui embora pela estrada. Tava uma escuridão danada. Subi o trilho, cheguei em casa e me deitei sem janta, dormi com sapato e tudo.

No outro dia acordei ainda pensando no bugre do melênio. Quando fui pra cidade receber meu funrural vou perguntar ao Eugenio. Aí viero me avisá que dona Frau, mulher do seu Gunter, tinha falecido, coitado; mulher forte, parecia ter muita saúde, deu um negócio nela e morreu de repente. Era uma senhora meio atrapalhada, era difícil entender o que ela falava, mas tinha muito bom coração. De noite no velório fiquei sabendo o que tinha acontecido na estrada. Os home tinha assaltado um banco na cidade e tava fugindo, fizeram a volta na praça da igreja, seguio pela colônia dos japonês, e no grotão da cascavel acabaro chifrando um barranco. O carro pegou fogo e todo mundo morreu queimado. Se for pecado deus há de me perdoá, mas achei bem feito.

Quando voltei na corruptela fiquei sabendo outra novidade, Zé Peixoto tinha morrido; coitado, era home bão, já estava bebo, tomo outras ca mulherada, e na volta quando ia atravessá a rodovia sem olhá, um carro catô ele e jogô longe; o radinho ninguém sabe onde foi pará.

Era muita coisa que tinha acontecido, num lugar onde nunca acontece nada. Quando fui recebê meu funrural, tinha tanta coisa pra comentá pra meu compadre Eugenio que esqueci de falar do bugre do melênio. Até hoje não sei o que é isso. Só sei que o mundo não acabô.

MARTELO DE BOSCO MACIEL

Cangaceiro desarmado,
beato sem fanatismo,
brasileiro no ufanismo,
poeta sempre aclamado,
dos amigos, muito amado,
amigo sempre fiel,
mistura farinha e mel,
explode e não causa dano,
É o poeta paraibano,
querido Bosco Maciel,

Grande fazedor de imagem,
Inventador de instrumento,
Teimoso como um jumento,
Inventa nova linguagem,
Vive fazendo viagem
Pelo mundo do cordel
Em barquinho de papel

Enganando o desengano
É o poeta paraibano,
querido Bosco Maciel,
Viajou pelo Sudão quatro mil anos atrás
Trazendo a historia mordaz
De dabode e de didão.
Viajou pelo sertão
Num vôo louco e cruel
Pendurado num cordel
Em marrecas-aeroplano.
É o poeta paraibano,
querido Bosco Maciel.

MARVADA

Hoje, logo que acordei,
arrecebi uma carta.
Meus óculo eu não achei,
mas eles não me faz farta.

Uma carta perfumada
que aumentou o meu ciúme,
eu conheci a marvada
só por causa do perfume.

Fiquei sentado na cama
pensando com meus botão:
será que ela inda me ama,
ou é tudo enganação?

Quero sabê a verdade,
matuto mas não consigo:
será que ela tem saudade,
ou tá mangando comigo?

Aquela marvada, assim,
aumentou meu padecê.
Mandou uma carta pra mim
sabendo que eu não sei lê.

AVE PEREGRINA

O verso que não vinha, um dia veio.
ele chegou no meio
de um dia de rotina,
quando eu filosofava
sentado na latrina.

E eu aprendi que ser poeta é isso,
é não ter compromisso
com qualquer filosofia,
com qualquer ideologia,
com o pão de cada dia,
com a monotonia.

Esse caminho não me leva a lugar nenhum,
e é por ele que eu vou.
Chega de caminhos retos,
chega de destinos certos,
chega de criar juízo.

Navegar é preciso,
voar é mister.
A poesia é uma ave peregrina
que ninguém cativa,
que ninguém domina.
Voa sem destino,
pousa onde quer,
pousa quando quer.

ACADÊMICO
ARMANDO COLACIOPPO

ÀS VEZES ESSE MAR...

Esta vida, como o disse um dia o poeta
é, às vezes, lago azul, tranqüilo e manso...
Bramindo, à evolução das suas tretas,
é também, um mundo vão e sem descanso...

Sobre ele a voejar, seguindo as metas,
pássaros selvagens, em seu balanço
As águas revolutas, como setas,
buscam no espaço o céu no seu avanço.

Às vezes, esse mar, um mar fremente,
que espanta do mistério, tão freqüente
todo um buscar que, atrás, o mundo corre...

Como a vida da gente, incontentada,
que sem que a encontre, neste nada,
na busca da esperança que não morre...

GUARDA DENTRO DE TI

Guarda dentro de ti, o que tiveres
de bom, a qualquer tempo em tua vida.
Do sentimento puro, o que quiseres,
guarda no teu calor, pela subida.

E que, também, conserves teu sorriso
a dá-lo ao teu irmão, todos os dias,
e, mesmo em tua dor, se for preciso,
sem lágrimas rolar, mesmo sorrias.

O pranto ou a tristeza que não sejam
da vida, nos teus dias, o que almejam
instantes e o pensar nesta existência.

O mundo, em suas vias de incertezas,
em tudo tem no tempo, esta beleza,
mostrar o que é melhor na sua essência.

AMIGOS QUE EU FIZER...

Se eu não posso fazer, nestas paradas,
feitos que já marcaram tantos vates,
de esplendor a alumiar a minha estrada,
a ornarem o que eu fizer nos arremates.

Não deixarei, também, enfim, mais nada,
senão, do meu trabalho os meus embates,

do que eu feito houver, na vida ousada,
se não terão silêncio ou disparates...

Amigos que eu fizer, eu sei, que um dia,
comigo compartilharão na harmonia,
da vivência, do labor, da lealdade.

Que sempre eu os terei, e os sei, discretos,
ao lado, junto a mim, enfim, diletos,
nos dias, no correr, com amizade.

ACADÊMICO ARY BADDINI TAVARES

O BRASIL DE NOSSOS SONHOS E O ESTADISTA CORPORATIVO

A América do Sul parece não ter digerido a lição duramente aprendida em período relativamente recente. O aparecimento de lideranças de uma esquerda populista, demagógica e ideologicamente indefinida, em várias nações do hemisfério, pode vir a ser, em médio e longo prazo, um fator de retrocesso na comparação com o resto do mundo. Chaves, Evo Morales e outros seguem a mesma cartilha, parcialmente inspirada no modelo de um comunismo *castrista*, que mantém Cuba como uma espécie de peça de museu da história da evolução política mundial. Sequer chegam a observar o comportamento contemporâneo da Índia e da China (que politicamente ainda se diz comunista), países dedicados ao desenvolvimento a qualquer custo, com uma economia privada, de participação global. Sem qualquer sinal de complexo de inferioridade.

Como um preâmbulo da entrada no novo milênio o mundo passou por uma enorme reforma em sua maneira de encarar as questões econômicas internacionais e, conseqüentemente, abandonar velhos pensamentos e métodos. A inevitável expansão de uma economia de visão globalizada pegou o universo dos países emergentes de surpresa e explosivamente. Antes, no mundo bi polarizado pela presença significativa de economias centralizadas, o domínio pelo pensamento controlador do Estado, regia a maior parte dos métodos e programas nacionais de desenvolvimento, francamente voltados para a reserva de mercados e a presença extrema do Estado em tudo que se referisse ao comércio exterior. A queda do muro e o desaparecimento da União Soviética devolveu a linha de pensamento liberal às decisões econômicas das nações. No mundo de hoje, as lideranças empresariais e os governos - obrigatoriamente - tem que pensar da mesma forma, em todos os continentes e quadrantes e, quem não o fizer, arrisca-se a perder a oportunidade histórica de oferecer ao seu povo os benefícios do fantástico progresso material dos últimos anos.

Não se discute nem se vislumbra no mundo ocidental, redesenhado pelo esfacelamento da ex União Soviética e seus países satélites, hipótese diversa da integração na economia globalizada. As vantagens comparativas em um cenário de intensa evolução tecnológica exclui do convívio civilizado quem quer que pretenda manter-se em economias insulares, com métodos protecionistas ou monopólio estatal de comércio exterior. As empresas se universalizam e os conglomerados corporativos passaram a ter poder econômico que se rivaliza com os dos Estados nacionais. O terceiro milênio, nascido em ambiente de economia global, ainda que esteja vivendo pouco mais da metade de sua primeira década, trará dificuldades de acomodação às nações de demorarem a harmonizar-se com a

maneira de integração à economia sem fronteiras. Mesmo conhecendo o custo elevado da integração, ela é a única maneira de competir e suportar os ataques especulativos vindos de todos os quadrantes, com a velocidade do instante. A taxa de juros oficial dos Estados Unidos, tem agitado muito os mercados financeiros de todas as demais nações e isso esta ocorrendo nos dias de hoje e ocorrerá sempre. A teimosia de governos de países ricos em manter tarifas protecionistas para empresas instaladas em seu território, não poderá perdurar sem o risco de guerras de preços que a ninguém convém, por viciar a regra básica do livre cambismo que impõe a competição livre, tendo o preço como indicativo único para negócios.

NOVA POSTURA, DO NOVO REI

Das conseqüências do novo processo produtivo, uma merece especial atenção. O desempenho da economia das nações, sob interveniência estatal, dependentes da formação técnica e intelectual dos burocratas ou, em alguns países de carreira militar, deveria ter terminado. A figura do estadista, ou mais propriamente, a competência, a honorabilidade e o patriotismo dos homens de comando faziam a diferença entre o progresso e o retrocesso. Com o crescimento de transnacionais - conseqüência do enfraquecimento das fronteiras de negócios - e a formação de conglomerados cujo porte econômico pode ser maior que alguns dos países em que opera, seus executivos acabam acumulando poderes impensáveis há pouco mais de uma década. Dai a substituição da figura do Estadista, o Rei, pela do Administrador, o novo Rei. Quem quer que pretenda, em qualquer latitude, assumir reinado, deverá imitá-lo em competên-

cia, atitudes e comportamento. E eventualmente beneficiar-se do reverso da globalização que permite acesso ao poder transnacional a executivos de qualquer nacionalidade, mesmo que todos falando a mesma língua universal, recheada de termos do economês, do tecnicês, invariavelmente em inglês.

A padronização do moderno administrador já vinha sendo realizada por imitação. As experiências das economias desenvolvidas, o ensino de seus mais renovados Institutos e as obras de seus mestres, já formavam o profissional das nações menos desenvolvidas, mesmo antes da globalização, sob a expectativa de que nessa formação estava, muito provavelmente, a chave do sucesso. Não estavam errados os que pensavam assim. Porém sua competência não era tão necessária em economias fechadas. Servia de pouco mais que simples adorno no duelo de palavras e pontuava nas disputas por emprego em empresas que, em razão das limitações dos mercados, não necessitavam de tanto.

O tempo mudou. As empresas nacionais privadas, as antes públicas agora privatizadas e as de maior porte, foram desnacionalizadas e passaram a ter participação ou o controle dos grandes aglomerados transnacionais. Seus administradores locais tiveram de pronto que enfrentar desafios de gestores de corporações habituadas ao embate mundial. Ou desempregar-se. Os que em sua formação, mesmo que em escolas de qualidade, não saíram dos ensinamentos tradicionais e não procuraram o aprimoramento em processo permanente, perderam o vôo da história e truncaram suas carreiras, por falta de preparação. Os simplesmente práticos, pereceram porque o mundo mudou e deixou para trás os que não mudaram com ele.

A PARTE SUPERIOR DA PIRÂMIDE

Os exemplos de sucesso conhecidos do grande público, como Amador Aguiar, ex presidente do Bradesco, se tornaram apenas e tão somente referências históricas. A pirâmide do sucesso econômico individual se desdobrou em duas, sobrepostas. A de baixo tem seu piso nas categorias inferiores das tarefas produtivas e sobe apenas até as pequenas chefias intermediárias. Iniciar a carreira como office boy e pretender chegar à presidência contando apenas com a experiência que os anos de trabalho oferecem, é hoje quase uma impossibilidade. Chegará, no máximo, à encarregado de serviços auxiliares, nada mais. Para alcançar os níveis mais elevados, da segunda pirâmide, começa a contagem à partir da formação universitária. Esta, por melhor que seja, é condição necessária mas não suficiente. Sem título universitário, as portas sequer se abrem. Com ele, mesmo abertas, não autorizam a entrar. Não se tem acesso fácil. É o início de uma selvagem competição pelo sucesso pessoal e material, onde todos os valores positivos se compõem para formar, como resultante, a competência. Competência é mais do que capacidade. Não é apenas o saber mas, acima de tudo, a característica de decidir com a correção e obter os resultados que se esperam.

O capaz pode ser eficiente. O competente é eficaz. Para a empresa do novo milênio, o principal produto é o resultado do balanço. É este que garante continuidade da produção e consequentemente, do emprego, inclusive de seus mais altos executivos. Esta visão empresarial exclusivamente pelo resultado pode parecer uma análise mais superficial, cruel e desumana. Porém, as pessoas querem produtos que são pagos com o dinheiro que é obtido pelo emprego ou pela participação acionária. Qualquer empreendimento que não tenha resultados, deixa de pagar os salários de seu pessoal, fulmina a suada poupança de seus inves-

tidores e não paga seus impostos, impedindo governos de cumprir suas obrigações sociais. Empresa que não rende, não interessa a ninguém.

Dessa premissa sobre o desempenho empresarial, surge o perfil de seus administradores. Capazes e competentes, fazem sua carreira com base em sua história de vida profissional. Sobem a rampa da pirâmide social pelos seguidos sucessos dos resultados obtidos pelos empreendimentos que dirigem com desenvoltura e criatividade.

Assim têm chegado ao pico da pirâmide os *chairmen* das maiores empresa do mundo. Convenceram os grupos econômicos que as controlam ou, em muitos casos, os milhares de acionistas satisfeitos com os resultados, como se fosse candidato à eleição ou reeleição de chefe de Estado, aclamado por grandes empreendedores, pequenos proprietários de algumas ações, obtidas com rendas insignificantes e poupanças feitas à mesa de jantar. Ganham fábulas de dinheiro para si e para os outros, dedicando-se em tempo integral à tarefa de cuidar do patrimônio, aumentar seus conhecimentos, aceitando o tradicional terno cinzento que caracteriza o executivo que se dispôs a deixar de lado sua vida pessoal e familiar, pela carreira profissional.

QUEM SE HABILITA

Para o iniciante, o desafio hercúleo de chegar ao pico da pirâmide pode parecer impossível. Mas a existência de grandes vencedores nos mais ambicionados postos é prova de que alguém - necessariamente - irá substituí-los, mais cedo ou mais tarde. Além disso, novos conglomerados surgem constantemente, oferecendo a quem quiser e puder oportunidades de sucesso pessoal e material.

Para ser um vencedor, siga-lhes o exemplo. Faça, a partir de seus estudos universitários, investimento em conhecimentos, cobrando da escola, dos mestres e de si mesmo. Esforce-se lendo tudo que puder sobre as disciplinas do curso, indo além, em obras modernas, hoje disponibilizadas como nunca nas livrarias, bibliotecas e na Internet. Procure sacrificar algumas horas de lazer, para conhecer pelo menos uma língua estrangeira. Vá fundo nos avanços tecnológicos, fazendo cursos nas diversas áreas ou mesmo treinando e perguntando em seu emprego atual. Se não tem, procure fazer um estágio ou um contrato de treinamento, que pode significar a experiência profissional para ser usada em seu futuro. É possível que a remuneração não seja compensadora mas a compensação, no final, virá sob a forma de qualificação. Não tenha preguiça e não recuse tarefa, aproveitando ao máximo cada oportunidade de saber coisas novas.

Como o mercado de trabalho sofisticou-se e está cada vez mais exigente em relação à competência, a seleção não é mais feita com base no nome tradicional da escola onde o profissional se formou, embora esse caminho não seja desprezível. Aquele aluno noturno que vai estudar após pelo menos oito horas de trabalho, tem sua chance aumentada por ter obtido, durante o dia, a disciplina e a habilidade que somente a realidade das tarefas oferece. Essas horas trabalhadas, se forem utilizadas como parte da formação, acrescentam mais pontos que títulos pomposos. Há uma técnica de aprendizado bastante eficiente para quem trabalha o dia inteiro. Anotar os conhecimentos práticos experimentados e, na primeira oportunidade, procurar nos livros o embasamento teórico daquilo que foi feito. Com certeza há mais a saber do que simplesmente o que foi visto. Em pouco tempo, com esse hábito, se adquire sólido conhecimento aliado à experiência.

Dizem os entendidos que transpiração dá sorte. Ou, melhor, que substitui a sorte. De muitas formas, a idéia personifica o caminho do sucesso através do esforço. Mesmo não desprezando fatores como potencial de inteligência, bom ambiente familiar, até mesmo - com o perdão da palavra - sorte, a chegada aos pontos mais altos da pirâmide empresarial, convém repetir, começa com uma sólida e bem desenvolvida formação universitária, complementada sempre que possível com cursos de pós graduação ou de profissionalização, mantendo-se permanentemente atualizado. Em síntese, o esforço deve começar desde os bancos escolares, bebendo o conhecimento oferecido até a última gota e permanecer estudando, até a aposentadoria ou depois dela.

FORMAÇÃO COMPETENTE: UM BOM COMEÇO

A preparação do executivo que o mercado deseja, conceda-lhe características geralmente conflitantes. Deve ser generalista como formação, não desconhecendo qualquer detalhe da profissão de administrador que escolheu para sua vida e, ao mesmo tempo, especializar-se em áreas de atividades específicas. Essas áreas, que podem ser múltiplas, darão ao candidato a executivo, capacidade para compreender da forma mais completa e perfeita possível, o cenário onde praticará o ato de decidir. Eliminará ao máximo a possibilidade de erro, às vezes fatal à sua carreira. Essa formação generalista/especialista, deve ser preocupação das instituições que o formam, cuja principal avaliação não é outra senão o sucesso pessoal de seus egressos.

É compreensível que os jovens tenham concentrado sua escolha nos cursos de administração. Assustados pela dificuldade de sucesso enfrentada por seus amigos formados em profissões tradicionais e atraídos pela visibilidade social dos executivos bem sucedidos, parece-lhes que o caminho da fortuna e do sucesso pessoal estão mais concentrados nos administradores. Até porque, a geração de uma vaga de engenheiro só ocorre com investimentos milionários, a de gestor pode ser gerada apenas pela vontade de empreendedores que, por lógica, substituem empregados de formação empírica por profissionais formados.

As faculdades, por outro lado, aumentaram em número e em vagas, a partir da segunda metade dos anos 90. Liberto do engessamento de décadas por uma injustificável política de reserva de mercado, o sistema educacional brasileiro tem assistido ao crescimento de novos cursos de administração de empresas, para os quais não tem faltado candidatos, provavelmente em razão da descrença no sucesso que possa ser oferecido por outras profissões tradicionais, como já foi explicado. A grande maioria das instituições, entretanto, ainda mantém seu ensino nos padrões convencionais, sem procurar desenvolver novas alternativas nem acompanhar as tendências mutantes do mercado de trabalho, hoje com uma visão globalizada, ao qual se destinarão seus formandos. O pioneirismo das concentrações curriculares adaptadas sistematicamente às novas dimensões desejadas pelas empresas, implica em enfrentar dificuldades, como encontrar ou desenvolver professores que se disponham estudar e pesquisar para gerar as ementas e programas das novas disciplinas, invariavelmente buscando como fonte obras editadas no exterior.

PREPARANDO PARA O MUNDO REAL

A escolha do curso não deve ser uma loteria. O estudante, preferencialmente orientado e acompanhado por seus responsáveis, tem que ter o máximo de critério na definição da escola possível sem sofrer influência de bem elaborados comerciais apresentados em horário nobre da televisão ou em anúncios nas melhores revistas. A escola necessariamente precisa mostrar com clareza sua preocupação com qualidade e modernidade. Muitas são novas mas precisam ter gestores com experiência e, se possível, tradição. Até porque, a preocupação fundamental de quem pretende construir pedra por pedra um administrador moderno e pronto para o sucesso, está em elaborar um programa com ementário competente e mobilidade que permita atualização constante.

Ao definir o percurso pedagógico dentro dos fundamentos descritos, harmonizando o currículo e seus conteúdos programáticos com a formação de um profissional moderno, plural e concomitantemente preparado para a aceitação de sucessivas inovações que caracterizam o mundo administrativo de hoje, deve pretender:

- conhecer profundamente a ciência administrativa e a arte de sua aplicação na sociedade moderna, complexa e exigente, sempre tendente à inovação inteligente com a qual se constrói o futuro;
- trocar a pequena profundidade dos conhecimentos adquiridos de forma assistemática, geralmente por simples transmissão verbal no local de trabalho, pelo aprofundamento cultural e científico, desenvolvendo gosto pela pesquisa e pelo estudo e exercitando a livre discussão;
- enfatizar a modernidade, admitindo alterações de rumos no encaminhamento dos conhecimentos e das aplicações administrativas, plugando a atenção às questões contemporâneas;

- recuperar o saber como pensamento, dúvida, reflexão e compreensão crítica daquilo que é oferecido pelo complexo mundo produtivo e social e

- reconhecer o caminho que leva à transformação da experiência imediata (não saber) à condição de experiência historicamente determinada (saber), aceitando que a segunda, em qualquer área do conhecimento humano, pode representar valor em si só.

OUSADIA NA FORMAÇÃO

Os gestores da instituição de ensino escolhida para pavimentar a estrada do sucesso, devem ter olhos bem atentos para o mundo. Com pioneirismo, precisam ousar para acrescentar ao que todos fazem, concentrações curriculares além da formação habitual de administradores, dando-lhes algo mais nas competências que o mercado de trabalho, permanentemente em mutação, está valorizando. É imprescindível sensibilidade em sentir a necessidade do mundo econômico de seu entorno, compreender os sérios problemas enfrentados pela empresa nacional, agora globalizada. Os olhos de seus formandos deverão estar sempre abertos para as questões de produção, com a exigência de qualidade e custos competitivos nos bens e serviços - tanto para o mercado interno como para exportação - e financeira que, diante da modernização do sistema plugado no mundo, exige cuidado na contratação de profissionais de posição hierárquica mais elevada.

Muito se deve esperar dos cursos de graduação. Deficiências observadas no sistema educacional quanto ao ensino fundamental e médio, devem merecer atenção e esforço de correção. O profissional

moderno deve ler muito e compreender com exatidão o que lê, interpretando e chegando a conclusões técnicas e lógicas para fazer crescer seu embasamento científico e cultural, sobre o qual irá tirar suas conclusões. Diz-se que o estudante médio brasileiro não lê. Na realidade não lê mesmo, nem durante o curso universitário. As horas de estudo são invariavelmente as mínimas imprescindíveis para realização de avaliações, resultando em distorção perniciosa, já que deveriam ser dedicadas à sólida formação cultural. O estudante pode, em grande parte, ser considerado analfabeto de compreensão, ou seja, capaz de formar sílabas, palavras e emitir os sons que dela resultam. Mas tem dificuldade em compreender os conceitos que a leitura oferece e deles tirar conclusões.

Antes que lamento, a realidade exige ação. O principal agente, entretanto, é o próprio estudante que geralmente se vê diante de uma única preocupação: obter nota para aprovação. Queixa-se ele quando no curso seus professores dedicam alguma horas à leitura silenciosa de textos escolhidos ou querem que seus alunos façam, em casa, pesquisa sobre determinado tema. Se for obrigatório – vale dizer, se valer nota – lá vai o aluno na Internet, procurar alguma coisa já pronta. Engana. Engana a si próprio. Se, ao contrário, realmente estudar e criar, terá como resultado o conhecimento e o aprimoramento do hábito de leitura interpretativa e, como consequência, o rompimento da resistência e, provavelmente, o gosto pelo estudo.

As ferramentas com que contará para lograr sucesso diante dos desafios que o profissional moderno terá que enfrentar, mesmo que de forma embrionária, devem fazer parte do arsenal do formando. Dai para a frente, seus valores pessoais, como disposição para o esforço, ousadia e competência, farão a diferença que o posicionará na íngreme pirâmide do progresso material e social. Não apenas para ele e para os seus. Seu sucesso refletirá no PIB e resultará em um mundo mais rico.

O TEMPO DE RANALI

Com certeza tem sido merecedor da mercê do Criador aquele que consegue completar 93 anos de existência com lucidez de menino e a felicidade de poder participar da vida em sociedade com a plenitude geralmente atribuída à juventude de espírito. Não surpreende seus confrades da Academia Guarulhense de Letras, a oratória leve, límpida e coerente de **João Ranali**, o mais idoso e jovial dos acadêmicos, quando com seu sorriso maroto de garoto peralta, disse que, desta vez – a primeira – deixaria de participar da revista da Academia porque seus olhos já não lhe permitiam a liberdade de ver claramente o que produzia, completando a informação com o otimismo e a alegria que são sua marca: “Mas não estou me sentindo infeliz por causa disso”. E permitiu, com gestos brandos, que este seu admirador e amigo de décadas, publicasse algum material seu, escrito em outra oportunidade, com esta pequena justificativa que explica ao leitor por que não foi aceita sua ausência nesta Revista.

Guarulhos das ruas empoeiradas na seca e enlameadas nas monções, conheceu o jovem delegado de polícia em 1938, recém formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco – foi como aluno dessa Faculdade, orador do Partido Constitucionalista.

Foi estagiário do 1º. Promotor Público da Capital. Em 1944, a pedido do prefeito da época José Maurício de Oliveira – escreveu a 1ª. História de Guarulhos. Ambos, a cidadezinha pachorrenta e o jovem delegado não podiam imaginar, naquele final dos anos trinta do século passado, a grandeza que lhes reservava o futuro. Ranali é delegado aposentado, historiador, escritor, orador e membro fundador da Academia Guarulhense de Letras. Sua história de vida segue, em síntese, nesta Revista.

Cada um vive o seu próprio tempo, dizem os budistas. Mas, quem nasceu nas primeiras décadas do século vinte e vive este começo de um novo milênio, nasceu em um mundo e vive em outro. Ranali é a testemunha ocular de um salto sensacional da humanidade. Aprendeu a escrever no Grupo Escolar de Rincão, sua terra natal, molhando a pena no tinteiro que ficava perigosamente colocado na carteira escolar, secando com mata-borrão para não borrar as letras e, nos dias de hoje, produz suas criações em computadores de última geração. Nasceu em Rincão, Estado de São Paulo, aos 13 de maio de 1913 e, aos seis meses de idade, foi levado pelos pais, na companhia de quatro irmãos, para a Itália, onde com o deflagrar da 1ª Grande Guerra permaneceu até o término do conflito. Retornou ao Brasil 1919, como passageiro de um vapor que viajava entre continentes, sem compromisso com a pressa. No mundo de hoje, a demora é de instantes e, nestes dias, assistiu em tempo real, por diversos ângulos, a Copa do Mundo da Alemanha pela televisão digital. Veio trabalhar em Guarulhos, tendo que passar pelo bairro da Penha, acessível por bonde. Ou, seguindo outro caminho, pelo trenzinho da Cantareira com uma velocidade nunca superior aos 30 ou 40 km por hora, lançando brasas que queimavam as roupas dos passageiros, balançando em sua bitola de 60 cm. Hoje, voa baixo pelas doze pistas da Via Dutra que pavimentou as margens tortuosas do velho Tietê, correndo a seguir pelas chácaras de verdura e pastagens da antiga e sossegada várzea da Vila Maria.

Aceitou tão bem a passagem dos anos que – ninguém duvide – é um homem atual como se tivesse nascido agora. Acadêmico.

ACADÊMICO BISMAEL B. MORAES

SEIS PERGUNTAS INSTIGANTES

Não seria um *democrata de fachada* todo aquele que defende a livre escolha, mas, achando-se arauto da verdade e do saber, disfarça o preconceito, esconde o egoísmo e menospreza a vitória e o trabalho dos que lhe sejam opostos?

Qual é a definição do ser humano que destrói o semelhante como a uma erva daninha e, ainda, recebe aplausos, prêmios e condecoração por seu ato?

Não seria todo herói de guerra, em regra e em síntese, um matador profissional, que entende estar fazendo o bem, quando, em verdade, pratica o mal incontornável?

Não é verdade que o toureiro não passa de um vaidoso covarde que, fantasiado, armado, remunerado, idolatrado e com o aval de *civilizados* insensíveis e inconseqüentes, angustia e abate um animal que não sabe e não pode se defender?

Como analisar o *pragmático* que não sente pesar por aquele que, também filho de Deus, já se extinguiu (só por não ser familiar ou amigo seu)?

É humanamente ético dizer-se cristão, defender a paz e, ao mesmo tempo, achar moralmente correto a morte do irmão por outro, e ainda sorrir?

DO PRECONCEITO MACHISTA CONTRA A MULHER

A Palavra Homem ou a Expressão Ser Humano?

Há um pensamento filosófico, cujo autor desconheço, que diz mais ou menos o seguinte: “Nenhuma lei será perfeita se não tiver por base a lei da natureza”. Destarte, logo se vê, é difícil encontrar-se lei humana que, de uma forma ou de outra, não apresente imperfeição. Por que “Paz na Terra aos homens de boa vontade”, como repete erroneamente a religião, e não “Paz na Terra a todos os seres humanos”? Por que “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, e não “Declaração Mundial dos Direitos Humanos”?

Diante disso, pode-se afirmar que todo o ensinamento existente na Terra é, via de regra, falho, como falho é o homem. Aliás, a palavra **homem** foi imposta nos costumes, nas religiões, nas artes, na filosofia, na ciência, significando a origem da humanidade, a base do conhecimento, o esteio da sociedade, a matéria-prima do progresso. Deliberadamente, é “esquecida” a expressão **ser humano** (que envolve ou engloba **homem e mulher, crianças, jovens e velhos, negros, brancos, amarelos, vermelhos**).

Com esse inconseqüente sofisma, a história, as filosofias, todas as doutrinas, enfim, colocam o **homem** como único representante do **gênero humano** ou da linhagem humana!

Por isso, sem qualquer questionamento, nos livros, nos inú-

meros meios de comunicações e mesmo nos discursos dos doutos, são comuns e naturais expressões como: “o desenvolvimento do **homem**...”; “o aparecimento do **homem** na Terra”; “o **homem** das cavernas”; “o **homem** de Java”; “o **homem** de Pequim”; “o **homem** de Neandertal”; “a história do **homem**”; “evolução social do **homem**”; “a vida do **homem** em sociedade”; “o filho do **homem**”; “o grande **homem**”; “o **homem** da lei”; “o **homem** da capa preta”; “o **homem** das armas”; “**homem** de Deus”; “Deus deu asas ao **homem**”; “...e Deus se fez **homem**,” a marca do **homem** no mundo”; “o **homem** sábio”; “os feitos do **homem**”; “a ciência do **homem**”; “o **homem** das artes”; “o **homem** de letras”; “o **homem** e sua filosofia”; “o **homem** de Estado”; “o **homem** de negócio”; “o **homem** do povo”; “**homem** de pulso forte”; “**homem** dos sete instrumentos”; “**homem** público por excelência”; “o **homem** é um mamífero superior”; “o corpo do **homem** compreende...”; “no estudo do **homem** como gênero dos primatas...”; “o **homem** difere do animal”; “o **homem** pré-histórico”; “o cérebro do **homem**”; “o **homem** moderno”; “o **homem** do ano”; e por aí vai.

Cientificamente, Quem veio Primeiro?

Cabem aqui algumas perguntas simples: existe **homem** sem **a mulher**? Existe macho sem fêmea? Quem nasceu primeiro: o **homem** ou a **mulher**? O **homem** se fez por autofecundação, por geração espontânea, por autogênese?...

Qualquer ser humano ou pessoa do gênero humano, de mentalidade mediana, por certo, perceberá que todas as religiões, as filosofias e as ciências, por serem codificadas, ensinadas e manipuladas pelos **homens**, em regra, são divisionistas e preconceituosas e, por isso, envolvendo orgulho e vaidade, possibilitam a perpetu-

ação do domínio do mundo pela força e pela ignorância dos” donos da verdade”.

No mundo, com milhares de anos de “civilização”, ainda há lugares onde a **mulher** é tratada pelos **homens** como um ser de quinta classe; não podem se manifestar em presença dos “machos”. Mesmo no Brasil, só em 1934 a **mulher** teve reconhecido o seu direito de votar e ser votada. (Mas essa mulher, manietada e oprimida pelos costumes que lhes são impostos, vem procurando, em silêncio, alicerçar-se no conhecimento, e hoje já é maioria em escolaridade, em várias partes da Terra! Não há dúvida de que as **mulheres** governarão o mundo e muito ensinarão aos **homens**, como as mães sempre o fizeram e fazem aos filhos).

Na verdade, os grandes escritores, os filósofos, os patriarcas, os pesquisadores, os cientistas, os historiadores, os religiosos, os doutrinadores, via de regra – ou porque nunca aprenderam ou porque concordam com isso –, “esquecem” ou parecem “esquecer”, em suas obras e em suas lições, que nasceram de **mulher**, foram por elas amados, amamentados nos seios, alimentados e ensinados, desde os primeiros passos, e protegidos!

Os enciclopedistas e filólogos, nos seus trabalhos intelectuais, tratam da **mulher**, apenas, como um ser humano do sexo feminino, aquela que atingiu a puberdade, a esposa, a amásia, a concubina, etc. Alguns, em tom de agrado ou amabilidade, muitas vezes hipocritamente, procuram dizer que ser **mulher** e “ser mãe é padecer no paraíso”...

Sociologicamente, Como Nasceu o Pudor?

Aliás, quem se dispuser a pesquisar uns poucos autores sérios no Direito, por exemplo, no que tange à **liberdade sexual**, verificará que os costumes sociais e a força do poder, deteriorados,

ao longo do tempo, sedimentaram-se como “moralmente bons” pelos machos. Em razão dos grandes vícios daqueles que governavam, faziam as leis e realizavam a justiça, alguns seres mais esclarecidos eticamente procuraram, aos poucos, introduzir freios legais, para ensinar aos homens a diferença entre **amor** e **sexo**. Fazia-se imprescindível uma barreira à **liberdade sexual pelo avesso** (só os machos tinham direitos), como garantia das **mulheres** – mãe, filha, neta, irmã, esposa, sobrinha – de todos os homens. Não respeitar a filha, a irmã, a esposa ou a mãe de outrem era, ao mesmo tempo, garantir que outros desrespeitassem as próprias mulheres de sua família. Portanto, – afirmam alguns escritores –, os **homens** mais pensavam na “sua própria honra” do que “na honra e no recato” de que eram e são merecedoras as **mulheres**! E nasceu o que se chama **pudor** para disciplinar o instinto sexual dos **homens**.

Registra o psicanalista italiano de sobrenome Morselli (cf. Prof. Magalhães Noronha, “Direito Penal”, 3º vol., Saraiva/SP) que “**o pudor nasceu do instinto de propriedade do homem que, mais forte do que a mulher, a obrigou a ocultar partes do corpo, para que outros não a desejassem**”. E o Direito Penal, em razão da moralidade pública, passou a: 1) tutelar a maturidade sexual da mulher; 2) resguardar-lhe, também, a liberdade sexual (somente ela podendo dispor do corpo); 3) evitar a corrupção sexual (porque o sexo tem finalidade biológica e social); e 4) prevenir a mulher contra a prostituição. (Mas, além de não haver escola de moral sobre a face da Terra – um cabedal que depende do aperfeiçoamento humano –, os governos, as religiões e as leis estão nas mãos dos homens!).

Por que Não uma Pergunta aos Machistas?

Além do tratamento ignominioso utilizado por alguns falsos puritanos e religiosos hipócritas ou estrábicos – “mulher impu-

ra”, “mulher do demônio”, “mulher pecadora”, “mulher de Putifar”, “mulher tentação”, “filha do diabo” - , bem como dos aumentativos gracejosos “mulherão”, “mulheraça” e “mulherona”, o mestre Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no seu “Novo Dicionário Aurélio”, registra o pouco feliz e preconceituoso sentimento popular brasileiro, no que tange à mulher como meretriz: “mulher da comédia, mulher da rótula, mulher da rua, mulher da vida, mulher da zona, mulher de má nota, mulher do fado, mulher de ponta de rua, mulher do mundo, mulher do pala aberto, mulher do piolho, mulher errada, mulher fatal, mulher perdida, mulher pública, mulher vadia, mulher-dama, mulher do fandango, mulher mundana, mulher solteira, mulher decaída”, e outros nomes, assim como apelidos pouco lisonjeiros - “puta, prostituta, marafona, cortesã, andorinha, biraia, biscate, bofe, bruaca, bucho, frega, fubana, madama, marafaia, rapariga, piranha, perua, quenga, tolerada, transviada, vaca, vaqueta, vigarista, zoinha”, e tantos mais, todos indignos para a figura e a importância da mulher na formação da sociedade humana.

Faz-se imprescindível, por fim, uma pergunta oportuna e, sem dúvida, embaraçosa para os machistas: - Existe no mundo algum rei, presidente, ministro, general, chefe religioso, parlamentar, letrado ou analfabeto, em qualquer atividade terrena, que não tenha nascido do ventre da mãe e que não necessitou do seio, dos braços, dos cuidados, das lições e do amor dessa mulher, que, nos momentos de penúria ou de fartura, de tristeza ou de alegria, sempre foi e será, sem jactância, um ser humano criado por Deus para guiar o homem, esse animal racional, vaidoso e carente ?

(Alocução do Acadêmico Bismael Batista de Moraes, no plenário da Câmara Municipal de Guarulhos, por ocasião de sua posse, no dia 8 de dezembro de 1990, na Academia Guarulhense De Letras, para ocupar a cadeira que tem por patrono Paulo Setúbal)

Excelentíssimo Senhor Doutor GASPARINO JOSÉ ROMÃO,
Digníssimo Presidente da Academia Guarulhense de Letras;
Excelentíssimos Senhores Acadêmicos integrantes deste sodalício;
Ilustres autoridades presentes a este recinto;
Minhas senhoras, meus senhores, meus amigos.

DIRIJO UMA CARTA A PAULO SETÚBAL (ONDE ELE ESTIVER)

Sou dos que acreditam na imortalidade da alma. Mas isso não é novidade, pois, antes mesmo da vinda do Cristo, o grande filósofo Sócrates, com base nos conhecimentos adquiridos em sua trajetória espiritual e alicerçado em suas reflexões, já o transmitia à posteridade.

Por isso, onde estiver, permita-me o insigne PAULO DE OLIVEIRA LEITE SETÚBAL, neste momento, que o trate de maneira menos formal e mais próxima, para que eu não me iniba diante da sua figura e de sua imensa obra. E se falhas houver, – e elas sempre ocorrem –, o perdão existe para o momento em que os poetas e os escritores ou aqueles que os pretendam imitar (lugar onde, humildemente, entendo achar-me) tenham que ser julgados.

Como elementos de ordem biográfica, verifico que o seu nascimento se deu em 1.º de janeiro de 1893, na pequena Tatuí,

Estado de São Paulo. Ficou órfão de pai aos 4 anos de idade, transferindo-se para a Capital de São Paulo, com a mãe e 8 irmãos. Aqui, bacharelou-se, em 1914, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi atacado pela tuberculose, tendo feito estadas em Campos de Jordão, no Estado de São Paulo, e, depois, em Lages, Estado de Santa Catarina, onde teve grande sucesso como advogado. Em 1927, elegeu-se deputado estadual, mandato para o qual foi reeleito. Também exerceu o jornalismo, tendo sido revisor e redator do jornal "A Tarde". Faleceu em 4 de maio de 1937, aos 44 anos de idade.

Mas não foi pela sua condição de advogado, político ou jornalista, tão somente, que chegou a Membro da Academia Brasileira de Letras, e sim pela sua importância literária, pela sua contribuição de autor inspirado, destacando-se nos romances, nos contos históricos, nas crônicas, nos ensaios e nos versos.

Seu primeiro trabalho publicado foi: "Alma Cabocla", em 1920, um livro de poemas, descrevendo as belezas do sertão, especialmente, na sua visão das fazendas de café e das pessoas que, com simplicidade, aí vivem. Desse primeiro livro de versos, faço extrair os seguintes:

"Depois – a máquina, a tulha,
O alpendre, o farto paiol:
Ah, como a roça se orgulha
De ver subir a fagulha,
Que lança a máquina ao sol!

Ao longe, o pasto, a cancela,
– Um boi deitado no chão:
Paisagem rude e singela,

Daria fina aquarela
De puro estilo aldeão.
E, na doçura que encerra
Esta simpleza daqui,
Viver de novo, na serra,
Entre as gentes desta terra,
A vida que eu já vivi..."

Depois de "Alma Cabocla" (poesia), foi grande a sua inspirada produção, com livros editados em 1925, 1926, 1927, 1928, 1931, 1934 e 1935. Mais tarde, em 1956, a Saraiva Editores procurou reunir as obras de PAULO SETÚBAL, mostrando-o como um escritor que "nunca se apresentou no mundo das letras apadrinhado por nome de escritor que lhe servisse de bandeira ou de apoio. Venceu sozinho, e esta é uma de suas glórias: foi e é o autor mais lido do Brasil". É o que se lê do prefácio do seu livro "Ensaios Históricos". Dessa apresentação dos editores, descobre-se "a severa erudição transformada em simplicidade, num esforço único de inteligência e arte, de que PAULO SETÚBAL era capaz".

"Além de poesia, romancista e historiador, PAULO SETÚBAL foi um grande orador. Quem o ouviu, improvisador emérito na tribuna jurídica e parlamentar, ou como conferencista, guarda uma recordação indelével". Tinha "eloqüência medida e moderna, e, ao mesmo tempo, vigorosa e vibrátil..." - completam os seus prefaciadores.

PAULO SETÚBAL escreveu as seguintes obras, que foram juntadas pela Editora Saraiva: a) romances: 1- O Príncipe de Nassau; 2- A Bandeira de Fernão Dias; 3- Os Irmãos Leme e 4- A Marquesa de Santos; b) contos históricos: As Maluquices do Imperador e 2) Nos Bastidores da História; c) versos: Alma Ca-

bocla; d) crônicas: O Ouro de Cuiabá; e) episódios históricos: 1) El-Dorado; 2) - O Sonho das Esmeraldas e 3) - O Romance da Prata; f) memórias: Confiteor; e g) ensaios: Ensaio Histórico. Ao todo, foram 13 livros editados, além de artigos para jornais e revistas.

Observe-se, neste momento, que todos os seus trabalhos passaram por várias edições. Além disso, o seu romance "A Marquesa de Santos", com tradução inglesa de Margareth Richardson, foi editado em Nova Iorque, Estados Unidos, pela Coward-McCann, com o título de "Domitila: The Romance of an Emperor's Mistress".

Em síntese, eis alguns elementos do grande PAULO SETÚBAL, cuja cadeira de patrono, na Academia Guarulhense de Letras, passa a ser ocupada por mim, muitos anos-luz distante de tal monumento literário, pois ofusca-me a sua fulgurância.

Desta forma, senão pelos olhos complacentes e pelos corações bondosos dos amigos, como poderia eu estar aqui? Até onde vai o meu eventual valor e onde começa a minha vaidade? Eis uma pergunta que me faço. Somente pela magnanimidade dos bons, aqui estou.

Quem não gostaria de ser bonito, saudável, inteligente, poderoso, rico e famoso? Entretanto, descobre-se que os quatro pilares do progresso, estruturados pelos seres humanos, são compostos de trabalho, escola, disciplina e muito amor.

Nascer à beira do canavial, na Zona da Mata, dá os primeiros passos no agreste nordestino, crescer no asfalto e na fumaça de uma terra aquecida pela máquina, tentando acompanhar o seu ritmo, sem perder o senso do real à sua volta, sendo e agindo pela razão, eis a minha caminhada.

O Universo, criação de Deus, pertence a todos nós. Nele, sempre necessitamos dos semelhantes. É bom que não esqueça-

mos: não há grande sem pequeno; com mãos calejadas ou pés no chão, ou com tapetes ou cristais à nossa volta, sabemos que, sozinhos, nada somos. É o nosso cérebro que dá vida ao eletrônico, e as pessoas devem estar sempre acima das coisas.

Quero crer que a humanidade deve mais à fé e à ação dos idealistas do que à planificação dos estudiosos. Por isso, ainda acho que investir no amor dá lucro certo. E dentre os meus grandes desejos está o de vender paz aos quilos. Almejo, assim, paz na Terra a todos, e não somente "aos homens de boa vontade..."

Entre nós – PAULO SETÚBAL e este seu admirador – existem alguns dados próximos: ambos viemos de municípios pequenos do interior – e ele, de Tatuí, Estado de São Paulo; eu, de Catende, Estado de Pernambuco; ele, falecido em 1937; eu, nascido em 1936; ele, formado em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, e eu, também, bacharel por aquele templo do Direito, onde aprendi que estudar tal ciência é plantar semente de justiça. Entretanto, a distância entre o brilho do sol, que é representado por PAULO DE OLIVEIRA LEITE SETÚBAL, e um pirilampo, – que assim me vejo –, é imensa.

Todavia, honra-me, sobremaneira, ocupar a cadeira, da Academia Guarulhense de Letras, que tem como patrono esse imortal vulto literário brasileiro que se chama PAULO SETÚBAL.

Gostaria de, neste instante, ter a inspiração do grande escritor ou, pelo menos, contar com alguns minutos de poesia, para agradecer aos membros deste sodalício por me receberem em seu seio (em particular, ao ilustre professor Laerte Romualdo de Souza, dileto amigo, avalista do meu nome para esta Academia).

Entendo que viver sem sonhar é menos do que pensar sem dizer, que é menos do que falar sem agir, que é menos do que fazer e calar...

Obrigado.

CLARIMUNDO AGUIAR

15 DE NOVEMBRO

Para melhor se compreender o processo da implantação do sistema republicano no Brasil, há uma imperiosa necessidade de se conhecer o Brasil Imperial, não com a nossa atual visão republicana, que sempre procurou denegrir a administração monárquica, esquecendo-se de ressaltar o que de bom ocorreu durante o democrático e longo governo de Sua Majestade Dom Pedro II.

Durante o século XIX, estava o Brasil no contexto dos países de toda a América, numa posição privilegiada dentro do continente americano, isto tanto no seu desenvolvimento científico, agrícola e democrático. Apesar de ser a única monarquia em toda a América, entretanto, era uma democracia, aos moldes das liberdades pregadas por todos os países que se diziam democráticos, fato que não ocorria com todos os seus vizinhos americanos, que se denominavam republicas, mas, que na realidade, eram ditaduras governadas por déspotas que de democráticos nada tinham. Entretanto as verdadeiras democracias, quase todas monárquicas, concentravam-se, somente, em alguns países do velho continente.

A democracia, tal como a vemos hoje, ainda não existia, todavia, os processos de liberdade já começavam a florescer no parlamentarismo monárquico e estabelecimento dos quatro poderes, totalmente autônomos, Judiciários, Legislativos, Executivos e Moderador. Os governos absolutistas monárquicos do século anterior haviam-se tornado em republicas fortes, que de democráticas só tinham o nome ou em Monarquias Parlamentaristas.

Temos também de analisar o paladino democrático do mundo moderno, os Estados Unidos, que já nessa época estavam firmando o seu imperialismo pela América Central e extremo oriente, invadindo o México, Cuba, Japão, Havaí, Porto Rico e mais os pequenos países da América Central, onde passariam a influir, pela força, o seu imperialismo e a influencia republicana.

No Brasil, o governo imperial não partira para o imperialismo, pois, sempre se portara como um país pacífico, tanto, que o nosso exército era totalmente inexpressivo. O que o levou a uma crise financeira descomunal, quando o território nacional foi invadido pelo Paraguai, que ocupou durante cerca de dois anos toda a região sudoeste, desde Mato Grosso ao Rio Grande do Sul. Para criar um exercito e poder enfrentar a agressão paraguaia, Dom Pedro II foi obrigado a empenhar os portos do Rio Amazonas com a Inglaterra, em troca de armamentos e fardas com que equipar os exércitos dos Voluntários da Pátria. Crise que mais tarde facilitaria o golpe de estado que implantou a republica.

Entretanto em nosso país, na visão do seu Imperador, tornava-se numa verdadeira democracia, incipiente sim, mas, contendo o que na sua época era o que de mais democrático havia, tanto que o imperador permitira a criação de dois partidos republicanos.

No meu modo de ver, a abolição da escravatura não influiu na queda do regime monárquico, pois, o processo da libertação do povo negro já vinha acontecendo gradativamente, graças a vá-

rias leis que protegiam os escravos, tais como: a lei do ventre livre, a lei do sexagenário e a própria guerra do Paraguai que libertava os escravos que houvessem se alistado e lutado contra o invasor paraguaio. Os fatos mais preponderantes para a abolição foram as grandes emigrações, que traziam, aos milhares, para trabalharem nas fazendas de café, italianos, espanhóis, portugueses, alemães e mais tardiamente os japoneses, que chegavam ao Brasil fugindo das guerras e da fome que se abatera sobre o velho mundo. Para os fazendeiros e para os industriais que começavam a prosperar na Cidade de São Paulo, os emigrantes eram economicamente mais vantajosos, pois, além de serem trabalhadores especializados, não estavam obrigados a sustentá-los, bastava pagar-lhes um mingua-do salário e o restante era por conta deles. Portanto, os escravos negros estavam sobrando eurgia livrar-se desse problema que os vinham atormentando à vários anos.

Com o crescente enriquecimento dos fazendeiros do café e dos novos industriais, uma nova sociedade estava-se formando, essa nova sociedade não tinha raízes com a nobreza brasileira, como também a nobreza brasileira não tinha raízes profundas com a própria monarquia. Havia um desajuste entre o dinheiro e o poder, o dinheiro estava com a burguesia e o poder com a nobreza, fraca, falida e empenhada com a burguesia. Como quase toda a riqueza do país estava localizada entre a região de Minas Gerais e São Paulo, é da região sudeste que começa a surgir o esquema do golpe de estado que deporá a família imperial. A implantação da republica dá-se sem o conhecimento do povo que apoiava e venerava o seu imperador e por longo tempo foi mantido na ignorância, tanto que quinze anos após em algumas região do nordeste do Brasil o imperador continuava a governar o país.

A nova republica brasileira, não era democrática e tão pouco gostava de eleições e de congressos, era uma ditadura que se reveza-

va periodicamente entre São Paulo e Minas Gerais e mantinha o congresso sobre a mais restrita vigilância e os seus ocupantes eram eleitos em pleitos já determinados, de modo a que a oposição nunca conseguisse força para derrotar o governo constituído e para a visão dos outros países o Brasil era para todos os fins uma democracia, assim, para o povo, que era obrigado a votar, em voto aberto, fingia que elegia os seus representantes e para a política externa era o Brasil era mais uma democracia no contesto do mundo.

Só as verdadeiras democracias necessitam de pensadores e de povo esclarecido, canalizando para a juventude todos os recursos necessários para que a cultura e o conhecimento das futuras gerações, pois, a continuação da prosperidade e a consequente equiparação das classes sociais só são possíveis através de escolas de qualidade e ampla freqüência de todos. Já as ditaduras e as falsas democracias sempre procuram embotar o pensamento, através da propaganda dirigida e do empobrecimento do sistema cultural, enquanto restringem uma parte do povo aos bancos escolares e usam a imprensa, escrita e falada, como instrumento de controle e propaganda.

Sem uma imprensa livre não pode haver liberdade e muita menos democracia e não é pelo fato de um estado se auto denominar republica, que está apto a ser considerada democracia, as democracias independem de ser republicas ou monarquias, pois, este ou aquele nome nada representa se o povo não tiver justiça social, escolas abundantes para todos os seus cidadãos independentes de cor, raça, credo ou mesmo de condição social. Os governos que não tiverem como principal objetivo o futuro dos seus jovens, não são e nunca serão verdadeiras republicas democráticas.

O PROCESSO HISTÓRICO QUE LEVOU AO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

O processo que levou ao descobrimento do Brasil levou mais de cem anos e, de modo algum, não foi um procedimento fácil, muito ao contrário, além de ter demorado por cerca de um século, teve um alto custo em vidas e bens.

Está Portugal localizado na ponta extrema da Europa, tendo como vizinho, o seu mais antigo rival, a Espanha e o Oceano Atlântico. Como a Espanha não lhe daria condições de expansão, somente, restava aos portugueses o caminho do Atlântico.

É tão fácil, para nós, de falarmos o caminho do Atlântico. Nos dias de hoje é somente subir num barco e rumarmos por todos os imensos oceanos, porém, numa época em que os homens só navegavam dentro do mar Mediterrâneo e nunca antes se haviam aventurado além das Colunas de Hercules, o que estava para além do Estreito de Gibraltar era uma temerosa indagação, povoadas de grandes monstros e de abismos tragadores de barcos e de homens.

Sendo o Mar Mediterrâneo um enorme lago com uma pequena passagem para o grande e tenebroso mar ignoto, sua navegação era muito simples, feita em pequenos barcos de velas triangulares e então em grandes galeras a remos e velas retangulares. Como não enfrentavam grandes temporais e tampouco grandes vagas, eram, normalmente, os barcos de casco raso e de pouco calado, o que, de modo algum, serviria para se aventurarem no grande mar desconhecido.

Tudo começou lá pelos fins do século XIV, quando um príncipe português D. Henrique sentindo a necessidade de expandir o território nacional, empreendeu o processo de expansão a caminho da África, partindo do promontório de Sagres, na ponta extrema de Portugal, ao Sul de Portugal. A primeira grande con-

quista foi a Cidade de Ceuta, onde os portugueses estabeleceram uma espécie de colônia, que servia de base às futuras operações para a conquista de novas terras.

Com o estabelecimento do domínio lusitano sobre essa cidade moura, o intercâmbio entre a Península Ibérica e o norte da África tornou-se uma constante, porém, estas viagens ainda eram feitas no limite do Mediterrâneo não adentrando ao Atlântico, ou seja, dentro do estreito de Gibraltar.

O domínio da cidade de Ceuta permitiu aos portugueses empreenderem novos empreendimentos dentro da chamada Costa da Berbéria, assim, gradativamente, foram seguindo a costa africana rumo ao Sul, isto já entrando nos domínios do grande Mar Ignoto. Quando os barcos que normalmente faziam o trajeto no Mar Mediterrâneo tiveram de enfrentar as altas ondas do mar aberto, verificou-se que tais embarcações não tinham condições de lá navegarem e muito menos de resistiram às fortes correntes submarinas e muito menos de poderem navegar contra o vento e tampouco usarem remos. Havia necessidade de serem criados barcos com condições de navegabilidade em águas tão profundas e violentas. Os pequenos barcos usados até essa época foram reformulados, surgindo as caravelas, que eram o misto dos barcos mouros e os dos barcos romanos, agora providos de uma quilha profunda e um costado alto e também com a adoção dos dois sistemas de velas conhecidos, a latina (retangular) e a moura (triangular). Estas modificações passaram a facilitar a navegação em alto mar, todavia, os barcos ainda eram de muito difícil manejo e de precárias condições.

Sentindo toda esta dificuldade, o Infante D. Henrique reuniu em Portugal, bem no Promontório de Sagres, todos os grandes conhecedores da arte de marear, eram árabes, judeus, genoveses e todo e qualquer homem que pudessem contribuir para o desen-

volvimento das artes de marear. Estes homens formavam uma espécie de confraria, onde todos esses segredos eram desenvolvidos e aperfeiçoados e mantidos sobre juramento.

Pouco a pouco o grande oceano foi sendo desbravado, primeiro veio o descobrimento das Canárias, depois o da Madeira, isto nas primeiras tentativas de se afastarem da costa, navegando para onde o horizonte se faz confundir com o céu. O processo de avançar contornado a costa africana é simultâneo com o de avançar mar adentro, todavia na costa da África a navegação tornava-se muito difícil, pois os portugueses depararam-se com as correntes submarinas de subiam do sul para o norte por toda a extensão do litoral africano dificultando a descida rumo ao caminho das Índias. Na linha dos descobrimentos havia duas vertentes, os que aventuravam pelo mar alto, saindo da proximidade da costa e dos que tentavam seguir a Sul, percorrendo légua a légua toda a extensão da costa. A primeira das descobertas junto à costa africana foi a do Arquipélago de Cabo Verde, que passou a ser a ponte de ligação entre Portugal e o caminho a ser desbravado.

Devemos levar em conta que já se haviam passado mais de trinta anos e os portugueses ainda estavam a poucas léguas do seu porto de origem, todavia, grandes progressos já se faziam sentir, as caravelas haviam-se tornado em naus, o comando dos barcos usava a roda do lema e vez da tradicional cana e os pilotos manipulavam instrumentos de navegação que lhes permitia localizar-se um qualquer ponto do grande mar, como determinar o contorno das costas e das ilhas por onde passariam, permitindo, para mais tarde, o retorno aos locais descobertos.

As duas vertentes de navegantes iam, légua a légua, acrescentando novas descobertas a precária arte de marear. Lá por meados do século XV, já os portugueses haviam descoberto o arquipélago dos Açores, como, já tinham atingido a Costa da Guiné.

Todavia, na medida que se aventuravam mais a Sul, mais dificultosa era essa aventura, um estranho promontório demarcava o chamado fim do mundo. O fatídico Cabo Não opunha-se ferozmente a ser ultrapassado, cobrando um alto tributo em vidas e bens. Para cada viagem empreendida era normal a perda de 50% dos homens e das naus nela empregada.

Esta situação vem-se mantendo até perto do terceiro quarto do século, quando o navegador Bartolomeu Dias notou que a partir de Cabo Verde os ventos eram constantes e levavam a sudoeste, associando a descobrimentos anteriores, que já determinavam novas terras a sudoeste da linha do equador, Bartolomeu Dias seguiu a linha do vento, devendo ter chegado muito perto, senão até, à costa de Pernambuco. De lá deixou que os ventos o levassem ao Sul, chegando finalmente ao Cabo das Tormentas, o último baluarte para a descoberta do Caminho das Índias. Dois anos depois, Vasco da Gama, seguindo o caminho demarcado de Bartolomeu Dias chega a Calcutá, logo depois em 1500 Pedro Álvares Cabral, seguindo o mesmo caminho descoberto por Dias, chega à Costa Brasileira no dia 22 de abril de 1500.

É incoerente afirmar ter sido a descoberta do Brasil um acaso da sorte, ou, muito menos, derivada das grandes calmarias que haviam desviado as naus do seu caminho original, foi sim, um processo lento e gradativo que durante um século foi desbravando o ignoto e levando conhecimento ao atraso intelectual da Europa de então.

A divulgação desses segredos, tão ciosamente guardados pelos portugueses, deveu-se à traição de Cristóvão Colombo que roubando os segredos do seu sogro o navegador Bartolomeu Perestrelo, os levou para a Espanha, colocando os seus serviços à disposição dos reis católicos, até então, era dos portugueses o domínio dos conhecimentos náuticos. Não foi a intuição de Colombo que o levou à América, mas a certeza de haver terras a sudoeste e a

oeste, não exploradas pelos portugueses que tinham como objetivo o caminho para as Índias.

A grande divisão entre a Idade Média e a Idade Moderna deveu-se aos conhecimentos trazidos pelos portugueses durante o século português. O mundo a partir dos Grandes Descobrimentos não foi mais o mesmo, mudando-se a física, a geografia a astrologia e, porque não, a própria face do homem que passou a se ver como o centro de tudo, essa época foi denominada de humanismo.

O PROCESSO DA INDEPENDÊNCIA

Se analisarmos a Independência do Brasil, nos anais da sua época e nos acontecimentos históricos ocorridos no período, esta começou precisamente no dia que o Imperador Napoleão Bonaparte resolveu invadir Portugal.

Partindo dessa primícia, temos de retornar no tempo e localizar a Europa durante a segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, pois lá encontraremos as causas das inúmeras conturbações políticas sociais ocorridas no período chamados de Iluminismo.

Iluminismo foi a denominação encontrada para qualificar o grande movimento de idéias e ideais, alimentado por uma premente necessidade de conhecimento de todas as ciências: das técnicas e da filosofia, conhecimento furtado da humanidade durante séculos, relegando o homem à condição de subserviência pela ignorância. O Iluminismo foi uma corrente inquisitória que procurava encontrar resposta para as grandes questões da humanidade, o homem está agora descobrindo o próprio homem, analisando mais profundamente o mundo ao seu redor e verificando que

ele, Homem, é o centro do mundo e que tudo está ao seu redor para ser descoberto e usado.

Os iluministas e o iluminismo acabariam por transformar o pensamento humano alterando, também, a relação entre governados e governantes.

Aquela foi uma época maravilhosa, quando o homem começa a indagar e descobrir a sua própria integração com o meio ambiente e a sua relação com Deus.

É a época da redescoberta do conhecimento grego, trancafiado durante séculos nos sótãos e porões dos mosteiros ou sistematicamente destruídos, para que o pensamento humano estivesse totalmente dominado, sendo-lhe proibido todo e qualquer pensamento que não estivesse de acordo com os ditames da Santa Sé.

Hoje temos a ilusão que todos estes movimentos ocorreram sistematicamente dentro de um mesmo período, todavia, levaram anos e até séculos para a sua evolução. No princípio, comentado em pequenas rodas à "boca sciusa" (boca fechada) em lugares fechados e longe dos olhares da Santa Inquisição, depois, mais abertos, porém ainda temerosos.

Com o advento da maravilhosa máquina de imprimir, o conhecimento, antes restrito a umas poucas pessoas, pois o seu divulgador, o livro, era coisa rara e única, agora torna-se mais acessível ao laico e passa a abranger maior número de pessoas. É tempo da formação de grupos e clubes de estudos, foi num desses clubes onde se originou a primeira enciclopédia do mundo. Com a expansão do conhecimento antigo, novos conhecimentos surgiram no âmbito mundial, velhas ciências e velhas verdades começam a ser questionadas, agora o homem possuía elementos para a comparação, de tal modo, que logo surgiram idéias de liberdade, igualdade e fraternidade, advinda com a constituição das primeiras lojas maçônicas surgidas em Londres e que logo se espalharam

am por toda a Europa, nesse mesmo tempo surge uma nova classe de governantes, denominados “Déspotas Esclarecidos”.

Com o espírito alimentado por esses novos pensamentos, os Déspotas Esclarecidos tinham como principal objetivo privilegiar as classes trabalhadoras, as únicas provedoras do poder do estado, em contrapartida, a nobreza, como classe social, via-se pressionada pela riqueza da burguesia emergente. Este movimento econômico social foi denominado de Mercantilismo.

A nobreza, perdulária e incapaz de trabalhar para produzir a riqueza necessária para a manutenção do estado, ou mesmo, da sua própria alimentação, vive em estado decadência, atulhada em dívidas, contraídas com a burguesia e que nunca as conseguirá pagar.

No caminho inverso, a burguesia vai ocupando o espaço deixado pela nobreza, através da compra de suas dívidas e de casamentos de interesse. A burguesia agora é detentora das riquezas e dos meios para obtê-la, como de todos os processos mercantis, levando os países, como a Holanda e a Inglaterra, a se modernizarem e estabelecerem uma estreita relação entre os governantes e os produtores de riqueza. Esses países estavam aptos a entrarem na Revolução Industrial, entretanto, os estados que teimavam em continuar dentro do arcaico sistema medieval foram abalados em suas estruturas por violentas revoluções e guerras.

Com o advento da Revolução Francesa, resultado direto das transformações da época, vem forçar o mundo europeu às transformações do século, pondo um ponto final ao sistema político da idade média. Procede-se no Mundo Europeu uma nova forma de governar, os antigos governos, baseados no direito divino dos reis, entraram em decadência em conseqüências dos desmandos e da corrupção reinante. A nobreza há muito, deixara de ser o parâmetro da moral e da ética, para se transformar no exemplo de tudo o que

era ruim. Os povos estavam optando pelas monarquias constitucionais como pelas republicas.

Também em Portugal, esse movimento vinha-se acentuando, a mudança era irreversível e a pressão do povo vinha-se acentuado a ponto de atemorizar a Rainha D. Maria I, cuja prima D. Maria Antonieta havia sido guilhotinada durante a Revolução Francesa. Também Dom João, o príncipe Regente, via-se pressionado pelas cortes para estabelecer um regime parlamentarista e liberal em Portugal.

Com a invasão Francesa e conseqüente saída do Governo de Lisboa para o Rio de Janeiro a situação do reino foi estabilizada. Era uma nova situação, na qual os interesses voltaram-se para um só objetivo, as disputas políticas abrandaram-se e o Regente pode, no Brasil, governar ainda da forma absolutista.

Enquanto nas terras conquistadas por Napoleão os governos eram substituídos por homens da confiança do imperador francês. Em Portugal tal fato não ocorreu, a saída do reino português do velho mundo permitira a continuidade do velho sistema absolutista de governo, agora o rei governava de numa nova capital, longe das influências européias e com súbditos fora do alcance dos novos ideais.

Esta brusca mudança de posição, trás ao Rio de Janeiro uma outra realidade, de repente, a cidade pacata, simples capital de província, perdida na imensidão do império português, passa a ser a capital do Império. Para o Rio de Janeiro agora, são dirigidas as negociações, até então praticadas em Lisboa. Os produtos brasileiros, antes negociados na metrópole, graças à abertura dos portos são agora vendidos no Rio, os grandes compradores vem à nova Capital negociarem diretamente com os produtores, sem a interferência de terceiros e sem o aumento do custo.

Durante cerca de vinte anos, D. João VI governou como rei absoluto o país sem maiores interferências. As cortes criadas no

Brasil têm interesses diferentes dos das cortes de Lisboa e em Portugal continental continuava com a Guerra Peninsular.

Terminada a Guerra Peninsular e os invasores expulsos das terras portuguesas, Lisboa deu-se à consciência de que passara de Capital do Reino para a condição de uma simples cidade. Urgia restabelecer a autoridade perdida, para tanto, é novamente restabelecido o parlamento em Lisboa, todavia, esta cada das Leis está totalmente desassociada com o governo central e novamente a pressão para a instituição de um governo parlamentarista toma vulto.

As cortes de Lisboa querem de volta o rei e elaboram uma nova constituição que tira do rei seus poderes absolutistas. O Rei, porém, continua no Rio de Janeiro, longe de todo esse burburinho. Em Lisboa, a pressão das Cortes chega a ponto da ameaça de ser considerado vago o trono português.

Não conseguindo permanecer com a corte no Brasil, Dom João VI, contrafeito, segue para Lisboa, o monarca, homem simples, por vezes bonachão, todavia com uma grande visão do que consistia o Império Português, tinha a consciência que se deixasse o Brasil, em pouco tempo o mais importante de todos os território ultramarinos de Portugal reclamaria para si a condição de autonomia, não só porque agora todos os negócios eram realizados no Rio de Janeiro, como a exemplo das colônias espanholas, que aproveitando a guerra Peninsular, ocorrida na Europa, vinham estabelecendo pequenas republicas por toda a América Espanhola.

Esperava o parlamento de Lisboa, que o simples retorno do monarca, mais a constituição liberal que o haviam forçado a assinar, que tudo retornaria ao que era antes, que o centro comercial do império voltaria para Lisboa e que os grandes negócios voltariam a convergir para a Cidade das Sete Colinas. Ledo engano este, o Rio jamais permitiria que a sua condição de Capital fosse solapada, era o Brasil mais importante economicamente que Portugal, por isso a

Capital do reino teria de continuar no Rio de Janeiro.

Dom João VI, agora em Lisboa, reinando sob a égide de um parlamento, não possui mais força política, é rei, mas não governa. O medo de uma revolta no molde da Revolução Francesa, tira-lhe o sono e faz desesperar a Carlota Joaquina, mesmo assim, preocupa-se com o príncipe Dom Pedro que ficara no Brasil, no lugar de Vice-Rei, com esta atitude o Rei, sabiamente, procurava preservar o império ultramarino, para não romper abruptamente a condição do Brasil Reino. Todavia, as Cortes em Lisboa não descansam, pressionam o rei para restabelecer novamente o comércio do reino no Terreiro do Paço, tradicional local das bolsas e dos bancos. Achavam que a permanência Dom Pedro no Brasil, retardava o retorno de Lisboa à sua condição de Capital, pois os grandes negócios continuavam a permanecer por cá e a Rua do Comércio ainda era detentora do comercio lusitano.

Urgia também retirar do Brasil o príncipe herdeiro, só assim Lisboa poderia recuperar a sua condição primeira. Mandam as Cortes que Dom Pedro partisse imediatamente para Lisboa, para tanto, uma frota de três navios é mandada ao Rio de Janeiro para recambiar o príncipe. Quando os navios chegam ao porto do Rio, Dom Pedro pratica o primeiro ato de insubordinação ao poder de Lisboa, determina que os marinheiros não possam deixar os navios, confisca um deles e ameaça os outros dois de afundamento.

Quando a notícia do incidente chega a Portugal, este é considerado, pelo Parlamento, como um ato de rebeldia e é proclamado um ultimato ao príncipe desrespeitoso que se recusava a obedecer ao Parlamento. Durante todo este processo há uma extensa quantidade de cartas trocadas entre pai e filho respeitadas e afetuosas, como outras, do príncipe rebelde ao rei, estas reclamando das estúpidas leis emanadas pelo parlamento e das funestas conseqüências de tanta burrice e teimosia.

Por fim, toda esta situação teve o seu desfecho, as Cortes em Lisboa decidem punir o príncipe rebelde que não atendia e nem obedecia às ordens emanadas pelo egrégio parlamento e o príncipe poeta, aventureiro, galante, rebelde e herói não iria se submeter às ordens estúpidas e sem censo.

Já que as cortes de Lisboa estavam destruindo o Império Português, e era assim que eles o queriam, Pedro iria começar pelo Brasil. Durante todo este período da pré-independência fora cogitado entre o pai e filho uma alternativa que poderia resolver a bom termo a questão, com uma iniciativa simples e coerente, tecnicamente o Brasil já era um reino, pois fazia parte do Império Portugal, Brasil e Algarves era só transformar o rei de Portugal no Imperador e o príncipe herdeiro como rei do Brasil. Seria uma solução prática para uma questão tão difícil. Porém, a estupidez associada ao fanatismo e à incompreensão não tem limites, pois no momento que cada um de nós procura fixar somente a sua vontade, sem procurar uma solução que seja do interesse de ambos, só um sai ganhando ou todos saem perdendo.

Em Portugal a figura do Príncipe Dom Pedro era vista como a de um rapaz doidivanas e irresponsável, entretanto, no Brasil o mesmo homem era visto como uma figura romântica e idealista. A meu modo de ver, Dom Pedro era tudo isso, fora criado lendo e ouvindo sobre os filósofos do Iluminismo, sentira a liberdade como o potencial que esta nova terra podia oferecer e sabia, ou tinha a consciência, de poder usá-los e essa a imagem que prevalecia no Brasil. Entretanto, a imagem que Portugal fazia do seu príncipe não estava longe da realidade, Dom Pedro, apesar de ser um liberal, era intransigente e prepotente, pois, fora educado e criado no velho sistema absolutista, tudo isto, defeitos e virtudes, o tornavam num grande líder, tanto na guerra como na paz.

Também, o primeiro reinado poderia ter sido bem diferen-

te se a cobiça e a intransigência não tivesse assolado os nossos políticos, que desde os primeiros tempos procuraram fazer uma feroz oposição a Dom Pedro, o Brasil despontava como uma grande nação, não só em tamanho como em poder econômico e a figura de um chefe unificador de todo o território impediram o seu desmembramento, o território nacional continuava íntegro, ao contrario das republicas vizinhas, que em momento algum tiveram paz, até mesmo para se estabelecem como países. Os poucos movimentos que houveram, em momento algum tiveram força suficiente para quebrar a nossa integridade um povo em seu território.

Nem mesmo, nos conturbados tempos da regência, quando o poder dos regentes mais atrapalhava que governava, a figura central de um monarca na pessoa de um menino, foi o suficiente para manter para manter intacta a nossa pátria.

Qualquer pessoa, bem intencionada, que procura compreender a historia, sem preconceitos ou fanatismos, pode facilmente verificar que os primeiros anos da nossa independência, apesar de ser um tempo de grandes convulsões políticas e sociais, o Brasil gozou de uma democracia e de liberdades que não eram verificadas em outros países, ditos republicas e liberais. As republicas implantadas em nossos vizinhos não passavam de ditaduras, promovidas por oligarquias ou até mesmo pelos seus próprios ditadores, assim, os governantes sucediam-se com a celeridade de cometas, e os governos sucediam-se por revoltas, golpes de estado, assassinatos e outras tantas maneiras de um suceder ao outro, roubo nas eleições e outros quaisquer meios.

Essa situação de instabilidade o nosso país só veio a conhecer, logo após a implantação da republica.

CLOVIS DOMINGUES

Autor dos livros: VIVA FELIZ, Pensamentos, Assertivas e Orações; POEMA MAIOR, Orações em versos para todos os momentos, ambos em segunda edição; CAMINHOS E DESCAMINHOS, Sugestões para os desafios da vida presente e ACORDAR E SER FELIZ: envelhecer ou morrer cedo? Claro, envelhecer. É também autor e intérprete dos CDs: ESPAÇO VIVA FELIZ, Sugestões para o Bem e para o Amor, CAMINHOS PARA A PAZ, Refletindo e propondo o BEM e ACORDAR E SER FELIZ, na mesma direção do livro do mesmo nome.

Articulista para vários jornais e comunicativos de Guarulhos; Correspondente Diocesano para a Rede Vida de Televisão, é natural de Guarulhos – SP, nascido aos 10 de fevereiro de 1942 e empossado na AGL em dezembro de 2001.

Católico Apostólico Romano, por tradição familiar e convicção fundamentada em estudos e experiências desde a mais tenra idade, é autor de vários cursos de formação pastoral e palestrante dos temas: família, pessoa humana, fé, religião e pastoral.

MENSAGEM

Àqueles que me honrarem com a leitura destas páginas, dedico estas reflexões, preparadas com muito carinho, na direção de despertar um viver mais feliz.

Entendo *a fé como imprescindível, na sustentação de qualquer atividade humana*, e é natural que minhas palavras e atitudes estejam em sintonia com esta assertiva. Então, nestes caminhos da literatura, procurando fazer a comunicação para a vida, ofereço-lhes minhas reflexões.

Neste ano quero falar de algo de suma importância, que atravessa milênios e chega até nós para que possamos levá-lo a outras gerações sempre no propósito inicial: *promover vida para todos*.

Trata-se da pessoa do Messias, prometido desde a criação do mundo e que na plenitude dos tempos toma a forma humana, na humilde família de Nazaré, para nos mostrar com palavras e atitudes as boas novas que continuam sempre novas. É de Jesus Cristo que quero lhes falar, é do Filho Unigênito de Deus que passou fazendo o bem e curando a todos, que padeceu, morreu, ressuscitou glorioso e vive em nosso meio, pois sem Ele nada seríamos.

Nas páginas que se seguem queremos refletir sobre o Grande Comunicador do Pai e deixar alguns pontos para que aprofundando-os e, principalmente, vivendo-os, façamos a experiência de viver em Sua presença e à sombra do Seu amor os nossos dias em feliz contemplação por sermos irmãos nEle e filhos do mesmo Pai.

Para ir ao encontro do Senhor Ressuscitado, façamos algumas reflexões sobre a conversão e sobre a oração:

TEMPO DE CONVERSÃO

O que é conversão? Quando acontece? Como acontece?

A conversão é mudança de direção, mudança de vida, reconhecimento do erro, da necessidade de mudar. A conversão é um avançar, romper barreiras e recomeçar. É um ato de coragem e inspiração, de bravura e destemor, porque, em muitos casos, é lutarmos contra nós mesmos, sermos humildes e voltarmos atrás em “convicções” mal fundamentadas, é reconhecermos o erro e fazermos melhor. Converter-se é sinal de inteligência e humildade, de sabedoria e sinceridade, de defesa da verdade seja ela qual for, se nos agrada ou não. A conversão é vida nova, nova oportunidade, é um renascer.

Ela acontece quando temos sinceridade de propósitos e procuramos o bem comum, a verdade, a justiça; independente de cor, raça, credo religioso ou político, sem condições paralelas ou interesses escusos. Acontece quando oramos pedindo luzes e acolhendo a luz, solicitando compreensão e compreendendo, louvando com palavras e com a vida, enfim quando nos abrimos para o novo sem receios infundados e paramos para ouvir e ver o Deus falando e passando, na pessoa de cada irmão e irmã. Acontece quando abrimos o nosso coração para acolher o projeto maior, percebendo que muito mais do que a nossa vontade ou vaidade, o que deve prevalecer sempre é a vontade do Deus onisciente.

Muitas vezes podemos querer fórmulas mágicas para que isso aconteça, mas é na simplicidade que a conversão se torna realidade, é na perseverança no bem, é na teimosia em fazer melhor, não para ser o melhor, mas, porque devemos fazer assim; é no respeito ao semelhante, seja ele quem for; é na fé orante; é no perdão; é na partilha dos dons; é no reconhecimento de nossa pequenez e da infinitude de Deus; é quando queremos verdadeiramente e trabalhamos para que a conversão aconteça.

Todo tempo é favorável, quando nos preparamos para a grande conversão fazendo nossos bons propósitos e caminhando em frente, com muita decisão, na busca de nos convertermos para o Senhor da vida, vivendo com todos o amor que o Senhor nos ensinou.

ORAÇÃO: DIÁLOGO COM DEUS

A força da oração é experimentada e reconhecida por muitos. Sempre que buscamos a Deus, Ele nos acolhe, nos escuta, nos perdoa e nos favorece com infinito amor.

A oração é companheira de todas as horas, porém muitos não conseguem perceber e viver esta realidade, aproveitando apenas, de tão admirável bem, nas horas de sofrimento, nas horas onde o limite humano fica mais evidente.

Lembramos que a definição de oração é *“elevantar a alma até Deus para adorá-lo, agradecer-lhe e pedir-lhe as graças que necessitamos”*. Parece-nos porém que, mesmo em nosso meio eclesial, lembramos quase sempre da última definição e tornamos nosso momento de diálogo sagrado em apenas um momento de petição, esquecendo-nos do louvor e do agradecimento.

Talvez as influências das seitas que pregam a cura divina, o imediatismo e até a simonia (venda da graça) nos têm afetado, e pregamos, parecendo-nos como tantos outros, na contramão do evangelho de Jesus, Ele que veio para esclarecer e libertar.

Não podemos perder de vista que Jesus já assumiu nossas dores e passou pelo sofrimento, pela morte, e venceu tudo, e rezamos que cremos estar Ele sentado à direita de Deus Pai Todo Poderoso. Ora, se assim rezamos e assim cremos, por que não perceber no sofrimento, na dor, na morte, também nossa seme-

lhança com o Filho de Deus, que nos fez irmãos? Por que orar apenas pedindo soluções mágicas? Por que não fazer da oração um ato de amor, de adoração e louvor por tudo que temos e somos? ...

A oração é verdadeira na direção de um diálogo amoroso e reconhecido com Nosso Deus. Neste aspecto, queremos dizer que devemos ouvir a Deus e não apenas falar; sentir Sua presença e não apenas a nossa; falar de nossas dificuldades, e agradecer a força que temos para de ir até Ele; e assim, a vitória será, não apenas parcial, mas total. Sentiremos e viveremos a força de Deus em nós e nada nos fará infelizes, pois com Deus podemos tudo.

Façamos da nossa oração um diálogo verdadeiro, conversando com Ele e recebendo dEle a inspiração e a força para vencermos nossas limitações humanas. Amém.

COMO SER CATIVADO PELO SENHOR

Jesus falou e fala para todos a grande Boa-Nova da existência de um Pai, de um Defensor e de um Reino que devemos construir e viver.

Deixe-se cativar pela Sua Palavra e passe os dias e as noites em comunhão com o Bem e com o Amor, e viva feliz.

Na palavra de Deus e na vida você vai encontrar motivos para um compromisso verdadeiro com o Mestre que veio para salvar e não para julgar e condenar. O Seu imenso amor é o sinal mais forte do grande amor de Deus pela humanidade.

Deus se revelou desde o início para nossos primeiros pais. Fez isto na criação, através dos patriarcas e matriarcas, mostrou o Seu rosto por meio dos profetas e sempre provou que queria o bem para todos, que a obra criadora foi e é um ato de amor

supremo na direção da partilha da vida. Por fim, na plenitude dos tempos o Senhor se fez conhecido e amado através de Seu Filho Unigênito, Jesus de Nazaré, concebido por obra do Espírito Santo, no seio de Maria Santíssima. Ele quis e quer a salvação de todos, Ele trabalha incansavelmente para obter de nós adesão espontânea e sincera. Ele se faz presença, como um de nós, na pessoa de Jesus Cristo, vivo e presente em nosso meio. Jesus de Nazaré se diz presente em cada um, principalmente nos mais necessitados.

“Em verdade vos digo: Todas as vezes que fizestes isso a um destes menores, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes. (Mt.25,40)”

COMO NÃO SE DEIXAR ENCANTAR PELO FILHO DE MARIA, COMO NÃO SEGUIR SEUS PASSOS?

Em sua experiência terrena, o Homem-Deus vai como bom semeador, lançando sementes de paz e de bem. Acolhe a todos e a todos indica os caminhos para o encontro maior com o Pai. Fala do amor, vive o amor. Fala do bem, vive o bem. Anuncia a salvação e salva. É Ele que nos mostra o rosto do Pai. É Ele quem nos fala da grande novidade da vitória pelo perdão. É Ele quem nos deixa o mandamento maior do amor incondicional. É Ele quem enfrenta o sofrimento e a morte para nos resgatar.

Então, como não nos deixarmos cativar?...

A FORÇA DE SUA COMUNICAÇÃO

Jesus nos fala de felicidade: *"Bem-aventurados (Felizes) os pobres no espírito, porque deles é o reino dos céus. (Mat.5,2)"*

Qual palavra pode ser mais forte, qual comunicação poderá cativar tanto quanto esta? Ele afirma que existem muitas formas de conquistar e viver a felicidade e vai relatando algumas delas.

Quanto poderão interpretar a pobreza material como sinal de felicidade, quanto poderão confundir pobreza com miserabilidade?

Não entendemos que o Senhor esteja pregando a pobreza que exclui e traz infelicidade, acreditamos sim, que Ele prega o desprendimento dos bens efêmeros em vista dos bens essenciais e eternos.

A pobreza assumida no espírito nos faz irmãos amorosos e preocupados com a felicidade de todos; tira-nos do egoísmo que destrói a relação de fraternidade, e essa pobreza produz em nós o amor e a partilha. Conseguimos a partir daí socializar os bens que temos, pela graça de Deus, na direção de sermos bons administradores para um dia prestarmos contas de tudo ao Senhor.

Através de gerações a comunicação do Mestre se faz presente, mesmo com toda evolução tecnológica. Sim, podemos mudar instrumentos de comunicação, usar os meios mais modernos, mas sua mensagem permanece a mesma, igual àquela dirigida aos pecadores de sua época.

O que Mateus registra é resultado do seu testemunho ocular, é algo que cativou a todos naqueles tempos e haverá de cativar para sempre.

O Comunicador do Pai continua a sua missão através de cada um que se compromete com Ele, que procura entender e viver os seus ensinamentos; continua e continuará porque aquilo que viveu e ensinou é verdade e vida: ser pobre no espírito é condição de felicidade. O convite está lançado, faça a experiência e verá.

MENSAGEM DE JESUS MENINO

Já sabemos como Jesus foi prometido durante séculos e como Ele nasceu para cumprir todas as profecias: "Um pobre entre os pobres", reconhecido por anjos, pastores e reis.

Em meio às preocupações naturais da espera de um filho, Maria e José caminharam na procura de um lugar para que a criança pudesse ser acolhida e a mãe ajudada naquele momento divino. A expectativa certamente foi muito maior, pois além do anúncio do anjo e do testemunho de Isabel, Maria guardava em seu coração tudo que a mãe guarda na espera de um filho, mais ainda, a realização da promessa e a esperança de muitas gerações, o sonho acalentado por séculos, a vinda do Ungido de Deus, o Libertador.

Um choro na noite de Belém denuncia que a criança nasceu. Envolto em panos, acolhido com muito amor pelos pais, estava ali, naquela manjedoura o Salvador, aquele que haveria de anunciar o ano da graça definitiva e conquistar para todos, o direito à eternidade feliz.

Um Deus nascido na humildade. A natureza humana criada pelo Senhor, agora também é experimentada por Ele. Vindo à luz para ser a Luz que eliminará as trevas do pecado; um clarão anuncia a vitória do amor. Como Deus nos criou por amor, por amor Ele veio ao mundo revestido de nossa natureza pobre e vacilante, para passar por nossas agruras e vencer a luta contra todo tipo de morte.

Não, não foi um sonho. A criança ali estava e o santo casal olhava em adoração, sem entender a grandeza daquilo que acontecia. Jesus se abandonava nas mãos de Maria e José, e a partir daí, para o alimento em defesa da vida, para todos os momentos, a segurança de Jesus era seus pais terrenos. Ele se deixou entregar na forma de uma criança indefesa porque confiava no projeto do Pai Eter-

no, sabia como Ser Divino, que seu Pai nunca lhe abandonaria. Eis a mensagem no silêncio do Menino Jesus: Sou Filho de Deus e meu Pai nunca me abandonará, creio no seu amor e no seu projeto.

Jesus nos comunica a confiança plena nAquele que nos criou.

Mais tarde Ele vai afirmar:

“Tudo que o Pai possui é meu. (Jo.16,15)”

NASCIMENTO E MANIFESTAÇÃO DO SENHOR

Um pobre, entre os pobres, para conquistar e salvar a pobres e ricos.

Uma criança para conquistar e salvar crianças, jovens adultos e idosos.

É o cumprimento das profecias: “Uma virgem conceberá e dará a luz a um filho e o Seu reino não terá fim. Seu nome é Maravilhoso, Conselheiro e Deus Forte, Pai da eternidade e Príncipe da paz”.

“Vem Senhor Jesus, vem nos salvar. Vem Senhor, com Teu povo caminhar”.

Os povos de toda a terra, representados pelos Reis Magos, reconhecem e adoram o Filho Unigênito de Deus na forma de uma criança acolhida pelos anjos e pelos seres humanos, pela natureza e por toda obra criada pelo Pai.

Os presentes de ouro, incenso e mirra, representam o reconhecimento do Rei, Sacerdote e Salvador. Nossos presentes devem ser na mesma direção: Reconhecer a Jesus como Nosso Rei, como Sacerdote Eterno e como Nosso Único e Suficiente Salvador, que passa pela cruz e pela morte, mas ressuscita glorioso, dando-nos a certeza de que a obra redentora passa pela fragilidade humana, como Jesus, mas nos dá a vitória sobre tudo e vive para sempre.

Quando celebramos a manifestação (epifania) do Senhor, reconhecemos a Sua realeza e adoramos o Menino-Deus, cantando com os anjos: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados” e como os pastores, corremos ao encontro de todos para contar a grande notícia, com a palavra e com a vida: **Nasceu-nos o Salvador, nasceu-nos o Rei da Glória.**

Que tipo de Rei é Jesus?

Jesus reina através do serviço a todos e principalmente aos mais humildes.

DEUS SE TORNOU VISÍVEL

Desde toda a eternidade o Senhor Deus é perceptível. Ele pode ser sentido, percebido em todas as épocas, alegres ou tristes, nos tempos de paz, ou de guerra; basta para comprovar esta assertiva que busquemos na história os testemunhos de nossos antepassados.

Pois bem, apesar de saber que ser perceptível é mais importante, o Senhor colocou em seu projeto de amor a visibilidade e escolheu Seu Filho Amado para esse tempo. Na pessoa de Jesus de Nazaré o Senhor Deus se tornou visível, se fez imagem e então deixou de ser sarça ardente ou nuvem, para ser um de nós. Tomou a nossa pobre forma humana. Igualou-se a tudo conosco, menos no pecado. Sua visibilidade foi tão fulgurante que passam as gerações e cada vez mais, sua presença se torna esperança e consolo, inspiração e ânimo, para a caminhada de todos os povos que direta ou indiretamente seguem seus passos.

TESTEMUNHANDO MILTON ZILLER

Em meio às labutas diárias, no desafio da sobrevivência, mesmo após algumas décadas de muito trabalho, fui surpreendido com a triste notícia que o **Prof. Milton Ziller** havia falecido.

Sabemos que dia mais, dia menos, também outros ouvirão a nosso respeito, a mesma notícia, porém não podemos deixar de registrar a nossa saudade e algumas palavras sobre nosso querido confrade:

Minha referência ao Ziller data de 1978, quando meu segundo filho recebeu de suas mãos o certificado de conclusão de um curso da pré-escola. Guardo com muito carinho, as fotos daqueles momentos importantes de nossa história. Também registro que minha esposa, Marta Pinho, teve a honra de ser sua aluna e guarda, desse tempo, boas recordações.

Passaram muitos anos e, para minha felicidade, encontrei-o em nossa Academia em 2001, quando de minha posse neste sodalício.

Descobri que éramos vizinhos e foi muito bom saber disso pois intensificamos nossa amizade com ele e com a Dona Delci, sua esposa, chegando a encontrá-los e papear com eles até em Caraguatatuba.

Muitas lembranças poderíamos aqui relatar mas uma, talvez a mais importante, faço questão: Meu querido e saudoso confrade Milton Ziller, ao receber o comunicativo "O JUSTO" que tive a alegria de iniciar e dirigir até há pouco, durante um bom tempo me falava: *"Eu também tenho uma história do Justo, mas é o outro"*. Aquilo me intrigava e não demorou muito fui contemplado com a explicação, em seu livro, sobre o justo a que ele se referia. Minha admiração cresceu ainda mais pela criatura especial do meu amigo. Ele falava, agradecido, do seu avô do qual guardava as mais lindas recordações. Homem simples e JUSTO, homem de verdade, que pelo trabalho e exemplo deixou uma herança como poucos. Tive aí então, a confirmação de seus valores pessoais e cada vez mais torcia por ele para que pudesse cumprir sua mis-

são com a marca de homem justo, como seu avô. Para me convencer ainda mais, na festa preparada pelo Darci Panocchia e sua esposa Lígia, nas dependências da FIG, Vila Rosália, ao findar-se o ano 2005, o Ziller contou-nos de viva-voz aquela bela história que guardava há muitos anos e que nos encantou a todos: a história do JUSTO.

Nosso querido confrade, Gasparino José Romão, em homenagem a nós, seus amigos, em um dos seus muitos e bons livros, deu-nos a honra de nos chamar de Alfa e Ômega, em razão de nossas crenças, e hoje, além de agradecer-lhe pela honra de fazer parte de seus escritos, agradeço também por nos ter aproximado ainda mais, pois sabemos que cada pessoa pode ter sua opção de crença, de política, de cores e de sabores, mas, muito mais, cada um deve ser respeitado em suas convicções e por este motivo, posso dizer, sem medo de errar, que essas aparentes diferenças, em nosso caso, esconderam uma sintonia fina de pensamentos na direção de uma atitude verdadeira, sem hipocrisias, para a construção de um mundo melhor para todos.

Milton Ziller, com muita saudade, registro aquilo que penso em sua homenagem: "Para nós da AGL- Academia Guarulhense de Letras, você continuará, para sempre, IMORTAL".

– Usando uma de tuas palavras na revista de 2005 quero declarar como confrade:

"Sua ausência em nossa Academia (fisicamente) e nas páginas desta revista anual é uma grande INCONGRUÊNCIA".

ESPEDITO PINHEIRO DE SOUZA

Professor Assistente I do Programa de Graduação em Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Direito de Estado pela PUC/SP. É Advogado. Publicou diversas obras e artigos, entre as quais: "Manual de Ciência Política e Teoria do Estado" e "Limites Expressos do Poder de Revisão Constitucional. É Oficial Superior da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

"A Política é como a perfuração lenta de tábuas duras. Exige tanto paixão como perspectiva. Certamente, toda experiência histórica confirma a verdade que o homem não teria alcançado o possível se repetidas vezes não tivesse tentado o impossível".

Max Weber (A Política como Vocação).

"As Religiões dividiram o mundo, mas suas crenças as unem numa só direção: a direção do Criador"

(César Romão).

Qual a sua crença? O homem é a crença expressa

(Quimby).

Caminhamos pela fé e não pela visão...
(II Coríntios, 5,7).

"...Embora nem todos necessitemos de uma religião, todos precisamos da verdadeira religião – A VIVÊNCIA DO AMOR. Não esqueçamos de que, para Deus, não importa a religião que se professa (NÃO IMPORTA O CAMINHO), mas o amor que se pratica."

(José Pinheiro de Souza).

INTRODUÇÃO

O presente "Artigo" trata de algumas reflexões teórico-filosóficas sobre **Política e Religião**.

De início, cumpre salientar que, na qualidade de Professor de Ciência Política no curso de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Membro da Academia Guarulhense de Letras – AGL, nossa intenção primeira, na elaboração deste humilde Trabalho, foi a de abrir uma clareira na mente dos leitores assíduos da tradicional Revista da Academia, que é lançada anualmente para conhecimento público, assim como para estudantes interessados em buscar novas informações acerca de temas interessantes, como se reveste o presente caso – as relações entre a **Política e a Religião**.

De forma sucinta, procuraremos abordar o tema sob o aspecto doutrinário, tomando por base principalmente os ensinamentos de Edílson Santana Gonçalves, ilustre Promotor de Justiça do Estado do Ceará, nosso conterrâneo, que publicou diversas obras e artigos a respeito do assunto em comento, dentre os quais

destacamos a obra: “A ARTE DA POLÍTICA MUNDANA: reflexões sociopolíticas e filosóficas”, onde o autor procura, de forma clara e detalhada, expor diversos aspectos da Ciência Política.

Tendo em vista a importância do assunto escolhido para esse “Artigo”, com a devida vênia, permitimo-nos transcrever alguns tópicos do Capítulo 7 da referida obra, vez que, a nosso ver, traduz com pormenores, o que pensamos relativamente à matéria, pois, pelo palco da reflexão a que se deu o aludido autor, certamente trará novas questões à discussão. E, com isso, sentir-nos-emos recompensados, vez que, o nosso objetivo foi exatamente esse: começar pelas relações de conflito entre o poder político e as instituições religiosas; a religião como instância do poder; a indissociabilidade das dimensões política e religiosa; a estrutura político-social e econômica e as funções das religiões; a política segundo o poder divino; a política do fanatismo; e, por último, verdade e religião.

Nessas condições, tomando por base os ensinamentos do ilustrado escritor já mencionado, vejamos, de forma sucinta, cada um dos tópicos supracitados:

PODER POLÍTICO E INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS

Entre o poder político e as instituições religiosas as relações sempre foram de conflito.

Existem sociedades nas quais o político é totalmente absorvido pelo religioso: o poder “temporal” pelo “espiritual”.

O inverso da teocracia é o caso de uma sociedade na qual o religioso é totalmente absorvido pelo político.

Acreditamos que a situação ideal é a não ingerência mútua.

Não é possível tal absorção ou eliminação de um pelo outro poder, seja o religioso, seja o político.

Já houve, na história, casos que fracassaram, como, por exemplo, o regime soviético, que tentou erradicar a religião e propagar o ateísmo.

Todas as sociedades conhecidas são eminentemente políticas e têm, ou já tiveram, uma religião.

E por que o político deve separar-se do religioso?

Por primeiro, toda religião instituída supõe a existência de uma pirâmide hierarquizada que pretende deter a verdade absoluta.

Em segundo lugar, a sociedade não obedece a este esquema rígido de hierarquia, mas, antes, constitui um sistema de forças divergentes, perseguindo, cada uma, o seu interesse próprio.

No exercício “normal” desse jogo, as forças em presença sabem que devem negociar entre si, estabelecendo concessões. As negociações não devem e nem podem ser inflexíveis; nem defender interesse que se digam “verdade absolutas”, sob pena de se desrespeitarem as regras do jogo.

O que se deve buscar é a partilha do poder e não o seu confisco.

Por isso, deve o poder conceder o mesmo status a todas as igrejas e, igualmente, negar a todas elas o direito de ingerir-se nos assuntos “civis”, “públicos” ou “políticos”.

Em suma, que as igrejas prosperem em paz, mas que não se ocupem do que pertence à esfera do Estado, porquanto ambos têm funções e objetivos bem diferentes.

“O Estado é uma sociedade de homens instituído com o único fim do estabelecimento, da conservação e do progresso de seus interesses civis”. Sua autoridade não se estende, pois, de modo algum, “até a salvação das almas”. Ela deve limitar-se ao cuidado com as coisas do mundo.

Já a Igreja é “uma sociedade de homens que se reúnem voluntari-

amente para servir a Deus em público, e prestar-Lhe o culto que julgarem ser-Lhe agradável e próprio e fazer-lhes conquistar a salvação”.

Segue-se daí que o “poder eclesiástico” deve ser encerrado nos limites da Igreja, inteiramente separado e distinto do Estado.

Em última análise, vem à baila o magistério de Locke: “os limites são fixos e imutáveis de ambas as partes – pois seria confundir o céu com a terra, querer unir essas duas sociedades – que são absolutamente distintas e inteiramente diferentes uma da outra, seja em relação às suas origens, seja em relação aos seus objetivos ou aos seus interesses”

A RELIGIÃO COMO INSTÂNCIA DE PODER

As religiões, de maneira geral, conscientes ou inconscientemente, sempre foram instrumento de dominação do poder temporal.

Nos primórdios do cristianismo, já a partir do segundo século da Era Cristã, a Igreja católica modelou-se como instituição temporal de poder, tendo, a partir daí, tornando-se a religião das classes dominantes, construindo, ao depois, um vasto império econômico, sob o comando político do Imperador Constantino.

Em princípios do terceiro século, ainda subsistiam cerca de 32 seitas cristãs, a disputar a primazia da “verdade”, tendo o catolicismo saído politicamente vencedor.

Em tempos mais remotos, “o povo de Israel” concebia a religião como meio revolucionário nos planos social e político. Reivindicavam a supremacia dos pobres sobre os ricos e, por meio de rebeliões, atentavam contra os poderes constituídos, sobretudo contra as potências pagãs que subjugavam o povo.

Tanto quanto no judaísmo e no islamismo, o cristianismo,

embora de forma diferente, sempre exteriorizou grande vocação para a conquista, sendo certo que a religião sempre foi um condutor da consciência da comunidade de fiéis, nos planos religioso, social, cultural, político e econômico.

Ideológica e politicamente, no curso da história humana, a religião tem servido para legitimar os mecanismos de dominação: a autoridade política: o cumprimento dos deveres e funções sociais pelas diversas classes: a distribuição da riqueza com a resignação dos pobres à sua própria condição...

Com efeito, a religião é, inquestionavelmente, indissociável do poder. A fé cristã, por exemplo, expandiu-se no espaço imperial romano, submetida à vocação política teocrática do império em declínio, capaz de constituir uma forma de poder em “a política se fazia, cada vez mais, eclesiástica e a igreja, cada vez mais, política”.

Em nossos dias, constata-se a insurreição política islâmica, de forma violenta, contra o domínio capitalista (ora exercido pelas maiores potências mundiais) e o fenômeno político do nacionalismo religioso, no tocante ao mundo político judeu. Em outro extremo, porém, encontram-se o fundamentalismo católico e outro ramos do cristianismo, ladeados pelo sistema capitalista de dominação, embora aparentando, aos olhos de todos, uma inocência pacificadora a serviço dos excluídos, absolutamente dissociada da política. Isso, todavia, não passa de mera retórica de justiça social, porque ainda se legitimam os poderes hegemônicos, ora ao lado dos dominantes, ora ao lado dos dominados.

Apenas com outras roupagens, a maioria das religiões dos novos tempos permanece exercitando a prática de poder, psicológico, moral e social, com o mesmo e sempre presente projeto de dominação, administrando com cautela o seu legado religioso, mas sempre e também, com a pretensão de submeter todos à crença de que são detentoras da verdade absoluta, como poderoso instrumento de poder.

A INDISSOCIABILIDADE DAS DIMENSÕES POLÍTICA E RELIGIOSA

As dimensões política e religiosa resultam, quase sempre, indissociáveis.

É cediço, por exemplo, traçar o sentido político, social e religioso da ação de JESUS Cristo, a partir dos movimentos de protesto contra os romanos na Palestina do século I de nossa era.

Com efeito, o período de 6 a 70 d.C. é marcado por ações de natureza política, social, econômica e religiosa, que caracterizam o efetivo sentido do cristianismo original. Enquanto a aristocracia judaica lutava pela manutenção do governo romano, que lhe garantia o poder religioso, o povo sofria de injusta discriminação, incorporando aspirações sociais, políticas e religiosas salvacionistas, alimentando ressentimentos e revoltas.

Nesse contexto, o Mestre teve muitos oponentes políticos: os romanos que subjugavam Israel, os herodianos, saduceus e altos sacerdotes, cúmplices dos romanos, bem como o estamento social dos ricos e poderosos, exploradores do povo; e, por isso, foi crucificado.

Vencido que foi, séculos depois, por força da hegemonia do cristianismo, o poder romano, por meio de Constantino, remodelou a doutrina original, iniciando sua caminhada como instituição temporal de poder dominante.

Radical transformação fez com que a "Igreja" primitiva, sem hierarquia ou burocracia, se transformasse em uma espécie de monarquia absoluta do império romano. O jogo político propiciou a construção do império econômico da "Igreja", em troca de apoios e decretos de interesse políticos. Bispos assumiram atribuições estatais, adquiriram jurisdição privilegiada etc. Mas, por outro lado, o imperador assumiu pleno domínio das questões eclesiais.

Essa indissolúvel aliança entre a política e a religião sempre permitiu à Igreja a manutenção do poder político, psicológico, social e moral, embora cedendo à interferência do poder político, nem sempre legitimamente justa.

Tal dimensão configurou poderosas organizações religiosas, pretensas detentoras da verdade absoluta, sem conhecer, em diversas fases da história, limites em seu autoritarismo institucional e no seu arrebatamento proselitista.

Mudam-se os tempos, mudam-se as roupagens. Porém, não se muda o projeto de dominação do mundo social e espiritual, como se vê da história da política e das religiões, indissociavelmente unidas, em maior ou menor grau e salvo raríssimas exceções.

ESTRUTURA POLÍTICO-SOCIAL E ECONÔMICA E AS FUNÇÕES DAS RELIGIÕES

A grande questão das sociedades humanas é a geração de forças produtoras de bens materiais e sua distribuição equitativa suficiente, a proporcionar a satisfação econômica da humanidade de uma maneira geral.

Entretanto, o que se dá é que as classes detentoras do poder econômico procuram atender, ao máximo, às suas necessidades prioritariamente, restando às demais um mínimo desejável.

Nesse contexto, a religião converte-se em principal mecanismo de controle dos impulsos da autonomia ditada pela razão, ora usando ameaças de sofrimento do mundo após a morte, ora estimulando a docilidade conformista com promessas de recompensas futuras.

Finalmente, neste cenário, a religião desempenha uma tríplice

função: apaziguar os ânimos dos menos favorecidos, estimulando a aceitação resignada de sua situação: confortar as minorias dominantes, livrando-as do sentimento de culpa oriundo do sofrimento daqueles que oprimem; e contemporizar as classes sociais como um todo, construindo, em seu imaginário, a idéia de aceitação das injustiças impostas pela vida, as quais se tornam irreversíveis.

A POLÍTICA SEGUNDO O PODER DIVINO

Desde a Antigüidade tardia oriental, acreditava-se no caráter divino dos reis. Com efeito, a forma de governo no antigo Egito era a Monarquia Absoluta Teocrática, sendo, destarte, a religião, a mais ampla província da política. As situações vividas, cotidianamente, pelos governantes, e políticos eram interpretadas à luz dos Livros Sagrados, sobretudo na Idade Média.

Isso demonstra grande nível de proximidade entre as coisas Divinas e o Estado.

É, contudo, no final da Idade Medieval, que se consolida o poder real por direito divino. A partir daí, a teologia política defende a idéia de soberania, tanto para atender às pretensões hegemônicas da Igreja, quanto às pretensões das monarquias nacionais. Para o alcance de tal objetivo, incutia-se na consciência popular a concepção de que o poder do rei provinha de Deus e prestar-lhe obediência era um dever religioso por excelência.

Assim, instalou-se o absolutismo do direito divino, motivado pelo propósito comum de repassar a autoridade de Deus para o poder real, encontrando na Reforma Protestante o seu mais poderoso aliado, que favorecia a autonomia das igrejas nacionais, aceitando por adesão a subordinação ao Estado. Por conseguinte, e

em meio ao contexto da Reforma e da Contra-reforma, o direito divino ainda mais fortaleceu-se.

Desse modo, a política do poder divino não somente fortaleceu o Estado, como tornou reprovável e ilegítima a menor resistência à vontade soberana da realeza. Representou, pois, muito mais que uma simples auréola sagrada para o poder real. Antes, criou uma estrutura política e social em que os privilégios, as hierarquias e as divisões entre os que mandavam e os que obedeciam eram aceitos como fenômenos naturais, eternos e imutáveis. Eis a face real dessa ideologia política: política e religião unem-se, fundem-se, para garantia do poder temporal e absoluto.

Tal estruturas de poder era proclamada nos púlpitos das igrejas, apregoada nas praças pública, de modo que, dos vultos políticos mais importantes até o mais modesto dos súditos, nela acreditaram com fervor religioso, fazendo do poder por ascendência divina uma crença profunda e de aceção geral.

Foi somente com Maquiavel: e, um século depois, com Thomas Hobbes, que se operou a ruptura nas idéias políticas tradicionais, abolindo toda e qualquer justificativa religiosa para o poder monárquico.

Pode-se, entretanto, argumentar que as doutrinas do direito divino pertenceram a uma época em que o ato de fazer política (e teoria política) implicava, por necessidade trabalhar com dados de natureza transcendententes. Até quando, porém, pode-se comprovar a ruptura absoluta dessa aliança? Ou subsiste, com roupagem camufladas, o pacto fatal e inevitável entre a política e a religião, visando à manutenção do poder segundo os seus próprios interesses?

POLÍTICA DO FANATISMO

Cerca das 9 horas da manhã do dia 11 de setembro do ano de 2001, dois aviões de passageiros seqüestrados atentaram contra as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York. Outro avião lançou-se sobre o Pentágono – sede do poder militar da maior potência do planeta, nas cercanias de Washington. Outro mais, de igual, tomado por terroristas, espatifou-se no solo, em campo aberto, em face de ataque elevado a efeito pela Força Aérea americana.

É desconhecido antecedente histórico de tamanha gravidade e proporção no âmbito das ações do terrorismo mundial.

Infere-se daí, a quanto pode levar o fanatismo. O quanto pode, a loucura fanática, produzir maldade humana. A monstruosidade de tais atentados deixou atônito todo o mundo, que, aterrorizado, jamais iria supor que a coragem tresloucada de mentes suicidas poderia ser impulsionada à mais extrema das crueldades.

Ao fim do atentado, restou comprovado que ninguém, no mundo contemporâneo, nem mesmo as superpotências, estão imunes ou totalmente seguras das investidas terroristas.

Na opinião de analistas de renome, os ataques têm o perfil de um tipo de terrorismo, cuja motivação é o fanatismo muçulmano. Diferentemente do terrorismo clássico, que age em território definido e pretende representar o interesse de determinada esfera social, o terror islâmico pode estar sediado em qualquer lugar. Seus combatentes surgem das sombras, não são soldados do modelo tradicional, de comportamento relativamente previsível. O inusitado, além da imprevisibilidade, é a forma difusa (não identificável) de como agem seus atores terroristas, prontos a morrer junto às suas vítimas.

Eis, pois, a complexidade do quadro: terroristas loucos dominados pelo fanatismo religioso, cuja loucura saiu implacavel-

mente de seu eixo científico para alcançar limites inimagináveis e sem proporções. Matam e morrem juntamente com suas vítimas na crença cega de que, com isso, ganham as delícias de uma vida eterna.

Como se vê, o legado deixado para o século XXI, ainda em seu alvorecer, surge como grande desafio aos povos e nações, desafio inusitado que denota o quanto é capaz o fanatismo religioso, que continua ceifando vidas inocentes em nome da pretensa vontade divina.

Com efeito, a mais desastrosa, a mais sórdida e a mais desumana forma de política é a política do fanatismo, que expressa o quanto a maldade humana é capaz de realizar, para além da racionalidade e do bom senso.

VERDADE E RELIGIÃO

As religiões, de maneira geral, dizem-se detentoras da verdade. Suas verdades pertencem-lhes por si mesmas.

Com efeito, pretendem possuir a verdade absoluta e definitiva a ser reconhecidas como sociedades perfeitas, universais e soberanas, exigindo que tal dogma de fé seja obedecido pelos seus profíctos e reconhecido pelo corpo social e político.

Contudo, nenhum ramo do conhecimento ou do saber revela-se absoluto, porque a verdade é sempre relativa e não deixa aprisionar por qualquer construção intelectual.

De conseguinte, a posse da verdade não de um mito, de uma ilusão falsamente acalentada. Todos os saberes são, pois, relativos a todas as crenças limitadas em suas construções científicas ou filosóficas. A ninguém ainda foi possível das a última palavra.

Importa, destarte, ao homem livre, insurgir-se contra teorias certas, que se julgam proprietárias da verdade. Porque o homem é apenas pesquisador e não detentor absoluto da verdade, vivendo tão-somente da aproximação da certeza. E a única certeza que ele deve ter é a de que nada sabe e que as suas verdades não as únicas, vez que, em matéria de verdade, tudo constitui parte essencial da processualidade da razão em sua infinita dinâmica, – do berço até o túmulo.

Porém, certeza acima delineada não vem denegrir as religiões, ciências, filosofias, ou outros ramos do saber. Somente podem sentir-se denegridos os seres obtusos e dogmáticos, que lutam pela subsistência de seus falsos ídolos, de há muito amortalhados. E, demais, não se diga que isso tem algo a ver com ceticismo. O cético é aquele que não acredita no conhecimento. Aqui se trata apenas de revelar os seus limites, jamais negando a sua possibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo este estudo, julgamos oportuno enfocar a posição do insigne Prof. Dr. Leonard M. Martin, Titular de Ética da Universidade Estadual do Ceará e Membro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), Brasília, que, de forma brilhante, fez a apresentação do livro em apreço, quando diz :”é claro que a religião, em relação à política, ocupa um lugar bastante ambíguo, esclarecendo que: de um lado, pode ser manipulada pelos políticos e pelas autoridades religiosas para fazer a cabeça das pessoas e para dominá-las. De outro lado, quando for institucionalmente bem articulada, a religião poderá usar seu poder para dominar a população e impor um sistema de leis restritivas e, aos olhos ocidentais ao menos, faltando em respeito com a dignidade e integridade física das

peessoas, como é o caso em certos países onde a religião muçulmana predomina. No passado, diz o referido Prof. apresentante, o Cristianismo também não está isento a toda crítica neste particular. Seja em países *ethos* católico, seja em países *ethos* protestante, há uma tendência, quando forte, de impor costumes e práticas e de respaldá-las com força de lei.

Prosseguindo, o Prof. acima ressalta e conclui o tópico em questão: “a ironia é de que essa prática dominadora por meio da religião foge da visão de política articulada por Jesus, quando ele falava dessa questão. Ele diz explicitamente que seus seguidores não devem imitar os que dominam os outros e querem aparecer nos primeiros lugares. Os valores do reino de Deus não se impõem como historicamente se tem feito em tantos lugares e em tantas épocas, ou como se propõem, vergonhosamente. A política cristã, se quer ser fiel à visão originária da sua figura fundacional, que é o Cristo, precisa atender como convite e proposta que respeita a liberdade das pessoas que sabe aguardar sua resposta.

Nessa perspectiva, a credibilidade do político não jaz na sua capacidade de dominar e manipular as pessoas, mas sim, na sua disponibilidade para o serviço, seu respeito pela verdade, sua capacidade para levar as pessoas a se articularem e, juntos, criarem uma sociedade justa e fraterna (grifos nosso).

ACADÊMICA
ISABEL BORAZANIAN

VIDAS PARALELAS

Um segundo, tão fecundo
paralelo ao meu mundo
Um portal que foi aberto
fez real o não concreto
Um sofrer preso no tempo
Uma imagem, sofrimento
Uma fusão invasiva
Um instante sem guarida
Uma sensação estranha
Uma dor forte e tamanha
Desconexo meu sentir
ficou preso no momento
Não sei se ela esteve aqui
ou se eu viajei no tempo

IMPRESSÃO – EXPRESSÃO

Impressão
Todas as nuances...
Todos os querereres...
Todos os viveres...
Todos os dizeres...
Todos os amores...
Sentimentos planeiam
Esbarram nos sentidos
Nasce a expressão
É a mágica da vida
É a lógica da Arte

VENTO/TEMPO

Vento
Ventooooo...
Tempo
Tempooooo...
Acolhe o vento
espalha a semente
e a vida renasce
num ciclo constante
Onde o sol e a lua
abraçam a terra
em raios de luz
Vento
Ventooooo...

Tempo
 Tempooooo...
 A mãe natureza
 traduz a beleza
 da vida que aflora
 de uma semente
 que o tempo embala
 e o vento conduz
 tempooooo...
 ventooooo...

CALÇA LEE DESBOTADA

Existi num tempo
 de calça lee desbotada
 Resisti ao tempo
 de calça lee desbotada
 o cigarro Minister
 a vontade Hollywood
 Resisti no tempo
 de calça lee desbotada
 Me vesti no tempo
 me engrandeci no tempo
 me arranhei no tempo
 de calça lee desbotada
 Amassei barro
 li revista em quadrinhos
 me falaram em desenhos
 me amassaram em despromessas

me encontrei no tempo
 de calça lee desbotada
 Vi gente de saia florida
 chinelo, sapato colorido
 Vi mãos marcadas
 de um tempo de arte
 Na face
 a expressão continha espanto de descoberta
 Na reta encontrava-me
 E na curva me deitava para poder respirar
 Vivi num tempo
 de calça lee desbotada
 Me contaram que a novidade de novo era velha
 que o velho era novo
 no meu tempo de calça lee desbotada
 Da coca pro café
 da pipoca pro chiclé
 Amei o tempo em que vivi
 de calça lee desbotada
 Me despiram da realidade em que vivia
 e me mostrei nua e verdadeira em essência
 e me aceitei como era, como sou...
 Riam de mim quando aparecia
 com o casaco até os pés
 os cintos coloridos
 a sacola de lona judiada
 e me acreditaram quando falei de versos
 quando cantei poemas
 e quando me declarei como era
 sem ter declarado a mim mesma
 Me acreditei.....

Me delíciei...
 fazendo as coisas que fiz
 e dizendo que tudo era bom
 E que o sufoco de tudo valia
 e quando pude retratar em tela
 o sabor vermelho
 o sabor de vida
 que aflorou de minhas mãos
 Criar
 Criando
 Me criando
 na arte, de arte, com arte...
 Me declaro artista
 sem pretensão
 mas, com a certeza da arte
 que envolve este mundo
 a arte de cantar hinos
 a arte de amar
 e de dizer um palavrão
 tudo sem censura, sem premeditação
 Mas, espontâneo
 como riso, o choro
 como o bater de asas
 Eu existo no tempo
 da calça lee desbotada
 fumando Hollywood, tomando café
 comendo pipoca, mascando chiclé
 Eu ainda existo no tempo
 e me disseram que o tempo é meu
 se o que fui é o que sou
 e o que sou é o que serei

então o tempo ainda é meu
 pois, o que fui reflete no que sou
 e o que sou, o que serei
 Eu ainda existo no tempo
 ainda me ditam na face verdades
 ainda sonho, ainda sinto
 ainda existo e serei do tempo
 mesmo quando não mais existir
 Volto em imagens passadas
 o espaço sentido
 a entrega do corpo e da alma
 e os entalhes vigoram dentro de mim
 Não mais me anarquizo no tempo
 Sinto paixão...
 sinto respeito e carinho
 por tudo o que me deixaram
 por tudo o que deixei
 Volto, e me encontro na escadaria
 do espaço em que aprendi a acreditar na arte
 me encontrando, me lembrando...
 e posso dizer que voltei
 não de calça lee desbotada
 mas com a liberdade de vida
 na palma da minha mão.

OS DOIS LADOS

As nuvens se agitam
 As almas se abrigam
 Na beleza natural
 Que está no mar
 Que está na terra
 Que está no céu.

As imagens crescem
 Diante dos sentidos
 Onde a alma carregada de sensibilidade
 Absorve a riqueza natural e se identifica.

A criação maior parece morar neste reino,
 Os coqueiros acenam, penteados pelo vento.
 Todos no mesmo sentido
 E...
 São fortes e frágeis
 São lindos!... São lindos!...
 Mas...
 Lá vai a esperança
 Saltar nessa dança
 Que é o nosso Brasil.

Brasil de anseios, misérias e utopias
 Lá se vão nossos sonhos
 Na rabeira da democracia.
 Transição doente, perseguições,
 Proibições, injustiças, incoerências,
 Indiferenças, e mortes mil.

Cadê a democracia?
 Cadê o Brasil?
 Cadê os nossos sonhos?
 Pátria mãe gentil
 Cadê a dignidade?
 Cadê o Brasil?
 Perdida na história, buscando o seu rumo,
 Lá vai a nossa luta
 De frases no muro, prisões,
 Injustiças, traições, folhetos impressos
 No verso e no inverso
 Presos no querer,
 Libertos na ilusão
 Lá vai a esperança
 Perdida na dança.
 Emendas – Projetos – Constituição

Cadê a verdade?
 Cansou de lutar?
 Perdeu os sentidos?
 Virou utopia?
 Corroeu-se no tempo?
 Não quer mais voltar?!

Cadê o respeito
 Pela vida, pelo sentir, pela emoção?
 Está trancado em gavetas?
 Ignorado pela justiça?
 Sufocado pela corrupção?

Cadê a democracia?
 Cadê o Brasil?
 Cadê nossos sonhos?
 Pátria mãe gentil,
 Cadê a dignidade?
 Cadê a justiça?
 Cadê o Brasil?!

CORRAM, CRIANÇAS... CORRAM!

Corram, crianças... Corram!
 perfurem o espaço
 adentrem as avenidas
 espalhem pensamentos coloridos
 nos desenganos da lucidez
 Corram, crianças... Corram!
 venham ver o sol
 que vem chegando de mansinho
 fazendo charminho, dourando momentos
 pra poder despertar
 Corram, crianças... Corram!
 contem verdades de amor
 ao ouvido do vento
 pois em fração de momentos
 ele as espalhará
 Corram, crianças... Corram!
 vivam e existam a pureza real da infância
 pois, um dia, a mesma será lembrança
 ficará registrada na memória

pra nunca mais se soltar
 Corram, crianças... Corram!
 a natureza está sendo ferida
 está se perdendo...
 girando com a vida
 Corram, crianças... Corram!
 Quem sabe? Ainda encontrem algum campinho
 com pé-de-mamona, moranguinhos
 capim peludinho, maria-pretinha,
 erva-doce docinha, florzinhas do mato,
 mato verdinho, barro coloridinho,
 canto de passarinho, vento suave e fresquinho,
 pra avivar e ativar a imaginação
 Corram, crianças... Corram!
 Protestem!
 A imaginação está falindo
 a máquina vem surgindo
 roubando suas possíveis descobertas
 engolindo sentimentos...
 robotizando ações
 Corram, crianças... Corram!
 ... o piques, amarelinha, a mãe-da-lata,
 o trepa-trepa, o pular corda, a mão na mula,
 balança caixão, boca-de-forno,
 o gato e o rato, coelhinho sai da toca,
 os brinquedos improvisados...
 a ciranda cirandinha, as bolinhas de gude,
 a peteca, as brincadeiras de casinha,
 a perna de lata, levanta figurinhas,
 as acrobacias do pião...
 Estão sumindo da história

estão se perdendo com o tempo
esperando salvação.
Corram, crianças... Corram!
Corram! Tentem deter
se ponham a correr
pois, os pássaros acesos na praça
intencionam acenar
seu último ADEUS.
Corram, crianças... CORRAM!

TARDINHA EM CANÇÃO

Brincam as crianças à tardinha
Fazendo festa, lá na pracinha
A lua escancarada vem chegando
E a borboleta já vem dançando
Eu vejo a esperança em cada olhar
Eu sinto a alegria se espalhar
São risos de criança
Na música da alegria
São versos de amor
São formas de poesia
E quando a lua chega
Eu pego o violão
E canto para o mundo essa canção...

Lua, que envolve o meu querer
Lua, que eu vejo e você vê
Traduz lembranças de nós dois

Lua, do antes e do depois
Lua, que brilha no olhar
Mistério da Terra a girar
Lua testemunha de um amor
Que o tempo um dia registrou
Lua, beleza de se ver
Lua, meu querer é igual você.

A MENINA E O BEIJA-FLOR

A menina e o beija-flor
Se encontram todo dia
No quintal que só tem flor
No quintal que é da Maria

Todo dia o beija-flor
Vem fazer sua cantoria
E o perfume que é o amor
Se espalha em ventania

No quintal que é da Maria
No quintal que só tem flor
Se encontram todo dia
a menina e o beija-flor

ACADÊMICO JOÃO RANALI

O ÚLTIMO OLHAR

Que moço bonito, suspiravam as mulheres quando por elas passava o gerente do banco mais conceituado da cidade. Com ganho razoável para fazer face às suas despesas pessoais, principalmente, as referentes à manutenção da sua aparência agradável. Trajava com apuro. Cabelos negros e bastante, serrado bigode de fios sedosos, caprichosamente aparados, lábios grossos, denotadores de uma voluptuosidade insaciável, cabeça sempre alteada, jamais voltada para o chão. Era um latagão de chamar a atenção. Pouco dado a intimidades comprometedoras, mantinha um procedimento irrepreensível, tanto no convívio profissional como nos contatos sociais, comportamento determinado a conseguir um casamento que lhe trouxesse folgança financeira. Fixação lastreada na poupança da família da mulher que viesse a escolher como esposa. O aplombe no apresentar-se e a maneira de proceder, salientavam esse propósito. Não tinha pressa nem se esfalfava para concretizar esse objetivo.

Certo dia conheceu uma jovem que preenchia todas as condições preestabelecidas para o fim colimado, que era um bom casamento. Que fosse afortunado no amor e na riqueza. Assunto

que tratava à moda antiga: o dote da mulher escolhida devia vir num sonoro tilintar de moedas. Mas, que não fossem poucas. A oportunidade surgiu durante um sarau no melhor clube da cidade em homenagem a um poderoso latifundiário, benemérito cidadão que socorria a todas as entidades filantrópicas, com víveres e vestuário.

Conheceu-lhe a filha. Estatura mediana. Rosto alindado por um permanente sorriso. Mas os olhos, ah! Aqueles olhos, de um verde fascinador o que nela havia de mais atraente. Quem os mirasse tornava-se prisioneiro daquelas duas jóias que, como por encanto, emergiam das órbitas, como o farol aparece, na rudeza do rochedo, a chamar os aventureiros para a glória da salvação. Tão lindos eram. E tantas esperanças representavam. As mulheres invejavam-na por esse detalhe da sua beleza. Os homens viviam por eles subjugados. Solicitou-a para bailar. E, num rodopiar suave pelo salão, tornou-se gentil com a rica criatura que lhe caíra nas mãos. Em nenhum momento, na conversação descompromissada, mostrou-se fútil ou ambicioso. Não podia faltar o lado romântico. Falaram de família, da responsabilidade no constituí-la, na fidelidade conjugal. Na derradeira valsa que marcava o término da recepção, mostravam-se harmônicos e concordes em todos os assuntos abordados. Sem perda de tempo, antes que o pai viesse resgatá-la, aprazaram um novo encontro, nascedouro de um firme namoro.

Já freqüentava, aos domingos, a fazenda do rico dono de terras. Promoviam longos passeios a cavalo, por lugares distantes, onde pudessem ficar à vontade, juntos ao frescor das matas e a sonoridade dos riachos. Num calculado respeito, para não decair da confiança da rica herdeira, mal havia atrevido a roçar-lhe o rosto com um leve beijo. Mas, nem sempre o planejado torna-se realidade.

Eis que, sem que fosse esperado, um jovem primo da jovem que elegera como sua ideal consorte, retorna da Europa onde, com estada de dois anos, terminara um curso de economia, em afamada universidade. Tinham sido namorados antes da partida do primo afortunado para os estudos superiores. E o inesperado aconteceu: Reatados os laços afetivos, os primos tornaram-se noivos. Como bem disse renomado pensador, “nem o próprio céu tem poder sobre o passado”.

O gerente bancário pediu à matriz a sua transferência para outra cidade. Apesar da boa reputação que desfrutava, não conseguiu o seu intento. Era-lhe insuportável permanecer na cidade onde conhecera a desventura. Não suportava ver a jovem milionária, resplandecendo felicidade, passar por ele pelos braços de outro homem. Não conseguindo a transferência almejada, num desatinado gesto de desespero, demitiu-se do cargo em cujo desempenho fulgurara pela competência, operosidade e decência. Sem rumo e sem recursos, desvairado com o destroçar do seu plano de enricar e constituir família assentada no mais duçoroso amor, tornava-se um peso morto para os familiares em cuja querença buscava encrustar a sua desdita. Procurou, desesperadamente, por um emprego. Apesar do currículo com anotações de louvores, encontrava fechadas todas as portas.

Açoitado pelo terrível calor que fazia, com as bagas de suor a escorrerem-lhe pelo rosto, com indiferença e sem saber porque o fazia, entrou numa igreja como se ingressasse numa confeitaria ou numa casa de espetáculos. Sentou-se no primeiro banco que encontrou. Sem se aperceber começou a rezar. Iniciou um Pai Nosso e não conseguiu concluí-lo. Apegou-se a uma Ave Maria e, aos trombolhões chegou ao Amém. No silêncio reinante no Templo, pôs-se a admirar as imagens dos santos. Como naufrágo que encontra nos destroços de um navio a única tábua de salvação, como

que tocado por uma benéfica inspiração, decidiu-se: entraria numa ordem religiosa para dedicar-se ao serviço de Deus. Decisão tomada, ingressou num seminário. Passou por todas as provas eclesiásticas exigidas. Ordenou-se. E para fugir de uma vez do torvelinho do mundo, adotou o nome de frei Divino Salvador. Oficiou a primeira missa. Com submissão aos superiores, alheio às agruras do passado, tal era o fervor com que desempenhava a sua missão religiosa que não demorou a granjear a estima e o respeito de toda a Irmandade. Estudioso, tornou-se um pregador admirável. As missas que oficiava chamavam os fiéis ao Convento só para ouvir as suas palavras eloqüentes. Todo o sofrimento passado, transformado em balsámo consolador, esplendia no carinho que dedicava no aliviar o padecimento do próximo. Os cabelos embranqueceram precocemente. As faces enruguecidas pelos desencantos da vida e a preocupação de bem desempenhar o trabalho de aliviar os fiéis necessitados que o procuravam na certeza de que encontrariam nele o necessário para as suas precisões. Por mais que fizesse parecia-lhe pouco. Era o primeiro religioso a acordar. Após as abluções preliminares para o cumprimento da sua missão eclesiástica, e uma vez rezadas as matinas, frei Divino Salvador partia para a distribuição dos pães para os pobres que se enfileiravam para recebê-los, na porta dos fundos do Convento. Em seguida dirigia-se para o interior da Igreja, caminhando lentamente para o confessionário, onde os fiéis já o aguardavam. Mesmo quando o frio era intenso não abrigava as mãos na cogula para proteger-se. Abria cautelosamente a portinhola do confessionário. Sentava-se na banquetta destinada ao confessor. Beijava a estola, colocando-a sobre os ombros. A primeira confidente aproximou-se. Ajoelhou-se vagarosamente. Fez o Sinal da Cruz. Ao olhá-la frei Divino Servidor estremeceu. As pernas formigaram. O rosto, uma só vermelhidão. Tentou fixar bem o rosto da confidente. Principalmen-

te os olhos. A vista turvada pela emoção mal conseguira configurar o rosto da mulher que aguardava as primeiras palavras do confessor para dar início ao desfile dos seus pecados. Num último e desesperado relance dos seus olhos sobre a imagem feminina postada à sua frente não deixava dúvida. Era ela, sim, a única mulher que amara na vida e que o deixara para casar-se com um velho amor que retornara de longínquas terras. A sua cabeça tombou, recostada à tela que separava o confessor da confitente. Era ela sim. Aqueles olhos não tinham similares. Desfalecera, o bom frei Divino Salvador, ao rever aquela que podia ter sido a única criatura a liga-lo à mundalidade da vida.

Reanimado, não mais quis voltar ao confessionário para conceder o perdão aos contritos pecadores. Nunca mais frei Divino Salvador seria o mesmo. Já não era ele o caritativo distribuidor de pães aos pobres. Já não era ele o preferido pelas mulheres para o sacramento da confissão. Já não era ele o oficiante das missas onde a presença feminina predominava. Passos trôpegos, limitava-se a arrastar os pés pelos corredores do convento, breviário nas mãos, a rezar baixinho. Tinha medo de aparecer em público. Medo de tornar a ver aqueles olhos verdes... .

NOITE FELIZ

Assim como o lírio de pureza sem igual nasce no brejal nauseobundo, o bem pode medrar no paul da maldade.

Bernardino, menino pobre que mal tinha o que vestir e comia do pouco que os pais, humildes roceiros, dessem que alugam as enxadas para capinas ocasionais, podiam dar-lhe. Os coitados outra coisa não sabiam nem podiam fazer na vida por entender, a

estupidez patronal que, depois dos quarenta, as pessoas estão velhas e imprestáveis para as atividades laboriais. E tanto o pai como a mãe do Bernardino já haviam ultrapassado a barreira das quatro décadas. Ocupavam um casebre metido nos cafundós de um sítio de pessoa abonada, mantido para devaneios de fim de semana, num gozo intérmino de prazeres e frugalidades para a filharada bem nutrida e de boas roupas de banho e brincos aquáticos esbaldar-se na piscina e queimar energias nas quadras esportivas. E quando a água não era convidativa e as peladas cansativas, deliciavam-se no pedalar bicicletas e pilotar possantes motos numa ostentação de riqueza.

Sempre que a família do dono freqüentava o sítio, servia-se do trabalho dos pais do Bernardino que se esfalvavam em recolher a sujeira que parecia agradar aos proprietários, acumular com o descuidado descarte de tudo o que de inservível saísse das suas mãos perdulárias. E quando a limpeza não era bem feita, lá vi-nham as recriminações que deixavam o pobre casal vexado. E o Bernardino a assistir aquele maltratar, aquela prepotência de gente rica contra os coitados que a necessidade jungia a precisão da choupana que ocupavam graciosamente. Nenhum gesto de bondade para com os serviçais. Nenhuma demonstração de humanidade. Nenhuma dádiva, mesmo que de roupas e alimentos sobejantes. E, assim, os campônios chamados a servir à família afortunada, sujeitavam-se a tudo, num conformismo acachapante. Que remédio senão aceitar toda a sorte de espesinhamentos e desprezos. A necessidade é uma madrasta sempre a azucrinar a existência dos abatidos pela adversidade.

Mas, o Bernardino, menino esperto e curioso, tangido pela esperança de que um dia tornar-se-ia diferente dos pais, no seu ócio de garoto sem ter o que fazer, ia catando todos os jornais que lhe caíam nas mãos, revistinhas infantis abandonadas pelos

molecotes do clã afortunado, e tudo o mais que tivesse ilustrações legendadas, guardando-os secretamente num cantinho da choca.

Nas vizinhanças funcionava uma escolinha rural. Retrato autêntico de um país onde a cultura rasteja. Paredes de taipa de mão, com caixotes a servirem como carteiras, um velho armário com as portas despencando e uma mesa rústica à guisa de cátedra para a professorinha que, todos os dias, vinha da cidade para ministrar aulas. Neste ambiente de total miséria, o Bernardino começou a obter a resposta para a sua reserva de jornais, revistas e gravuras, tudo largado ao léu e que suas mãos, lépidas e determinadas, iam apanhando e armazenando. Mal o sol desperto, esgueirando-se para não ser visto, Bernardino postava-se no lado de fora da escolinha e, pelas frinchas deixadas pelo barro caído da tosca pauzama trançada, observava e absorvia as aulas que a “fessora” proferia. Foi, assim, aprendendo as primeiras letras. Começou a compor as primeiras palavras. Progrediu no articular frases. Tornou-se um autodidata.

Molambento, raquítico, desdentado, desprotegidos os pés e com roupinha remendada a cobrir-lhe o magrelo corpo, um dia aventurou. Criou coragem. Aproximou-se do pai e da mãe e, com os olhos marejados por duas lágrimas ansiosas por despencarem, num repente que não conseguiu conter nem dissimular, disse, quase num soluço:

– Óia, eu quero trabaiá na cidade pra morde estudá. Oceis deixa?

– Mas cumo, fio, se oce nem ropa tem pra visti, respondeu a mãe chorosa.

– Num tem importância, eu mi arranjo, rebateu resolutamente o Bernardino.

Permissão concedida, lá foi ele, pés descalços batendo firme no chão duro da estrada que escaldava como se fosse o caminho

que conduzia ao inferno, tão forte e tórrido andava o sol naquele dia. Chegado à cidade procurou ambientar-se à visiva por ela oferecida. Até alcançar uma venda à beira do caminho, pouco menos de um quilômetro distante do centro urbano. A sua condição, quase de maltrapilho, não permitia, por enquanto, atrevimentos maiores. Pediu pousada e ofereceu-se para trabalhar.

Acontece que mãos divinas aprestam-se sempre para amparar os que buscam ocupação para um encaminhamento decente na vida. O dono da bodega aquiesceu em recebê-lo. Deu-lhe comida. Engoliu tudo, com avidez e, sem ser visto, lambeu a gordura que ficara no fundo do prato. Abrigou-se num depósito no fundo do quintal, serventia para a guarda de garrafas vazias e caixotes inúteis. Derreado pelo cansaço, pegou num sono profundo. Foi nesse misérrimo ambiente que o pequenino e frágil Bernardino começou a despertar para o mundo. Aprendeu a superar as dificuldades, muito embora a saudade da mãe fosse uma fixação permanente, da qual não conseguia desfazer-se. Sentia falta da sua palavra amiga, do carinho das suas mãos rugosas sobre os cabelos que nunca sentiram o deslizar de um pente. E sonhava alto. Projetava-se como um homem valioso à sociedade, espargindo o bem que os ricos donos do sítio onde vivera, até então, jamais praticaram. Principalmente um dos moleques da grei, de um ruivo que muito se aproximava do ferruginoso aspecto dos metais amarelados, corroídos pela ação do tempo, como que a revelar o seu caráter prematuramente deformado de criatura má e desprovida de sentimentos piedosos. Garoto de formação putrescente, era o tormento do Bernardino. Fazia-o apanhar a bola que, desobediente ao bom chutar, ia cair no espinhal de onde o coitadinho do Bernardino voltava sempre arranhado, com dilacerações sanguinolentas. Fazia-o carregar coisas mais pesadas que a sua capacidade física podia suportar. Maltratava-o com pa-

lavras do mais baixo teor, ofensivas ao seu estado de indignação e de submissão passiva às migalhas que, de quando em vez, os seus genitores atiravam ao garoto. Enfim, uma caricatura, e assim mesmo mal debuxada, do demônio. Forma humana, alma de Belzebu.

Dos seus sonhos de menino serviçal da vendinha de beira de caminho, acordava aos gritos, sem assistência de ninguém, quando sobressaltado por pesadelos. Via-se açoitado pelo malvado filho do patrão dos seus pais. Tornava a dormir jurando que aquele tormento um dia teria fim. Inclusive com a mudança da rota desditosa dos genitores que ficaram nas mãos do desalmado milionário.

Conseguiu autorização do patrão para freqüentar a escolinha primária do bairro, no período noturno. Até que chegou ao dito dia da recepção do seu primeiro diploma.

O isolamento da pequenina casa de comércio começou a soar como um estorvo às suas pretensões. E lá se foi, com coragem e bagagem, para o centro da cidade. A precisão de um trabalho que lhe garantisse a subsistência e meios hábeis para continuar nos estudos, fê-lo aceitar as funções de entregador de mercadorias a domicílio, de fornida casa atacadista. Humilde, sempre atento às prédicas dos fregueses, foi-se relacionando. Certa manhã, sol aberto numa claridão a castigar com um calor insuportável os que se danavam na movimentação das ruas, chegou à casa de um professor, pedalando a bicicleta da firma para a entrega de uma encomenda. Teve sorte. Por haver a empregada feito forfait, foi atendido pelo dono da casa. À medida que descarregava a mercadoria, Bernardino dava asa às suas expansões de menino que desejava uma boa formação cultural. O professor, sensível às súplicas, matriculou-o num colégio, com a obtenção de uma bolsa de estudos. Coincidentemente, passou a freqüentar a mesma classe de um dos filhos do generoso mestre. Aplicado como poucos, em breve, Bernardino ultrapassou, em conhecimentos, o filho do seu benfeitor, por desleixado

no preparar-se, por apegado mais a namoricos e bailecos do que ao seu deslanche intelectual. Enquanto Bernardino no tugúrio que lhe fora destinado para morar, nas noites de profunda aplicação, vergado sobre os livros, esmerava-se na efetivação da meta que se propusera alcançar. Tornou-se o arrimo do garoto descuidado, por gratidão ao pai e por solidariedade, apego que nunca tiveram para com ele, a não ser quando encontrou os braços abertos do vendeiro de beira de estrada e do mestre cujo filho agora tutelava. Braços que lhe abriram o caminho para a complementação de seus anelos. Exatamente quando o Bernardino terminava o colegial, o filho do professor ainda remava no mar da vagabundagem, sem chegar ao porto da diplomação.

Estava apto para ingressar numa escola superior. E agora? O que fazer? Que profissão escolher? Optou pela medicina. E formou-se. Bom médico, requestado pelo que de melhor havia na cidade, o que lhe permitiu consolidar uma clientela diversificada, porque jamais deixou de atender aos necessitados que batiam às portas de seu consultório, fosse qual fosse o mal que os apoquentasse.

Começou a enricar. Chamou os pais para junto de si. Já não mais precisavam sofrer humilhações nem conhecer canseiras. Deles orgulhava-se. Na modéstia do seu viver, a despreensão de aparentarem prosperidade, os dois, agora, alquebrados de tanto cuidar da terra e no regalo de uma justa recompensa pelos sofrimentos que por tanto tempo conheceram, cresciam cada vez mais na gratidão do Bernardino. Recompensá-los dos dias de amargura e carências passados no sítio do malvado moleque de configuração ferruginosa, era preciso. A fisionomia do garoto diabólico não lhe saía da lembrança. Era uma presença permanente. O perverso podia crescer, podia ter alteradas as características fisionômicas, mas Bernardino jamais conseguiria esquecê-lo. Não porque tencionas-

se devolver as judiações que sofrera. Algo lhe dizia que, com o diploma nas mãos, mais cedo ou mais tarde, ajustaria contas com o safardana que tanto o espezinhará. Pensamento fixo, verdadeira obsessão que acabou por realizar-se.

O milionário senhor do sítio metera-se a batoteiro. Perdeu toda a fortuna no jogo e, de cambulhada, lá se foi o sítio. A mulher, com umas sobras de juventude, prostituiu-se. E os filhos largados sem um centavo, na dura roda do mundo. Contrastando com essa debacle, Bernardino cada vez mais a galgar os degraus do sucesso. Professor de química, física e biologia nos melhores colégios da região. Diretor Clínico da Santa Casa de Misericórdia. Casadouras não faltavam a pretender-lhe o amor. Presidente de entidades filantrópicas e de serviços. Ocupante da melhor casa da cidade, adquirira de um fazendeiro entrado em ruína, que acabou transferindo-lhe, a preço razoável, também, a fazenda onde se cultivava um pouco de tudo. Já dono dessa propriedade policulturada, nela alojou os pais, não como rurículas subservientes nas mãos de desalmado patrão, mas como administradores de um bem que desfrutavam com total liberdade, gerindo-o descompromissados de prestar contas a quem quer que seja. Gestores que devotavam aos empregados, não o tratamento cruel que até há bem pouco conheceram, mas bondoso, receptivo a todos os apelos que lhes eram dirigidos. Mesmo porque o Bernardino não queria para os filhos dos agregados à fazenda confiada aos pais, o mesmo e iníquo tratamento dispensado a ele pelo perverso moleque com cara de metal oxidado.

Para com os doentes, Bernardino era toda dedicação. Desvelava-se às suas cabeceiras, fossem ricos ou pobres, tudo fazendo para aplacar-lhes as dores, minimizando-lhes ao máximo os sofrimentos.

Numa noite de Natal chamaram-no para atender a um moço

que tentara dar cabo da vida. A sua perícia era solicitada porque o tresloucado apresentava profundo corte numa artéria e a sutura tornava-se urgente. Só mãos peritas como as suas podiam mantê-lo vivo. Apanhou a maleta com os apetrechos médicos. Lépidio, dirigiu-se ao nosocômio. Ao passar pela igreja, toda iluminada e apinhada de gente, tartamudeou uma prece ao Menino Jesus, cuja natalidade festejava-se. Pediu-lhe proteção para que abrandasse todas as iras, afastasse todas as vaidades e erradicasse do seu coração todos os preconceitos que, por ventura, pudessem entenebrecer-lhe a alma. O céu estrelado, na mudez de uma noite santamente propícia para a meditação, parecia ouvir-lhe as súplicas.

Chegado ao hospital, disparou para o centro cirúrgico. Pelos rádios da casa, os cânticos dos fieis conclamando os homens de boa vontade à paz, chegavam aos seus ouvidos. Vestiu as luvas. Quando aproximou-se da mesa cirúrgica, os olhos esbugalharam-se ao deparar com uma criatura de aspecto ferruginoso, empalidecido pela enorme quantidade de sangue perdido.

Era o malvado, que tanto lhe infernizara a vida. Num relance, perpassaram-lhe pela mente os sacrifícios a que era submetido para apanhar a bola chutada para o espinhal, a tortura que lhe era imposta para carregar coisas que as costas mal podiam suportar, a indiferença para com os pais que chegaram, como ele, a passar fome, a precariedade das vestes que lhes cobriam os corpos, e tudo o mais que os reduziam, pela maldade da família do dono do sítio, a verdadeiros trapos humanos.

Com o bisturi a tremer-lhe nas mãos, diante daquele ser inerte pela anestesia, um surto de cólera carminou-lhe as faces. Antes que as suas mãos se movimentassem para a prática de qualquer ato aético, apanhou a ficha referencial pendente do suporte do aparelho repositivo do sangue perdido pelo infeliz. E lá estava, marcada com letras de forma, a exata proporção a que a sorte

reduzira aquela desditosa criatura – INDIGENTE.

Súbito acudiu-lhe a figura do Menino Jesus, seu guia e conselheiro nas horas de abertura e apreensões. Num processo rememorativo, o seu rosto, a princípio colérico, foi se adaptando a uma mansidão que só os benemerentes conhecem. Apressou a cirurgia. Suturou a veia dilacerada. Assistiu a remoção do paciente para a UTI. E saiu para receber o suave bafejo do zéfiro morno no rosto cansado pelo esforço dispendido.

Volvendo os olhos para o céu e fascinado pelo brilho das estrelas, naquela noite deslumbrante como jamais os seus olhos haviam visto antes, murmurou:

— Obrigado, Senhor, por haverdes conduzido as minhas mãos, não para matar, mas para salvar a vida do pilantra que tanto mal me fez na vida.

Aquele infeliz que padecia na brancura dos lençóis de um hospital de caridade e que, desde criança, por deformação educacional, vivera na impiedade, já fora suficientemente punido ao ter a vida que pendia por um fio, restabelecida pelas mãos daquele que tanto desfeiteara com pesados insultos e mesquinhas incumbências.

Sorridente, Bernardino lembrou-se do recolhimento de crianças pobres da cidade, do qual era provedor. Instintivamente, dirigiu os passos para aquela casa de criancinhas que a sorte largara ao abandono. Certificou-se de que os presentes natalinos que logo mais seria chamado a distribuir, estavam todos ensacados e com os nomes dos destinatários lançados nos cartões com alegorias cristãs.

Circulou entre as camas onde os inocentes pequeninos dormitavam e retirou-se com a alma banhada de felicidade, cantarolando:

— Noite Feliz... Noite Feliz...

A PAIXÃO DO DOUTOR ALEXANDRINO

Pés metidos em cómodas pantufas, o velho advogado que levava a vida a resolver trapalhadas alheias para ajustá-las ao bom caminho, arrastava-os, agora, pelos corredores acarpetados do apartamento. Encimesmado, parecia absorto, mergulhado num passado que lhe acudia à memória de maneira confusa, como se fosse uma visão maltratada por uma oftalmia que lhe embaraçava a exata percepção dos objetos que teimavam em fugir do seu alcance. As imagens dos dias idos e vividos não lhe eram devolvidas com a nitidez desejada, mutiladas por um rebelde desvio rememorativo. Esse desengate entre o passado e o presente, tornava-o impaciente no querer as coisas e ranzinza no solicitar auxílio para as suas deficiências. Acostumara-se a viver sem parentes nem amigos. Só uma velha empregada acompanhava a sua desditosa velhice. Solidão agravada com o fugir das reminiscências, únicas companheiras dos últimos tempos, amigas amoráveis e reconfortantes dos seus dias. Apenas a prestativa baba Faustina, remanente das suas querenças familiares, para acudir nos momentos de necessidade. Era preciso uma paciência verdadeiramente samaritana para aturar as rebugices do velho advogado.

Além do mais, fora ela quem fechara os olhos da mulher, cedo demais levada pelas mãos ímpias da morte, e o consolara quando da partida do único filho havido de um curto matrimônio, vítima de uma briga num cabaré da zona boêmia da turbulenta metrópole.

Casara, não por amor, mas para ter um rabo de saia que o aliviasse da fracassada paixão que alimentara por uma foga corista. Escorregão da mocidade sempre ávida no desfrutar os prazeres mundanos. Bem como todas as demais mulheres que, depois dela, passaram pela sua vida, desprovidas de suscetibilidade para um

apresamento afetivo capaz de conduzi-lo a um aprofundamento amoroso. Porém, o seu envolvimento com Monique, ah! Este sim constituiu a doçura do seu romântico viver.

No ardor de uma juventude bem nutrida de aventuras, conheceu-a num espetáculo brejeiro. Era vedete. Figura destacada de um corpo de bailarinas, orquestrado pelos movimentos da grácil artista que se salientava do grupo, na hora do cançã, no exato momento em que as beldades, emitindo gritinhos histéricos, de costas para a platéia, levantavam as saias rodadas para mostrarem as bundas recobertas por transparentes calcinhas de seda. Seus braços longilíneos coleavam como serpentes prontas para botes exterminadores. A cútis, de um alvor sem defeitos, emprestavale ao rosto uma harmoniosa conformação, emoldurado por uma cabeleira de loiro natural, como se fosse um feixe de espigas de trigo cintilando ao sol escaldante, em pleno processo de maturação. Os seios, sem suportes, de uma firmeza que sequer o sacolejar da dança fazia tremer, eram duas lanças em riste a afrontarem a concupiscente platéia. E o ventre, liso e sem enxúndias, com simétricas reentrâncias que iam desfalecer nos quadris, sem opulência nem inópia, proporcionava-lhe um realce de deusa mitológica. Toda aquela modulação de carnes almiscaradas a movimentar-se sobre as pernas bem torneadas, de incrível agilidade.

Foi vê-la e por ela endoidar.

O Dr. Alexandrino, recém-saído dos bancos acadêmicos, era espectador assíduo. Sempre na primeira fila da apinhada casa de espetáculo, lugar que a chula apreciação popular chama de “fila do gargarejo”. Aquela presença constante, sequer chegara a chamar a atenção da cobiçada vedete. E o coitado do Dr. Alexandrino, sem recursos para que a corte silenciosa que lhe fazia, prosperasse, vivia a sonhar. Estreitava-a nos braços em frementes pensamentos galantes, embora soubesse que, exatamente naquele momento,

estava ela entregue a amores clandestinos, na vaga esperança de que alguém a quisesse em definitivo, tirando-a, assim, do vicioso mundo artístico.

A fortuna, deusa do acaso, resolveu dar um empurrãozinho para o impenitente apaixonado que andava em sofrimentos de amor por uma mulher que borboleteava na mundanidade. Sua banca advocatícia passou a ser solicitada por clientes de polpudos recursos financeiros. Suprido, agora, por alentada conta bancária, atreveu-se. Começou a mandar flores à sua Monique, deidade dos seus secretos desejos. Na “fila do gargarejo” fazia acenos medrosos, quase que imperceptíveis, na tentativa de mostrar-se como o remetente dos ramalhetes de exóticas e perfumadas flores, ajustados com arte e bom gosto em cestinhas de vime, enfeitadas de laçarotes de papel crepom colorido. Até que, certa noite, da ribalta, Monique sorriu-lhe. Seria o gesto de identificação da pessoa que a queria desesperadamente ou um desses meneios profissionais para impressionar espectadores? Era a oportunidade que se oferecia para conhece-la pessoalmente. Findo o espetáculo, cerradas as cortinas, quando ainda reboavam os aplausos da platéia, o causídico encheu-se de coragem para uma firme investida. Bateu na porta do camarim daquela que povoava os seus sonhos, que lhe fazia o coração pulsar numa disritmia louca e acalentava-lhe a alma da certeza de que, um dia, ela seria sua. Uma vizinha ainda mal refeita do cansaço dispendido durante a função, fez-se ouvir:

— Entre.

E o Dr. Alexandrino, apanhando a mimosa mão que lhe era oferecida, numa fogaracha coquetice, beijou-a com a sofreguidão dos apaixonados. Sacou de uma vistosa carteira de couro um cartão de visitas e presenteou a mulher que erigia como a diva da sua incomensurável veneração. Monique relanceou um olhar pelas letras de um brilhante saliente, o que bastou para identificá-

lo com o nome registrado nos cartõezinhos que acompanhavam os buquês, que, por longo tempo, enfeitaram-lhe o camarim. Nenhum agradecimento, nenhum vislumbre de afeição, como se ele, o grande advogado, o grande amante que andava por ela a suspirar, fosse um desses admiradores vulgares, um mequetrefe qualquer. O desapontamento desnorteou-o como se tivesse perdido a causa mais preciosa em que se empenhara até então. A mão dada a beijar foi o único carinho, com as parcimoniosas palavras de um frio agradecimento:

– Obrigada pelas flores.

E assim despachou o seu insistente admirador. Lá se foi o Dr. Alexandrino, chapéu enterrado na cabeça, exposto ao gelo da noite, maltratando com ferozes dentadas o charuto que lhe pendia da boca, num tragar descompassado, que ora enchia o ar de baforadas generosas, ora de pífio expirar de uma tênue cortina de fumaça. Remoia a indiferença da cortejada por tantas e ansiosas noites, com flores no camarim e palmas frenéticas na platéia. Chegado ao apartamento, cuja porta fechou com fúria, desabou sobre o sofá para dormir pesadamente, com a sensação de um rejeitado.

Porque Monique não o queria? Desaforo. Era bem apessoado. De família conceituada. Estava vitoriosamente encarreirado. Sua banca era freqüentada pelos poderosos da indústria e do comércio, produtores e comissários de café, o sustentáculo da nossa economia dos anos 20. Pretendentes não lhe faltavam. Era só estalar os dedos e elas surgiriam às centenas. E do melhor que gravitava na bastura de uma sociedade superficial e exibicionista. Mas nenhuma lhe aguçava a concupiscência.

Orador convincente, com voz vigorosa e argumentação precisa, absolvera, em júri memorável, um milionário que mandara a mulher para as profundas do inferno, por havê-la apanhado em flagrante adultério com um gigolô da mais baixa reputação, salvo

das balas assassinas por haver conseguido escapular da fúria do homem ultrajado em sua honra. Fora tão brilhante que o partido do governo acenara-lhe com uma vaga na chapa dos candidatos à deputação. Admirado por todos e por todos querido, porque só Monique desprezava a sua corte?

Passou a seguir-lhe os passos à procura da referência que a tornava indiferente ao seu amor. E não parou, nas suas buscas, até descobrir a causa do pérfido tratamento que lhe era dispensado. Exatamente o uxoricida que livrara da cadeia era o amante de Monique. – Sem vergonha, foi a expressão indignada que partiu de sua boca. Se soubesse antes do relacionamento da sua amada com o patife, teria desleixado na defesa para que fosse parar na penitenciária. Só assim restaria livre o caminho para a definitiva conquista do coração de Monique.

A sua desesperação cresceu quando o seu poderoso rival e cliente, aquele que lhe engordava a conta bancária, uma vez morta a infiel mulher, resolveu fazer de Monique a sua consorte.

Na pomposa festa de casamento, ironicamente, lá estava o Dr. Alexandrino como convidado especial:

– Faço questão cerrada da presença do amigo, disse-lhe o felizardo.

E lá foi o brilhante advogado, carregando a acridez da sua desdita, para assistir e parabenizar a suprema ventura do seu afortunado constituinte.

Só então se deu conta de que a sua vedete gostava mesmo era de espetáculos. Não os que representava no palco, mas os da vida real. Os sentimentos dos outros não a comoviam. Fascinada pelo dinheiro e não por amor, caíra nos braços do milionário. Uma vez feito o seu pé de meia, com razoável patrimônio e pejada de jóias, aprontou. Abandonou o ricoço que a desposara e o Brasil que a hospedara e aplaudira, voltando para o brilhareco de Paris para levar a vida fútil e leviana que sempre acalentara. Deixando em

desespero dois corações: o que a possuía e o que ficara apenas no desejo de possuí-la.

A partir de então, o Dr. Alexandrino passou a cultivar a saudade da vedete que passou pela sua vida como um pássaro dourado, mas distante das suas mãos, voando cada vez mais alto, até tornar inexecutível a sua louca paixão.

Fez-se indiferente às honrarias. O trabalho da seara jurídica foi sendo desleixado. Nada mais o prendia a coisa alguma. Chegou a casar-se é bem verdade. Mas, a mulher sempre presente no seu coração era a Monique. Ao possuir a esposa, sentia nos seus orgasmos, não o corpo da legítima mulher, mas o de Monique, a falsa que jamais o quis. Nos movimentos da que escolhera como consorte, seus olhos remitentes viam os saracoteios de Monique, quando, no auge das representações teatrais, erguia a saia para o delírio dos assistentes que babavam ante a visão do seu solene traseiro. As plumas dos vestidos da vedete revolteavam na sua memória com adêjos de ânsias incontidas e desejos irrealizados. Instantes em que a rabugice instalava-se com mais intensidade na alma do velho causídico. Lembrar de Monique era submeter o coração a sofridas pontadas que pareciam querer matá-lo. Aquele amor monocórdio da sua mocidade, frustrado na fuginte ilusão de uma posse cada vez mais distante, desconheceu as regras de uma seqüência terminal. Porque nunca morria. Verdadeira obsessão com sabor de derrota por não haver atingido a realização do seu impulso amoroso. Monique foi a única mulher que, embora, não possuída, ficou para sempre na vida do Dr. Alexandrino. A ponto de a velha Faustina, serviçal que o acompanhava durante a longa existência haver-lhe indagado quem era a tal Monique cujo nome, neste últimos tempos, era repetido por ele nos momentos de pacificantes modorras. E o Dr. Alexandrino, assustado pela revelação captada, irritava-se com ela:

– Que bobagem é essa de Monique, mulher. Não fale besteira.

Era assim que repelia a insólita pergunta, com voz cansada e sem força impositiva.

Até que, num dos seus repentes de impertinência, a insuficiência cardíaca que lhe comprometia a saúde, fez-se presente. Levado para a cama, a cabeça sobrelevada por almofadas e travesseiros, num último alento, ergueu os braços como quem procura apegar-se a algo muito querido. Súbito, o rosto contraído pelo sofrimento resplandeceu como que tocado por um afago inesperado. Pendeu a cabeça mansamente sobre o peito e morreu.

Era Monique que viera buscá-lo para, ao amante platônico que por ela tanto penara, entregar-se, numa recompensa eterna, à vã e persecutória jornada que o doutor Alexandrino lhe movera na terra.

ACADÊMICO
 JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

CAUSOS FLOMBOYANT

*A narrativa é igual à vida;
 a ausência de narrativa, à morte.*
 (Todorov)

O SEQÜESTRO DO TEMPO

Lá do alto, envolto em nuvens, disse Chronos, o comedor de gente:

– “O tempo está seqüestrado por um não sei quanto e quando de minhas fúrias!... Para resgatá-lo e voltar ao comum da vida, exijo um contar de estórias. Traga-me um contador de causos!... Única forma de evitar o cataclismo: a aglutinação dos pólos.

A recompensa a todos?... É o retorno das fábulas e metáforas de Era Uma Vez...

DE COMO SURGIRAM OS BICHOS
 NA TERRA

Era uma vez, há muito e muitos anos atrás, quando ainda não havia bichos na terra, nenhum: nem gato, nem paca, nem onça. Só mato e gente. Casa também não havia. Cada vivente daquela época, em vez de casa, tinha um matinho, cheio de moitas, para morar. Era o matinho do Tônico da Júlia, a moita da Jura do Miro, a Lurde do Matão, e assim por diante.

Vai daí que certa feita, sem dar dia de precisão, um dia um moço, Dão-Servino, cheio de panca, por sinal, muito namorado, sim senhor, de uma moça, chegou a ela e disse. “Oh, Hércia, ocê não quer ir comigo na festa da Lurde do Matão, fia do seu Zico, que está por ser neste dia de sábado?” A moça, proseando lá com botões dela, disse que não ia porque tava com dor na cabeça..., não, dor na barriga..., não, dor nos quarto...Cê acha que ela tava mesmo com alguma dor?

Bem, ficou acertado para ninguém ir à festa da Lurde do Matão, então. Mas, porém, confiando no tal de moço namorado, que não ia, a Hércia foi à festa... Chegando lá, mato pra todo lado!... andou, cruzou olhares com um tal de Lisandro, trançou braços, e foram andar, por lá mesmo, que era tudo mato, e moitas...

Quando bateu certa hora, meio fim de tarde de verão, aparece por lá o tal moço, já ex-namorado. Chegou também todo pancudo, de brilhantina, olha-que-olha as moças todas, transitando por entre matos e moitas... e de repente viu, saindo de trás de uma moita, a moça, namorada, Hércia, toda tirando cisco do cabelo, ajeitando as carças, e Lisandro se abotoando todo... Ah, O namorado ficou furioso... Levantou um braço, buscando poder de raio. (naquele tempo as coisas eram

assim, praga pegava mesmo). Veio lá do alto uma luz que atravessou a copa das árvores, bateu na sua mão, e ele girou, girou o braço com força e soltou sobre a moça-ex-namorada. Esta, deu uma estremecida, uma rodopiada brava e se transformou num bicho. O primeiro bicho da terra... Rastejador, e pra Dão, traiçoeiro... Foi numa cobra. Mas uma caprichada. Da barriga pra cima jararaca, da barriga pra baixo cascavel... E saiu serpenteando, pondo a língua de fora e batendo guiso. O moço Lisandro perdeu a referência... se viu só. Dão-Servino puxou mais raios do céu. Uma bola de fogo bem forte desceu, e ele agarrou, rodopiou a mão e soltou no moço, com toda a maldade. Lisandro, deu uma estremecia, três pulinhos e se transformou no segundo bichinho da terra... Sabe que bicho foi... Num bambi... e saiu todo saltitando floresta afora... Mas o causo não termina por aí, não. Ele, o ex-namorado, Dão-Servino, estava de costas para um sol enorme, na clareira, e viu sua sombra no chão, refletida... sabe em que bicho ele já tinha se transformado?... Em um boi. Foi o primeiro chifrudo da estória. E o povo todo dando risada...

Ah, Dão-Servino ficou furioso, foi erguendo braços, patas e buscando raios do céu e jogando nas pessoas... e, dali por diante, tatu, cotia, jacaré, gato, cachorro, paca, onça, etc, etc... foram surgindo e povoando o mundo...

E é por assim em diante que hoje temos os bichos na terra!

NOS TEMPOS EM QUE O SOL MORAVA NA TERRA¹

Há muitos e muitos anos atrás, o mundo era muito diversificado. Viventes de hoje podem não acreditar, mas as crônicas de então contam que árvores, pedras, rios, lagos, pássaros e bichos falavam e tinham sentimentos, viviam misturados no mesmo modo de vida dos homens. Aliás, tudo eram seres falantes, com dores, alegrias e paixões. Prova disso é que houve um caso de amor entre uma cobra coral, linda, e um porco espinho, garboso. Casaram-se e tiveram vários filhos, todos da linhagem do arame farpado. Hoje, porém, restam-nos ensinamentos e restolhos do modo que eram aqueles dias, provando que tudo em nossa volta já foi existido em outras formas, nos antanhos, semelhantes à vida de hoje.

Naquele tempo de experimento, tudo começou, novo em folha, o Sol e sua família, moravam na terra. Tudo era pertinho, e de alegre vida. Aos domingos, o Sol pegava sua mulher, a Selene, os filhos, nove ao todo, e ia visitar a Água, que morava ali por perto. Chegando na casa da Água, batia palmas, entrava, e ficava observando o imenso mar da Água. E era fria. E o Sol, como hoje, fervente, de tostar, não podia deixar a Água tocar em seus pés. Então queimaram pestanas em invenções, até que a Água fez uma cerca de água-viva para poder receber o Sol. Assim, naquelas tardes, dos antanhos, Sol e família de um lado, protegidos pela cerca (porque se a Águas tocasse em seus pés ouvia-se imediatamente: xxxiiiíiii, e subia uma fumacinha...), e a Água de outro, conversando, rindo e tralalalando.

Um dia, depois de tanto visitar a Água, o Sol lhe perguntou:

– Por que você não me visita, Água? Só eu venho visitá-la!

A Água justificou:

¹De uma tradição oral africana

– Veja como é enorme minha casa. Não posso visitar ninguém, Sol. Tenho muitos filhos, olhe só.

Sol e Selene olharam em volta, tudo era imenso, aquele mundão de água espalhando-se por todos os lugares. Foi aí que o Sol respondeu.

– Pois eu mando fazer uma casa enorme, assim, para receber você e seus filhos.

– Pode fazer que irei com muito gosto, a Água responde alegre em riso.

E se foram, pai Sol, mãe Lua (a Selene) e os filhos todos, agarradinhos aos dois, como sempre.

Tempos passaram entre brilhos e escuros e pingos de estrelas no céu, até que se completou a tarefa, e imediatamente o Sol foi à casa da Água e deu-lhe a notícia, de tudo pronto, e pode ir me visitar já no próximo dia bom e claro.

Num raiar de dia manhã alegre de brilhante, a Água bate à porta do Sol, que raiando, abre a janela um pouco, olha, cabelo todo amarelinho em fogo... foi aí que a Água exclamou e perguntou: vim lhe visitar, Sol, posso entrar!? O Sol, rubro de alegre, grita: Selene, filhos, venham, a Água veio nos visitar. A Água, esperando a euforia passar, se acumula alagada do lado de fora. Quando o Sol volta-se para ela, esta insiste: Posso entrar? E o Sol responde abrindo a porta radiante.

– Pode!...

A Água entrou assim tralalando: xóóóóóó!..., agradecendo.

Vai daí que o Sol se lembrou que não podia pisar na Água, e correu, pegou filhos e Selene e pulou sobre a mesa. E a Água entrando, entrando, marcando a perna da mesa, subindo. Chegando na altura de cobrir em toalha, ela pergunta: Posso entrar, Sol? E o Sol responde radiante.

Pode!...

E a Água cobriu a mesa. O Sol pulou para os caibros da casa, a Água entrando, Sol e família dependurados, Água chegando em seus pés. Novamente Sol ouve a pergunta amiga: Posso entrar? E Sol responde radiante.

Pode!...

Mas antes de tocar nos pés dos aflitos, a família de astros voa para a cumeeira da casa. Esperaram. Eis que, lá de baixo, pelo buraquinho da telha, a Água diz: Posso entrar?

O Sol, por ter-lhe convidado a esta visita, sustentava a palavra de alegria dizendo radiante:

Pode!...

A Água subiu, tomou o telhado. Mas ates, sem deixar a Água tocá-los, o Sol, novamente, pega a família e vai para o topo da última montanha. De lá viu tudo coberto de Água. Era o dilúvio! Vinha peixe de qualidades diferentes nadando: namorado, curimbatá, lambari mandou dizer que a piaba tá doente com saudade de você, perna do moça, bonito, pacu, peixe galo, cavalinha namorando cavalo marinho, boto feiticeiro se transformando em moços para atrair moças, e umas moças cantando com vozes doloridas de bonitas, nadando, corpo metade peixe, metade mulher, de enfeitiçar homens todos. Um mundão de maravilha. E maravilhado, esqueceu-se da Água, que antes estava lá no pé da montanha. Quando volta a si, ela já estava bem ali, a centímetros, chegando em seus pés, a Água. Vai daí que Sol ouve a perguntou novamente: Posso entrar? E o Sol responde, radiante.

Pode!...

A Água, imediatamente lançou seu movimento de enxurrada num som alegre, tralalando, agradecida: xxxóóóóóó!.... E pronto, cobriu tudo, fechou tudo que era terra, foi o dilúvio, tudo em Água só. Mas o Sol, sabendo de suas condições, e que era bem leve, de Hélio puro, pula para o ar do espaço e vai voando embora

céu adentro, céu acima, chamando a família. A terra coberta pela Água, ficando pra trás, lá embaixo..

Chegando no fundo do céu mesmo, lá em cima, vendo que tudo era muito espaço, o Sol ficou num canto do Cosmos. Os filhos, a Selene, espalhados, um não via nem sabia onde o outro estava. Sozinho, o Sol começou a chamá-los: Selene!..., Júpiter, Netuno, Mercúrio!... Um respondia daqui, outro de lá, outro bem mais do que acolá... Conta-se que foi um desatino aquilo.

Bom, encurtando a estória, O Sol, que ainda tem hoje uns braços muito compridos, foi esticando os braços todos pelo Cosmos e pegando cada um de sua família e pondo em sua volta, nos lugares de merecimento: o menor, Mercúrio, bem por perto, a mulher, Selene, que era uma jovem lindíssima, encostado no mais bonito dos filhos, e assim por diante. Mas tudo ficou muito parado, monótono, sem movimento. Sol no centro, a família a sua volta... e só. Não era como na terra que dava para andar pra cá e pra lá. Vai daí que o Sol, inteligente e gerador de vivas idéias, do seu centro, com o indicador em movimento rotativo, começou a girar, girar, rodando pião, impulsionar sua família numa ciranda translacionada de muito alegre, rodopiando sempre a sua volta, e isso dura até hoje.

A Água continuava lá embaixo, diluviando tudo. O Sol, gerador de vivas idéias, para ajudá-la a voltar a seus lugares, foi se esquentando, esquentando e a Água evaporando, recuando e voltando para os rios, lagos e mares...

E é por isso que hoje temos o Sol, com sua família lá em cima no céu, e a Água aqui na terra.

ACADÊMICO JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO

A UNIVERSIDADE NÚMERO 1 A USP É O SONHO DOS ESTUDANTES BRASILEIROS

Dez entre dez estudantes brasileiros desejam fazer seu curso de graduação na Universidade de São Paulo. Foi assim comigo, na década de 1980. Foi assim com as pessoas com quem conversei durante minha vida escolar. Pudera! É compreensível o orgulho de quem se formou na principal universidade do País: o melhor corpo docente, os cursos mais disputados e a gratuidade garantida são ótimos referenciais para quem deseja destacar-se no mercado de trabalho.

Um artigo assinado pelo professor José de Souza Martins, titular de Sociologia da Faculdade de Filosofia da USP, tira um pouco do brilho da conquista de um diploma da Universidade número um do Brasil. Martins começa afirmando que a edição de 2005 do suplemento de educação do jornal britânico "The Times" colocou a USP entre as duzentas melhores do mundo. A única universidade verde-amarela citada. Porém, nossa representante coloca-se nos últimos lugares da relação.

“É muito positivo e estimulante que a maior universidade brasileira conste, ainda que no fim da lista, de um índice de avaliação que tem como parâmetros as tradicionalmente mais famosas universidades do mundo, como Harvard, Cambridge e Oxford. Sobretudo num país em que o governante se orgulha de sua falta de escolaridade, e desdenha de quem tem curso superior”, pondera o professor Martins.

Alguns fatores relacionados pelo autor do artigo explicam as razões de nosso atraso em comparação com o resto do mundo. Sinais de descontinuidade, como greves correntes e reposições de aula sofríveis. Assim, o calendário escolar já curto, de 180 dias, fica ainda mais reduzido. A USP custa aos contribuintes US\$ 1 milhão por dia. O que confirma a tese de que é necessário mais do que dinheiro para mudar a história da educação de um país.

AGUIAR, PIERER E A EDUCAÇÃO INVESTIR EM EDUCAÇÃO É VISLUMBRAR O INFINITO

Apesar de já conhecer o historiador Clarimundo de Oliveira Aguiar há quase dois anos, admito ter ficado surpreso com sua sabedoria. Não somente pelos conhecimentos agrupados em nove obras de sua lavra, mas a visão de um homem que estudou a fundo os acontecimentos que formaram o elo entre brasileiros e portugueses.

Ao visitar o escritor em sua casa na terça-feira, 8, e ao recebê-lo no programa Olho Vivo no Ar do dia seguinte, constatei que temos em Guarulhos um autêntico educador. Sua análise a respeito dos fatos nacionais e internacionais demonstram por que Aguiar

recebeu, com méritos, o título de comendador concedido pela Academia Brasileira de Arte, Cultura e História em setembro.

Outro homem inteligente, o alemão Heinrich von Pierer, responde pela direção da Siemens – empresa presente em 190 países. Ele foi entrevistado pela Veja desta semana. Sobre a importância da educação para um povo, Pierer lembra que, na China, foi utilizado um princípio de Confúcio pronunciado há 2.500 anos, “Eduque as pessoas e faça-as ricas”. Lá, o pensamento milenar diz que ‘uma geração planta as árvores, a outra usufrui a sombra’.

Sobre o Brasil, Pierer comenta que nossa mão-de-obra qualificada é bem mais barata que a alemã – e de ótima formação. A maior dificuldade, no entanto, é a elevada carga tributária. “Se eu olhasse somente esse aspecto, optaria por investir em outro país”, confessou.

É uma pena que tamanha soma de impostos não seja revertida para os investimentos sociais. Notícia do jornal O Estado de S.Paulo de domingo, 13, dá conta de que nos primeiros 33 meses do governo Lula foram pagos cerca de 300 bilhões de reais de juros. Esse dinheiro está fazendo muita falta. Uma prova disso é a distância entre o Brasil e países que, há décadas, optaram por priorizar a educação.

O AMOR É O MEU PAÍS ECONOMIA CRESCE, APESAR DO GOVERNO

Em 1970, Ivan Lins e Ronaldo Monteiro compuseram “O amor é o meu país”, música que conquistou o segundo lugar no V Festival Internacional da Canção. A obra foi executada inúmeras vezes, especialmente quando os passageiros da Varig subiam a bordo para viagens ao exterior. O Brasil vivia o período de ditadu-

ra militar, e o cantor foi criticado por interpretar o que parecia ser um sucesso ufanista. Não era. O que Ivan fez foi expor sua veneração ao amor, expresso nos versos “de você fiz o meu país, vestindo festa e final feliz, eu vi: o amor é o meu país”.

Após seis meses de intenso bombardeio denunciatório sobre o governo Lula, podemos afirmar que a poeira começa a assentar. Para felicidade da maioria, vivemos em um país com liberdade de Imprensa, o que permitiu que fossem publicados relatos impraticáveis em tempos idos. Aí reside a mágica democrática: hoje conhecemos os fatos, ainda que pareça que tudo resultou em absolutamente nada. Metaforicamente, o cheiro forte de orégano materializou-se em pizza à moda da casa. Mas, e daí? Ainda temos o nosso voto como principal ferramenta para separar os justos dos ímpios. E o ostracismo será a maior punição para quem não soube honrar o seu mandato.

Boas notícias, no entanto, começam a chegar. A revista Exame lançou seu Anuário 2005/6 sobre infra-estrutura. Na Carta ao leitor, o editor afirma: “Mesmo atravancada pelo excesso de burocracia, pela falta de regras claras e pela escassez de investimentos, a economia se move.” E, ainda que num ritmo mais lento do que gostaríamos, a economia cresce - apesar do Governo Federal.

Mailson da Nobrega, ex-ministro da Fazenda do governo Sarney, publicou um livro com o título ‘O Futuro Chegou’. O autor afirma que o Brasil vive condição muito mais equilibrada para alcançar as sonhadas estabilidades política e econômica. Assim seja!

SHOW DE PARADOXOS A CIDADE É UM LABORATÓRIO DE CONTRADIÇÕES

Esta semana, Guarulhos completou 445 anos de fundação. A edição especial do Olho Vivo mostrou que a pujança econômica da cidade, infelizmente, não tem se refletido nos aspectos sociais. Os frios números demonstram que temos uma produção industrial de imenso respeito; para contrabalançar, temos a segunda maior população do Estado. Paradoxo 1: o povo que constrói a riqueza não recebe a contrapartida em qualidade de vida.

Este final de ano está sendo bastante diferente para mim no campo profissional. É a primeira vez que acompanho todas as etapas da confecção da edição comemorativa do 8 de Dezembro. Para completar, também tive a chance de estreiar na revista Guarulhos - em um número que tratou das pessoas com necessidades especiais. Aprendi muito; emocionei-me bastante. Paradoxo 2: a sétima economia do País luta contra a falta de acessibilidade.

No mês que vem, o jornal completa seu Jubileu de Prata. Foi em 31 de janeiro de 1981 que o Olho Vivo nasceu para o público-leitor. O ritmo atual de trabalho surpreende quem estava na equipe naquele primeiro momento. Ao editar o número 1, a periodicidade era mensal, com poucas páginas, e em preto-e-branco. Apesar disso, é difícil compreender algo... Paradoxo 3: a força econômica ainda não se refletiu em uma imprensa igualmente forte.

De tudo isso, porém, tiro uma grande lição, que preciso compartilhar com você, prezado (a) leitor (a). Nada é construído sem que exista a integração das pessoas. São as equipes que erguem prédios, constroem e desenvolvem cidades, cuidam de

portadores de necessidades especiais, criam idéias e ampliam jornais... O individualismo pode alimentar egos, mas não faz a coletividade mais feliz. Guarulhos, minha terra natal, feliz cidade. Felicidade paradoxal.

AO SABOR DO IMPONDERÁVEL UM FATO INCOMPREENSÍVEL FORTALECE A FÉ

Aconteça o que acontecer, sempre haverá apenas uma insofismável certeza: nada será do jeito que imaginávamos. Podemos planejar com o máximo empenho; podemos antever os mínimos detalhes da vida futura; podemos até acreditar que o livre-arbítrio nos foi concedido de forma plena, sem restrições. Nada disso, no entanto, supera o peso que as mudanças externas têm sobre nossa realidade, ainda que acreditemos ser os senhores do destino, na medida em que plantarmos boas sementes no fértil solo do Universo Cósmico.

Creio, porém, que toda a formação educacional e profissional de uma vida tenha o rico – e único - propósito de nos preparar para o imponderável. A máxima que afirma que “não é tão importante o que nos acontece mas, sim, a forma como reagimos a isso” é uma comprovação da limitada condição humana. Quero, com este artigo, dizer palavras que ofereçam alento a quem dele possa precisar...

Escrevo hoje com o coração solidário pela dor de um amigo. Homem culto, mas humilde; respeitado por sua sabedoria, mas admirador dos talentos alheios; escritor de livros técnicos, porém cultivador de relacionamentos com ternura e simpatia. Seu vínculo com a família sempre lhe rendeu palavras elogiosas

de quem o conhece bem. Mesmo assim, sua neta, de apenas dois anos, não resistiu a um acidente doméstico, e concluiu sua rápida missão na Terra.

Como entender alguns desígnios do Criador? A qual preço assimilar tão rude golpe do destino? De que forma reerguer-se de um fato dessa magnitude, vislumbrando no horizonte a possibilidade de recuperação? Se é verdade que o tempo cura todos os males, que seja essa, então, a panacéia prescrita à família. E que a menina brilhe intensamente no Céu – como uma estrela a guiar nosso caminho, com a pureza peculiar dos anjos. Amém.

DECISÕES RENOVADAS VALORIZE A VIDA, ADOTANDO UMA CRIANÇA

Ano-novo, vida nova? Pode ser. Depende de cada um de nós de desenvolver o caminho que deseja trilhar. A felicidade não é o

destino, mas a estrada. Então, que façamos de 2006 o melhor ano de nossa existência. O calendário é mera referência, pois somos o resultado de um conjunto de pensamentos, que geram palavras, que proporcionam atitudes de sucesso. Ser bem-sucedido é um conceito muito pessoal. Porém, dá para tecermos alguns comentários sobre isso, especialmente na primeira semana do ano.

Uma decisão importante é viver bem cada dia do ano recém-chegado. Não perder sequer uma oportunidade de ser útil, quer seja por um gesto de carinho ou por uma palavra de apoio. Claro, a verdade deve sempre prevalecer. E a melhor forma de ser autêntico é agir de forma verdadeira consigo mesmo. Quais os meus pontos fortes que preciso desenvolver para alcançar a maestria? Quais meus pontos fracos, que preciso dominar, antes de ser do-

minado por eles? Aonde quero chegar – e por quê? Todas essas reflexões dão trabalho, porém valem a pena. O prêmio é o autoconhecimento – o maior e mais completo dos objetivos.

Uma excelente decisão para 2006 é valorizar a vida. Sorrir mais, por exemplo, atrai boas idéias – e muitos amigos. Adotar uma criança: eis outra forma de fazer valer a presença na Terra. Uma notícia publicada no jornal O Estado de S. Paulo de terça-feira, 3, dá conta de que cresceu 14% o número de adoções na capital no ano passado. Os números mostram que está diminuindo consideravelmente o preconceito quanto à idade e à cor dos pequenos. O cadastro de pessoas ou casais candidatos a adoção ganhou, até outubro, 1.742 adesões. Eles pretendem enriquecer sua biografia. De minha parte, desejo sábias decisões para os leitores do Olho Vivo.

SOMOS TODOS IMPRESCINDÍVEIS NO JOGO DA VIDA, CADA UM TEM SEU PAPEL E VERSATILIDADE

Certa vez li um texto que terminava com a seguinte pergunta: a vida é um jogo ou uma luta? Trata-se de uma reflexão difícil, na qual pode-se acertar qualquer que seja a resposta; entretanto podemos errar, dependendo da análise que for feita. Isso se houver uma resposta única, pois em um contexto de relações humanas, podemos transformar a vida em um eterno ganha/perde – jogando ou lutando.

Minha personalidade prefere interpretar tudo isso como um enorme tabuleiro de xadrez. Nesse jogo, há várias peças, cada uma com sua função específica. Tirando uma torre, por exemplo, per-

demos os movimentos rápidos em linha reta; saindo de cena a rainha, nossa estratégica perde em versatilidade. Assim também funciona a vida real, na qual cada pessoa tem sua importância e brilho. Retire, mentalmente, alguém de sua convivência e observe a lacuna que será aberta. Somos todos importantíssimos.

Como qualquer pessoa, eu tenho minhas virtudes. Da mesma forma, também fui contemplado com falhas que indicam que ainda preciso melhorar muito. Entendo, contudo, que só exista uma forma de avaliar o desempenho alheio: pelos pontos fortes. As características de cada profissional fazem do ambiente de trabalho um local cheio de possibilidades. Tenho aprendido bastante nos últimos dias com os colegas de redação do jornal. Todos têm sido professores dedicados.

Virando o jogo... Em uma rápida análise da economia nacional, observamos que os números de 2005 foram bastante satisfatórios. A balança comercial e as exportações bateram recordes; o risco-país nunca foi tão baixo; a cotação do dólar e o índice Bovespa denotam otimismo; e a inflação oficial foi modesta. Mais do que resultado de uma política ortodoxa, a economia brasileira se fortalece com o apoio dos trabalhadores, que contribuem com seu irrestrito e imprescindível potencial.

TESTEMUNHA DA HISTÓRIA HÁ EXATOS 25 ANOS NASCIA O OLHO VIVO

O meu professor de História da 5ª série, professor Rodolfo, pediu um trabalho escolar que duraria vários meses. Por meio de recortes de jornais, cada um dos alunos deveria expor a história acontecendo dia a dia. Era o ano de 1974, e eu, amante do

futebol, escolhi relatar os melhores momentos da 10ª Copa do Mundo. A então Alemanha Ocidental sediou e venceu aquele Campeonato. Agora, isso é história; o mestre, portanto, transmitiu sua lição. Trinta e dois anos depois, a Copa volta à reunificada nação alemã.

Outro fato muito interessante para nós, guarulhenses, aconteceu em 31 de janeiro de 1981. Naquele dia, um jovem paulistano, morador do Parque Cecap, começava a empreender sua grande missão como jornalista. Nome: Valdir Carleto; publicação: Olho Vivo. Eu testemunhei os primeiros passos do jornal. Prestes a completar 18 anos, fiquei encantado com a possibilidade de atuar no jornalismo, especialmente ao lado de um idealista confesso.

Vinte e cinco anos se passaram. Nessas 2.207 edições, muitas foram as oportunidades de registrar fatos importantes para a cidade; de comemorar vitórias; de criticar posturas incompatíveis com a democracia e com o bom senso; de mostrar o melhor caminho para o bem comum. O município que, em 1981, não contava ainda com o Aeroporto Internacional nem com centros de compras (shoppings), hoje ostenta uma das principais economias do país. É, muita coisa mudou...

O que não pode mudar é a obstinação pela busca da ética, da verdade e da imparcialidade – pilares que sustentam a credibilidade do jornal. Esse objetivo diuturno impulsiona nosso mestre Carleto a prosseguir com o trabalho. Por extensão, os colaboradores do Olho Vivo também seguem pela mesma estrada. Que nossa equipe continue registrando a história, sempre ao lado do leitor e por uma Guarulhos melhor.

O CÃO BONZINHO HISTÓRIAS INSPIRADORAS AJUDAM NO COTIDIANO

A revista Exame desta quinzena veio com uma capa bastante sugestiva. “Minha regra de ouro” é o título da matéria principal, que traz os pensamentos de vinte empresários e executivos bem-sucedidos, que revelam seus mandamentos decisivos para a prosperidade nos negócios. Há diversas frases célebres; vamos enumerar algumas.

David Feffer, presidente da Suzano Holding, apresenta sua regra: “Nunca se desespere por causa de um dia ruim – e nunca tome decisões embalado por um dia bom”. Luiz Seabra, sócio-fundador da Natura, diz: “Acredite em sua intuição – mesmo contra argumentos racionais”. Roberto Barbosa, presidente do grupo Nova América, preconiza: “Se a negociação for fácil demais, desconfie” (Essa, aliás, vale para todos nós).

Guarulhos se fez representar nessa pesquisa de Exame. Victor Siaulys, presidente do Conselho do Aché, apresentou esta postura empresarial como sua máxima: “Cuide bem do filho do seu funcionário”. Siaulys sabe que o ‘bem’ mais precioso de um colaborador são seus descendentes. E acrescenta: “Funcionários devem ser aliados.”

Seu eu puder eternizar uma frase, que seja esta: “Alimente o cão bonzinho”. Para compreendê-la, é necessário conhecer uma história bastante inspiradora. Conta-se que um sábio recebeu a visita de dois rapazes. Um deles procurou aconselhar-se, expondo certa situação delicada. O mestre ofereceu-lhe palavras iluminadas, que enalteciam o valor da paciência e perseverança para resolver todo e qualquer problema cotidiano.

Para completar, o mestre disse que, em seu íntimo, há um cão bonzinho – equilibrado, grato e conciliador – e um cão muito

bravo. Os dois travam um forte embate durante o tempo todo. “Qual dos dois vencerá?” quis saber o outro rapaz. – “Aquele que eu alimentar”, respondeu o sábio.

OS PLANOS CRUZADOS O DESAFIO É O MESMO, HÁ MUITOS CARNAVAIS

No domingo passado, conheci o empresário santista Ricardo Lopes. Ele tem 88 anos, trabalha desde os dez, e coordena os trabalhos de 25 colaboradores. Ao som de “Mãe, eu quero”, Lopes brincava com grande energia ao lado de seus familiares. Impossível não refletir sobre a sabedoria acumulada em tantos carnavais. Admirável a determinação daquele homem, para quem a aposentadoria não integra seus planos.

Mas o carnaval passou. As escolas já desfilaram; já sabemos quem ganhou e quem caiu para o Grupo de Acesso. As fantasias foram rasgadas e o ano, finalmente, começa em solo verde-amarelo. É hora de arregaçarmos as mangas e colocarmos nosso melhor foco no quesito trabalho. Principalmente porque, um pouco antes de iniciarmos a folia, o governo anunciou que o País cresceu somente 2,3% em 2005. É muito pouco.

Curioso lembrar que em 28 de fevereiro, terça-feira, o Plano Cruzado completou 20 anos. Isso mesmo, foi aquela pajelança econômica que tinha o objetivo de debelar a inflação e promover o tão sonhado crescimento. No distante 1986, os fiscais do Sarney até que se esforçaram, mas um verdadeiro estelionato eleitoral pôs fim ao sonho de que a ordem econômica pudesse promover perene progresso. Ufanismo à parte, até que valeu a experiência.

Vinte anos de sucessivos planos cruzados, e a quimera estabilidade-crescimento ainda não se materializou. É verdade que a inflação atingiu, via Plano Real, patamares de mundo civilizado: desde 1997, que a inflação oficial se mantém abaixo dos 10%. É igualmente verdadeira a afirmação de que o Brasil não consegue engrenar a segunda marcha do crescimento. Mesmo o resto do Planeta (exceto o Haiti) atingindo encorpados índices de evolução econômica.

Espero que o governo federal faça sua parte neste ano eleitoral: investindo no País - bem entendido! - com a mesma sabedoria do brasileiro Lopes, o empresário folião.

A NOSSA BIENAL DO LIVRO É CHEGADA A HORA DE DESCENTRALIZAR O EVENTO

O tempo tem sido um parâmetro importante no dia-a-dia das pessoas. A cada dois anos, é realizada em São Paulo a maior festa nacional do Livro, que reúne cerca de um milhão de visitantes a cada nova edição.

Incrível constatar que já faz dois anos que eu estive na 18ª Bienal, no espaço Imigrantes. Isso foi em abril de 2004, mas parece que foi agora há pouco. Lembro-me da decisão de tomar um ônibus especial no terminal Jabaquara do Metrô. Foram horas esperando uma oportunidade de subir no coletivo; de entrar numa fila para ter acesso a outra fila para, finalmente, conhecer os estandes. Muita expectativa, bastante chuva. E eu fiquei mais tempo fora do que dentro da Bienal. E uma vez no interior do espaço, cada palmo de chão era tão concorrido que eu não su-

portei mais do que duas horas. Quase nada, para quem esperou por dois anos.

Será que já não teria chegado o momento de esse evento se tornar anual? A cosmopolita São Paulo, com seus cerca de 10 milhões de habitantes, ainda recebe nesta época um grande fluxo de “turistas culturais” de outras regiões do Estado e do País. A procura por ingressos da Bienal deixa claro existir uma grande demanda por livros. Esse fato, por si só, já arrefece o argumento de que o brasileiro não gosta de ler; bem como amplia os investimentos no setor que produz esse fantástico item de consumo.

Penso já ter chegado o momento da descentralização da Bienal. Guarulhos, com seu 1,2 milhão de habitantes, também respira esse evento (que irá até domingo, 19 de março). As nossas bibliotecas e espaços de cultura e troca de livros vivem com grande procura por obras literárias. Por que não organizarmos na cidade um evento com essas características? Algo nosso, que unisse forças entre alunos e professores da rede municipal de ensino, universitários, técnicos em turismo, empresários da área cultural e membros da Academia Guarulhense de Letras. Por que não?

BENJAMIN E SEU IDEÁRIO ÉTICO MODERAÇÃO, SINCERIDADE, SABEDORIA, OTIMISMO...

No momento em que uma deputada federal se levanta e sai dançando, assim que é anunciada a absolvição de seu colega acusado de participar do escândalo do mensalão, nossa consciência

nos diz que – além do grotesco – há algo de estranho. Quando o sigilo bancário de um humilde caseiro é quebrado, para favorecer a manutenção no cargo do ministro da Fazenda, acendem-se inúmeras luzes amarelas: a democracia, a ética e o bom senso estão em perigo. Atenção!

Os dois fatos mencionados acima – atuais e sobejamente conhecidos –, dispensam que os personagens sejam identificados. Como afirmou o pesquisador Muniz Sodré, professor de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, “dois traços civilizatórios caracterizam o povo brasileiro: o de conciliador das diferenças e a alegria, como pensamento orgânico e visceral das massas”. Sodré conclui estudo sobre ética, dizendo que “o nosso sentimento terceiro-mundista da existência pode ser medido principalmente pela alegria como celebração do real, ainda quando política e economicamente miserável”.

Quando todo o cenário parece indicar que os nossos valores morais estão se perdendo, faz sentido lembrar de uma figura que, ainda jovem, quis ser uma pessoa correta. Refiro-me a Benjamin Franklin, o norte-americano que teve grande participação na Independência e na constituição (única) de seu país. Ele foi um patriota como poucos; na condição de aprendiz da vida, elaborou um roteiro que pode ser muito útil para todos que vivem no Planeta.

São nove as virtudes valorizadas por Franklin, que nortearam seu dia-a-dia em uma obstinada busca pela perfeição: 1) ser moderado no comer; 2) evitar a tagaralice; 3) ser sistemático nos negócios; 4) terminar qualquer tarefa iniciada; 5) ser sincero; 6) tratar os outros com justiça; 7) suportar as injustiças com paciência; 8) evitar as extravagâncias; e, por fim, 9) impedir que as pequenas coisas afetem nosso ânimo.

ACADÊMICO
 JOSÉ ROBERTO MACHADO

Mestre em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professor em cursos de Graduação e Pós-Graduação; Pesquisador e Consultor Empresarial no segmento de Pequenos Negócios.

FÁBULAS SOBRE A DIFÍCIL ARTE DE ADMINISTRAR

Desde a primeira infância, as pessoas se acostumam a conhecer a vida através de histórias que permitem que desenvolvam o raciocínio e a memória, sempre que um conhecimento ou uma experiência lhe são transmitidos através de exemplos ou da simbologia das parábolas. Os animais e as coisas ganham comportamento humano e, como tudo passa a ser gente, seus exemplos são mais sentidos e compreendidos. E não é coisa nova, já que em praticamente todos os livros sagrados de religiões, as parábolas foram usadas para transmitir as idéias mais complexas.

Vem daí a coragem de, através de algumas metáforas espelhadas em parábolas, oferecer este texto com o objetivo de expor a reflexão dos leitores, situações observadas no cotidiano das pessoas e organizações.

ALEGORIA DA CAVERNA

“A dificuldade não está nas idéias novas mas em escapar das antigas”
 (Roberto Campos)

Platão, filósofo grego que nasceu em Atenas no ano 427 a. C., é um dos sábios que construiu, com sua inteligência, a maneira de pensar e de viver no mundo ocidental. Deixou em sua enorme herança, um texto que apesar de escrito há quase 2.500 anos, contém uma mensagem sempre atual.

Sua história conta que homens vivendo em uma caverna, desde a infância, acorrentados de costas para a entrada, somente enxergavam o fundo da caverna. Na frente dos prisioneiros, uma fogueira iluminava toscamente o local.

Os prisioneiros naquela situação, jamais viram outra coisa senão as sombras distorcidas das pessoas carregando utensílios e objetos que passavam pela frente daquele mundo subterrâneo. O assunto que interessava a todos e do qual falavam eram as sombras, que para eles, eram coisas muito reais.

O que aconteceria se um desses prisioneiros fosse liberto e levado para fora da caverna? Ofuscado pela luz em um primeiro momento não conseguiria ver claramente os objetos que só conhecia pelas sombras que antes enxergava. Extremamente embaraçado com certeza diria que as sombras que se acostumou a ver anteriormente, são mais verdadeiras que os objetos que ora lhe são mostrados.

É evidente que a vida lá fora era melhor, mas necessitaria de algum tempo para se acostumar. Não resta dúvida de que se sentiria feliz com a mudança, lamentando a sorte de seus antigos companheiros, mantidos na escuridão da caverna.

O que aconteceria, entretanto, se nosso homem voltasse para aquele mundo subterrâneo e tivesse que dar opiniões a respeito

das sombras refletidas no fundo da caverna. Decerto provocaria risos e os antigos companheiros lhe diriam que, indo para o mundo exterior voltou com a vista arruinada, e que com certeza, não valeria a pena ir até lá, sujeito a tanto sacrifício.

A parábola transmite a idéia de que as pessoas se acomodam nas situações em que são postas, abominando a mudança, ridicularizando as novidades, acreditando que o que sabem e fazem é o melhor e o mais correto. Mesmo quando alguém vem testemunhar as vantagens da mudança, trazendo a realidade da nova situação e enaltecendo suas consequências.

A sociedade hoje, está inserida em um contexto de rápidas e intensas mudanças. O fenômeno da globalização possibilitou às empresas e pessoas acesso às novas tecnologias e a processos mais modernos e eficientes e é preciso estar sempre atentos e dispostos a aceitar mudanças que possam, de alguma forma, trazer benefícios pessoais e organizacionais.

As realidades conhecidas são modificadas com extrema rapidez. Atitudes de resistência a mudanças, por conservadorismo ou por falta de conhecimento ou informações, levam inevitavelmente pessoas e organizações a estagnação.

Vivemos em um mundo dinâmico, em que todo conhecimento anterior pode não valer nada em um futuro próximo. Mudança é a palavra do momento, mas, no entanto, qualquer mudança significa risco. Vivemos esperando que o futuro seja melhor, que a violência, sob todas as suas formas, diminua e que surjam mais e melhores empregos. Aguardar que as mudanças venham de fora para dentro é uma atitude passiva. A mudança pressupõe atitudes baseadas em coragem e determinação. Entretanto, se continuarmos a fazer coisas da maneira como sempre fizemos, certamente continuaremos obtendo aquilo que sempre obtivemos.

Como os habitantes da caverna, descritos por Platão, quantas pessoas em suas vidas ou mesmo dentro de uma organização, têm sua visão de realidade distorcida por ignorância, temor às mudanças e até mesmo por manipulação?

Quando são propostas mudanças, grande parte das pessoas resiste, considerando essas mudanças como falsas realidades, mesmo quando elas trazem, especialmente para os outros – mais dinâmicos – resultados satisfatórios.

Não se deixe transformar no prisioneiro da caverna descrito pelo filósofo grego Platão há quase 2.500 anos. Tenha interesse por novos conhecimentos e, sobretudo, tenha curiosidade, coragem e determinação para pô-los em prática.

“O verdadeiro ato de descobrir não consiste em achar novas terras, mas em vê-las com outros olhos.”

(Marcel Proust)

LEMBRE-SE

Não é o grande que devora o pequeno.

É o veloz que devora o lento ou o ignorante.

TRAGÉDIA NA FLORESTA

“Encontramos o inimigo e ele éramos nós”

(Tibúrcius)

Esta é do tempo em que os animais falavam. Conta-se que certa vez correu um boato na floresta dizendo que o céu ia desabar na cabeça de todos.

O desespero tomou conta dos bichos que começaram a correr

em todas as direções, sem saber a quem recorrer ou, pelo menos, onde ficar. No meio do caos que se instalou na bicharada, era trombada e gritaria, sem qualquer sentido e sem qualquer alternativa. Até que, em determinado momento, o tigre avistou um passarinho deitado tranquilamente com as patas para o alto e as asas recostadas no solo.

O tigre surpreso com a cena, não compreendendo o que o pássaro estava fazendo perguntou: “Você não ouviu a notícia de que o céu a qualquer momento irá desabar?”

“Claro que ouvi” foi a resposta. “Eu estou aqui, nesta posição para tentar segurá-lo”

“Mas você não vai conseguir” insistiu o tigre.

O passarinho retrucou: “O que vai acontecer eu não sei ao certo, estou somente fazendo a minha parte!”.

O céu está permanentemente caindo na cabeça de todos. A todo momento acontecimentos indesejáveis ocorrem sem ou contra a vontade das pessoas, atingindo as vezes duramente quem quer que esteja vivo. Parece um milagre que essas mesmas pessoas durem tanto tempo, enfrentem tantas dificuldades e, as vezes, se considerem até felizes e agradecidas com sua sorte. Mas que o céu cai, cai mesmo!

O que faz a diferença é a atitude diante dos desafios e dos infortúnios. Existem três tipos de pessoas: as que deixam acontecer, as que perguntam o que aconteceu e as que fazem acontecer. Cabe a cada um escolher o grupo a que deseja pertencer.

O mundo certamente seria melhor ou, pelo menos, haveria possibilidade de uma melhor convivência entre os homens, se cada um simplesmente e espontaneamente apenas procurar fazer a parte que lhe cabe ao invés de encontrar desculpas ou culpar os outros pelos seus fracassos e frustrações. Esconder a cara em um buraco é atitude de avestruz. É uma forma disfarçada de aceitar em vez de combater o infortúnio.

Não são os que se escondem que vencem na vida. Os grandes exemplos de pessoas que chegaram ao sucesso são, na maioria das vezes, proporcionados pelos que não se deixaram abalar pela iminente queda do céu e acreditaram em suas potencialidades e em seus sonhos, com determinação e coragem para pô-los em prática.

Vencedor é aquele que faz acontecer. Boas idéias, muitos têm; mas transformá-las em realizações, são poucos que conseguem. Entre uma boa idéia e sua realização, existe uma grande distância.

É difícil repartir o sucesso, mas também não é justo transferir o fracasso. Portanto, lamentações, culpar outras pessoas pelas dificuldades encontradas não é a melhor forma de resolver problemas pessoais e empresariais. Melhor que lamentar é enfrentar e sair da inércia.

Por mais adversas que possam parecer determinadas situações, cada um deve fazer a parte que lhe cabe. Tenham a certeza de que sempre valerá mais a pena acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.

EFICIÊNCIA OU EFICÁCIA ???

Certa noite chuvosa de inverno, dois mendigos foram recolhidos da rua e, como estavam com aparência abatida, antes de irem para o albergue, foram encaminhados a um hospital da região.

Os mendigos foram atendidos por médicos diferentes.

O primeiro médico examinou o paciente e lhe disse: “Você não tem nenhuma doença grave, está com elevado nível de stress e um pouco anêmico o que esta fazendo com que fique extremamente debilitado”. E concluiu: “Recomendo que saia de São Paulo, indo preferencialmente a uma região com clima mais quente,

faça uma alimentação balanceada, rica em carne para reposição de ferro no organismo e em pouco tempo estará curado”. Dizendo isso o liberou.

Dois dias depois o mendigo veio a falecer.

O segundo médico, fez o mesmo diagnóstico, constatando a anemia e o stress. Entretanto, suas recomendações foram diferentes. Deixou o mendigo durante aquela noite tomando soro, isso após mandar alimentá-lo com um prato de sopa e pela manhã o liberou.

Pela rapidez e correção do diagnóstico, é possível concluir que os dois médicos foram eficientes e conseguiram detectar os mesmos problemas. Porém, o segundo médico, além de eficiente foi também eficaz. Procurou resolver a situação com os recursos que dispunha no momento. E realmente resolveu.

No exemplo, fica clara a diferença entre eficiência e eficácia. Situações análogas a essas ocorrem na vida pessoal e profissional da maioria das pessoas. Felizmente, na grande maioria dos casos, sem óbito a lamentar. Muitas vezes esforços e recursos são eficientemente direcionados para atividades de pouco ou nenhum retorno, com pouca eficácia.

No mundo empresarial, a situação se agrava quando o indivíduo ineficaz exerce um cargo de comando dentro de uma organização, tomando decisões que não agregam nenhum valor a vida das pessoas ou as atividades executadas.

Quem comanda atividades produtivas deve, sem medir esforços, evitar desperdícios de qualquer natureza, especialmente de tempo e dinheiro. É fundamental que consiga distinguir e se concentrar no que é realmente importante.

Antes de tudo, conhecer e aceitar os conselhos de Peter Drucker, dos maiores gurus da administração moderna:

“O maior problema da gerência é fundamentalmente a confusão entre eficiência e eficácia, que se situa entre fazer as coisas certas e

fazer certo as coisas. Certamente não há nada tão inútil como fazer com grande eficiência, aquilo que simplesmente não deveria ter sido feito. O que aconteceria se isso não tivesse sido feito? Se a resposta for nada, então a conclusão óbvia é deixar de fazê-lo”.

ADMINISTRAÇÃO: A ARTE DO BOM SENSO

“Ter objetivos determinados na vida é fundamental para se alcançar o sucesso. O que conta não é o que acontece, mas sim como você interpreta e reage ao que acontece.”

(Lair Ribeiro)

As ciências humanas, e dentre elas destacamos a Administração, por serem práticas se aproximam da arte e acabam sendo definidas sob vários pontos de vista. Uma das várias definições de administração e, na opinião deste autor, a mais abrangente é a que diz que “Administração é a arte do bom senso”.

A definição começa qualificando a administração como arte, pela liberdade de escolha dos métodos e caminhos a percorrer. A ciência da administração se baseia nos princípios geralmente aceitos mas, sua aplicação é arte e pode sofrer variações, de acordo com a personalidade de quem os aplica.

Por isso mesmo, precisa de muito bom senso. A expressão **bom senso** pode parecer a primeira vista um tanto quanto subjetiva. Mas a melhor maneira de esclarecer seu significado, está em estabelecer uma analogia com alguma situação marcante já ocorrida, onde ele fique bem evidente.

O Velho Testamento descreve o Rei Salomão como o mais ilustre monarca de Israel (961 a.C. a 920 d.C.). O filho de David,

destacou-se pela sabedoria em razão de suas decisões em questões polêmicas e pela forma com que administrava os conflitos entre seus súditos. É fácil imaginar a complexidade de reinar sobre um povo que vivia sob permanente conflito com os vizinhos. Entre as histórias registradas sobre sua vida, uma das mais interessantes é a que conta que, certa feita, cansado e desalentado de tanto solucionar questões e dirigir aquela gente complicada pediu, em suas preces, ajuda ao Senhor.

Deus, que jamais o abandonou, como resposta apareceu em sonhos e concedeu a Salomão, três desejos que pudessem se tornar a ferramenta de que precisava para cumprir a árdua tarefa de dirigir seu povo naqueles tempos difíceis.

Salomão deu graças àquela visão maravilhosa e com humildade, formulou seus desejos, pedindo que Deus lhe concedesse virtudes. Foram elas: resignação, coragem e sabedoria.

Resignação para aceitar as coisas que não pudesse mudar;

Coragem para mudar as coisas que pudessem ser mudadas e

Sabedoria para distinguir umas das outras.

Salomão, na verdade, não queria pouco. Queria um predicado bastante raro e de imenso valor para quem responde pelo destino de outras pessoas. O rei havia sintetizado sua angústia e pediu ao Senhor, tão somente bom senso.

Bom senso é, ao mesmo tempo Resignação, Coragem e Sabedoria.

Situações semelhantes as do rei dos Judeus estão permanentemente desafiando os que, mesmo em seu pequeno mundo, se defrontam com decisões nem sempre fáceis de tomar. No mundo empresarial essas decisões que ocorrem com frequência e, para que não gerem arrependimento, devem ser tomadas sempre levando em conta os componentes do bom senso. Os exemplos são infinitos, mas apenas para figurá-los, lembre-se de alguns:

RESIGNAÇÃO – Existem situações que fogem da área de controle do empresário, dentre elas, mudanças na conjuntura econômica, carga tributária, taxas de juros e tantas outras. São questões com as quais o empresário tem que aprender a conviver, já que não tem o poder de modificá-las. Conviver com elas, entretanto, não o exime de procurar caminhos que, dentro do possível, diminuam os impactos negativos em suas atividades.

CORAGEM – Em um mundo cada vez mais competitivo, deve ter ânimo para aceitar e implementar mudanças imprescindíveis à modernização e continuidade do negócio, mesmo quando essas decisões o tirem de uma situação aparentemente mais confortável. Além disso, deve aceitar e enfrentar riscos calculados que possam promover a expansão e melhoria de seu empreendimento.

SABEDORIA – Para que possa distinguir o que pode e deve ser mudado e quando, e, compreendendo o que foge do seu poder decisório e precisa ser administrado.

Reconhecendo que bom senso é administração e que pode e deve ser usado em todas as ações humanas, não é difícil compreender que tudo deve ser administrado. Administrar a educação dos filhos, a saúde, a vida social, a vida religiosa e até mesmo a própria felicidade. A Administração é, seguramente, a função mais abrangente da vida humana. Nada que se faça terá êxito se não for bem administrado. Um simples passeio precisa ser planejado e exige várias decisões como o que levar, tempo de permanência no local, onde fazer as refeições etc. Imagine então, como é importante bem administrar uma atividade empresarial com suas múltiplas facetas.

O sucesso de qualquer ação, tanto na vida pessoal quanto na vida empresarial, sempre vai depender de um bom planejamento e da organização necessária. Em suma de uma boa administração.

PRISIONEIRO DE ASTÚRIAS

Esta última fábula vai exigir que você construa, mentalmente, a imagem do campo de prisioneiros de nossa história, procurando compreender a incrível situação dos personagens. E um pouco mais, lembrar-se de quantas vezes o seu sucesso dependeu de fiel entendimento prévio, com outras pessoas, personagens reais de sua história de vida.

Astúrias era um campo de prisioneiros que só existe aqui. Esses prisioneiros eram divididos em grupos e cada grupo ocupava uma cela, onde eram acorrentados formando um círculo.

No centro do círculo havia um grande caldeirão com uma suculenta e apetitosa sopa, único alimento que lhes era oferecido. Como os prisioneiros ficavam distantes do caldeirão, para se alimentarem usavam uma colher com um comprido cabo que chegava até a sopa.

O inconveniente é que a colher alcançava a sopa porém, por ser extremamente longa, não conseguia voltar e chegar até a boca dos prisioneiros. Desespero: eles não podiam se alimentar, apesar da comida estar tão perto.

O comandante do campo, certa vez, foi fazer uma vistoria nos prisioneiros e teve uma surpresa: a maior parte das celas estava lotada de prisioneiros esqueléticos e mal nutridos, apesar da comida farta ser oferecida diariamente. Entretanto, em uma delas, os prisioneiros estavam fortes e bem alimentados.

Seria um milagre? Ou haveria, entre os guardas, algum que tivesse sido benevolente e libertado os prisioneiros no horário das refeições? Que diabos estava acontecendo naquela cela?

Nada disso. O comandante, homem inteligente, compreendeu o que se passava e explicou aos seus acompanhantes, com um sorriso nos lábios:

– Não se trata de milagre. Os prisioneiros desta cela aprenderam, na prática, o significado da palavra parceria e passaram a alimentar uns aos outros. Como o cabo da colher é muito grande, cada um a coloca no caldeirão e alimenta quem está em sua frente, do outro lado. Assim, todos enchem a colher e todos comem.

Parceria é, antes de tudo, uma atitude. É uma forma inteligente de oferecer para receber, com vantagens para todos. No mundo corporativo, parceria é hoje o grande diferencial competitivo das pessoas, das empresas, das regiões e das nações..

O mundo aprendeu o significado do associativismo, uma outra palavra consagrada para significar parceria, e está se unindo em blocos econômicos. Não há melhores exemplos que o Mercosul, a União Européia, o Nafta etc.

Os homens de negócio bem sucedidos dão mais importância a uma relação de parceria do que de concorrência. O cliente, o fornecedor, os funcionários e até mesmo empresas concorrentes precisam ser vistos como parceiros de negócios, nunca como rivais dos quais cada um precisa, sempre, levar vantagem.

Leva vantagem aquele que compreende que a melhor situação ocorre quando todos se beneficiam Na matemática do mesquinho, quando um ganha, alguém perde. Na parceria, entretanto, a soma é diferente: todos ganham e a relação é sempre saudável e duradoura.

Uma atitude sincera e leal é o pressuposto para uma parceria bem sucedida. Até porque, quem age com deslealdade, acaba sendo desmoralizado. Como diz o ditado, é possível enganar uma

peessoa por um longo período de tempo. Também é possível enganar um grupo de pessoas por um curto período de tempo. Entretanto é impossível enganar a todos o tempo todo.

No mundo empresarial, da mesma forma que para os prisioneiros da nossa história, ter um parceiro muitas vezes é questão de sobrevivência.

É mais vantajoso dividir o lucro que ficar com o prejuízo só para si.

ACADÊMICO LINEU ROQUE ACEIRO

A ARTE

Um dos mais extraordinários valores da vida — a arte, deve ensinar aos homens: humildade, tolerância, sabedoria e magnanimidade. Atividade fundamental da Academia, eminentemente cultural em que o ser humano expressa a sua relação com o universo, por meio de figuras, formas, palavras, sons, gestos e outros signos estruturados mais ou menos livremente, ou seja, “criados”, de modo a produzir beleza, prazer ou “emoção estética”.

Ao encararmos de frente essa manifestação de idéias e emoções, nota-se claramente que Religião e Arte procedem da mesma raiz e são parentes próximos. Ela, a arte, é uma colaboração entre Deus e o Artista.

A Arte é o reverso da criação. Deus morre nos homens todos os dias. O artista se eterniza todos os dias na sua obra, ele que infelizmente não tardará a desaparecer. O eterno criou o efêmero. O efêmero cria o eterno. Na realidade tudo é eterno, é efêmero, o artista, mortal, cria “seres” eternos, Deus, eterno, cria seres mortais. Ela é um esforço para criar, além do mundo real, um mundo mais humano.

A Arte é pois, sem dúvida, algo de divino ou satânico. Na realidade, se há alguma coisa de extraordinário sobre a face da terra, é uma obra de arte. Seja ela um poema, um quadro, uma partitura ou uma escultura. Por isso a arte é a presença de Deus, através da vida do homem. É bom, neste momento, citar Proust: “O que se pode dizer é que tudo se passa na terra como se nós chagássemos à vida já com o ônus de obrigações contraídas numa vida anterior”.

A Arte parece assim, tão simples, mas requer jeito e habilidade:
 “...Nossos olhos vão conversando coisas que nunca falamos...”
 (Ibrahim Khouri).

*Ah, tempo malvado, que afogou no progresso
 um tempo tão lindo!
 Por que ele não fez como a Maria Fumaça
 que apitava nas curvas e tocava o sininho
 pra avisar que vinha vindo?* (Castelo Hanssen)

*“Quando canto
 Vivo no encanto
 Dos cantos guardados
 Nas minha emoção.”* (Isabel Borazanian)

*“...Era uma tarde de sol, em plena Primavera e ele, assentado
 num ponto da praia, perto de Boiçucanga, olhando as ondas que
 morriam nas areias cristalinas, passou a filosofar como era do seu
 costume...”* (Gasparino José Romão homenageando Laerte)

Um livro branco sobre a mesa, aberto:

*“...Cheia de busto, cabelos negros e longos emoldurando um ros-
 to moreno, sorriso aberto montando guarda aos lábios grossos e sensu-*

*ais, adornos de duas filas de dentes alvos e simetricamente bem distri-
 buídos, sem uma falha sequer...”* (João Ranali)

*Os trabalhadores iniciam a porfia
 E tudo vive, ressuscita lá fora
 Foi-se a noite... é um novo dia.* (Milton Luiz Ziller)

Tudo isso não é arte então? A expressão máxima de um ideal de 'beleza, que vai se completar nas paredes azuis, onde dependurado está um lindo quadro do professor Ismael....

O HOMEM MAIS CONHECIDO DO MUNDO

Num discreto bar de uma localidade qualquer, onde bons amigos formaram a turma da cerveja e do bate papo sem formalidades, entrou certo dia um industrial de meia idade, muito bem trajado mas pouco conhecido no pedaço. Escolheu uma mesinha envernizada bem posicionada. Sentou-se e de maneira agradável, solicitou algo para beber – próprio para lhe abrir o apetite.

Depois de degustar sossegado, ingerindo alguns goles da bebida, iniciou a falar com freqüentadores do estabelecimento, relatando problemas seus, a maioria de difícil solução, se é que havia, pois já seguia os trâmites legais junto aos órgãos públicos. Foi quando alguém do boteco lembrou do Ortega. Levantou-se e recomendou-o ao homem.

– Mas ele tem acesso às repartições? Perguntou, e todos numa só voz responderam – deixa para o Ortega, é com ele mesmo.

A primeira oportunidade que estiveram juntos foi nas dependências da Prefeitura Municipal. Logo na entrada uma sur-

presa gratificante, funcionários, guardas e até o senhor prefeito saíram de suas salas para cumprimentá-lo. Enquanto outros enfrentavam filas enormes, em poucos minutos abandonou o local com tudo resolvido. Passaram-se alguns dias e as questões agora eram mais complicadas, visto se encontrarem na esfera estadual. Sem receios e novamente por recomendação, lá estavam o empresário e Ortega na sede do Palácio do Governo. A afável saudação anterior repetiu-se novamente. Todos com entusiasmo saudaram o Ortega com o mesmo carinho, atendendo-o rapidamente e por completo solucionando sua dificuldade.

E quando as coisas se complicaram, ficando mais difíceis pois haviam chegado no âmbito Federal, o industrial preocupado, chegou a duvidar que Ortega pudesse ajudá-lo naquela fase processual. Mas assim mesmo decidiu procurá-lo e expondo o caso todo, disse ao Ortega que para tentar solucionar tal problema até com Senadores e Ministros havia conversado, e nada.

– Não tem importância, vamos lá, disse confiante o Ortega.

Ao chegarem no Ministério repetiu-se a recepção – um acolhimento igual aos demais ou talvez maior ainda pois os funcionários além de abraçá-lo perguntavam da família e dos filhos, demonstrando saudade de todos. Um representante do Presidente foi nomeado e chegou apressado saudando amistosamente aquele homem tão conhecido – Além disso, resolveu-lhe todos os problemas.

Decorridos meses, e o empresário livre de aborrecimentos, irregularidades e dos processos instaurados, querendo retribuir agradecendo o Ortega que de maneira gentil tantos favores lhe havia prestado, convidou-o para uma viagem à Europa com tudo pago, sem despesas de espécie alguma. A alegria do Ortega percebia-se aparente, e lá se foram os dois felizes para o velho mundo.

Na terra de Dante o industrial demonstrou vontade de conhecer o Vaticano e se possível gostaria de pelo menos ver o Papa.

Então vamos lá, respondeu o Ortega. Em pouco tempo chegaram ao destino e ali se postaram, em frente a residência papal.– Pois queres mesmo ver o João de Deus, retrucou. Sim, eu gostaria muito respondeu o empresário. Então fique aqui atento, que eu vou aparecer naquela janela ao lado dele. Nem bateu na porta de entrada ainda e já fora expansivamente recebido pelos Bispos e Cardeais que ali se encontravam, sendo logo prevenido de que seu acompanhante não poderia entrar.

O industrial permaneceu lá embaixo no pátio enorme do Vaticano e atento olhava para a sacada principal do prédio. Passados alguns minutos ele apareceu realmente, sorrindo na janela abraçado a Sua Santidade. Mas apesar de todas as apresentações anteriores de que era um dos homens mais conhecidos da terra, o empresário pôs em dúvida aquela aparição. Não satisfeito, perguntou para alguns meninos que, entre pombos, jogavam bolinhas de gude: Vocês conhecem o Papa? Seria aquele que está na janela abraçando aquela pessoa? No que prontamente responderam – ”Se aquele é o Papa nós não sabemos, mas aquele que está do lado dele é o Ortega, disso nós temos certeza”.

Esta história conta de maneira hilariante com que extensão Ortega era conhecido – sem atingir a importância entretanto da admirável postura que mostrou ao mundo o CAROL VOITILA, polonês humilde que se tornou Papa e percorreu o mundo lutando pela PAZ UNIVERSAL – o João Paulo II.

Não me recordo mais em que alfarrábio li: “O exemplo não é a principal coisa da vida; é a única coisa”. E que belo exemplo nos deu esse inesquecível polonês, chefe da igreja católica. Realmente uma honra para todos nós termos vivido essa época maravilhosa. Mais bonita e digna ainda, a homenagem prestada pelo dileto amigo cooperativista. Nobre atitude, por poucos praticada – “Coisas do chefe” enfim...
(Odair Ribeiro)

EXPANSIVO AGRADECER

Lineu, meu caríssimo:

Recebi, li e aplaudi seu trabalho. Digno de ser subscrito por qualquer escritor (desde que dos maiores); suas crônicas dão a medida do valor do aluno de ontem que evoluiu às alturas de mestre de hoje.

Agradeço-lhe a lembrança delicada.

Agradeço-lhe, também, me haver conferido elementos que justificam meu orgulho de e por você.

Abraços do “ex-corde”.

Guarulhos, 29/09/05.

A) Lourenço Renato Biondi.

Advogado influente – Ex-vereador – Vice Prefeito e Professor das FIG.

RETRATO FAMILIAR

Há de ter sessenta anos, ou mais, a velha fotografia. Não tem cores que enganam, é toda em branco e preto, nítida, sem manchas, perfeita. Como teriam ido até lá? Tão distante desta Vila, sem carroça, ônibus ou qualquer condução.

Nela não se vê coisas que recordem, há coisas estranhas, indiferentes, não há dias infelizes, pelo menos é o que revela seus semblantes confiantes. O que há mesmo em retratos antigos são histórias de antigamente.

Há risca nos cabelos de lado, brilhantes e em ordem com óleo glostora nos penteados exatos. Passa uma impressão bonita

do passado limpo, liso e condensado. Meu pai de cabelo preto ondulado, os tios mocinhos, mas que ternos bem cortados, incrivelmente alinhados. Na lapela lenços brancos e alfinetes de pedra rubi, presos nas gravatas listradas. Pobres tias falecidas, elegantes com um leque na mão e seus vestidos rodados.

E nenhum obeso, gostavam de frutas, não havia guloseimas e essas comidas – Tinham uma espiriteira de pregos e no almoço esquentavam a marmita sem carne.

A família toda reunida – que bonito! Meu avô, o dos bigodes, minha avó com seu xale e grandes cachos... Não sei meu Deus, mas às vezes penso muito, que tenho por baixo da minha intempestiva saudade, alguma grande vontade de ser meu antepassado.

Como foram retratar assim tão longe? Chegaram pela via férrea com certeza, pois a foto trás no verso impresso: “Bazar Foto Santhiago” da rua João Theodoro, em São Paulo, lugar onde havia saudosa, uma antiga estação de trem...

ACADÊMICO MÁRIO YOSHINAGA

FALANDO DE ARQUITETURA

Quando me pediram uma artigo para a publicação 2006 da AGL, pensei em arriscar-me numa ficção, que é um assunto da minha paixão, desde criança. Bem que tentei, até mesmo imaginar uma cidade do futuro. Logo vi que faria melhor se eu continuasse num cenário mais familiarizado, que é o da Arquitetura e do Urbanismo.

Felizmente, o tema Arquitetura é tão universal, e tão ligado às pessoas, assim como o Urbanismo (afinal, 100% das pessoas vivem em alguma edificação e 80% das pessoas no mundo vive em cidades), que resolvi falar à respeito do que eu sei.

Desde a minha infância eu me sentia predestinado a ser Arquiteto. Mas naquela época eu me imaginava um carpinteiro, pois com 10 anos cheguei a construir uma estrutura de madeira com piso térreo e superior! Sim, mas na escala da criança, pois a altura entre pisos era de 1 metro. Mal cabia sentado dentro da casinha.

Meu pai achou que eu tinha que aprender um ofício. Em vez do Ginásio, procurou um curso profissionalizante e encontrou um...em São Paulo!! Assim, deixei a cidade de Pindamonhangaba com 11 anos de idade, e entre apavorado e deslumbrado, cheguei a São Paulo.

Na Escola Técnica Getúlio Vargas, uma escola em período integral, pela manhã todos os alunos tinham as matérias teóricas, e à tarde cada um recebia aulas práticas na oficina para se qualificar ao longo do primeiro semestre do Curso. Após estagiar pelas Oficinas de Serralheria, Fundição, Marcenaria, Mecânica (perdi a chance de ser torneiro mecânico e metalúrgico), Entalhação, Tipografia, Escultura e Pintura, fui melhor avaliado para Tipografia e Pintura. Escolhi a Oficina de Pintura...

A oficina de pintura tinha como objetivo preparar os profissionais para fazer os "outdoors" da época, que eram pintados em grandes painéis e pendurados nos prédios. Mas, os professores preparavam seus pintores de placas acrescentando-lhes as técnicas de desenho à carvão, lápis de cor, aquarela, gouache e tinta à óleo, além de aulas de modelagem em argila e gesso.

Terminado o Curso Básico optei por continuar os estudos em Desenho Arquitetônico, na mesma escola. Foi onde conheci o Luigi Bauducco, que tinha na época uma pequena doceira na Av. Celso Garcia. Aluno dedicado, trazia sempre interessantes detalhes arquitetônicos da Europa, que conhecia de muitas viagens. Mais tarde tornou-se um grande industrial de Guarulhos e sua empresa tornou-se líder no setor.

O Desenho Arquitetônico me levou a tentação de estudar na Faculdade de Arquitetura. As minhas condições econômicas (aliás, a do meu pai) não me deixava escolha a não ser a gratuidade da USP.

Enfrentar um cursinho preparatório durante um ano foi indispensável para suprir as deficiências do Curso Técnico, que tinha como ênfase as aulas práticas.

Foi um período marcante na minha vida, quando algo nos leva a um desafio maior que a nossa capacidade, que exige tudo (e algo mais) de nós, e cuja vitória tem um significado enorme para nós mesmos, independente de quão importante isso possa parecer para os outros.

E foi o que aconteceu. Aprovado entre os dez primeiros, entre concorrentes respeitáveis de escolas públicas (na época, tão boas ou melhores que as escolas particulares) e escolas privadas, nem a colocação, nem a Universidade conquistada me pareceram tão importante como a de vencer um desafio que fizera comigo. Afinal, eu representava o único aluno da Escola Rural do curso primário, o único aluno do curso básico da Escola Técnica, e o único aluno do Curso Técnico a chegar à Universidade.

Comecei então a aprender o que era a Arquitetura, e o que era o Arquiteto.

Mas um outro aprendizado corria em paralelo, que é a vida universitária. Que enorme transformação! Em primeiro lugar, e isso logo na recepção do trote, caímos em si de que nada temos de geniais, de especiais, de super dotados por ter sido aprovado no exame de vestibular. Estava no meio de colegas, iguais e até mais inteligentes e bem informados. Pessoas que conheciam Paris, Londres e outras capitais, enquanto eu mal conhecia o Rio de Janeiro e Niterói. Eu, pobretão, ainda com ar rural nos pulmões, morando em pensão e “república”, convivia com colegas que moravam nos “city” dos Jardins, Lapa, Butantã em belas mansões.

Pobres e ricos, conseguíamos conviver as diferenças. Não sei o que os colegas ricos aprenderam conosco, os mais pobres, mas seguramente aprendi que precisaria acelerar meus conhecimentos

sobre arquitetura e urbanismo, e de cultura geral. Precisava viajar, e vivenciar esses espaços de outras regiões do Brasil e do mundo, pois nos ambientes da minha vida faltaram sofisticação, inovação e qualidade.

A noção de espaço que eu formara era inadequado para um projeto arquitetônico eficiente, pois vivenciara as proporções de espaços generosos das construções do meio rural, e os cômodos demasiado compactos dos prédios da Capital.

A correta utilização dos espaços adequados para comporem bons projetos não se aprende, e principalmente não se aprende, olhando livros e revistas. É preciso que o Arquiteto tenha a percepção, a sensação, de que o usuário se sentirá confortável, mesmo sob condições restritas como uma nave espacial.

Nesse sentido, estar o dia todo na Faculdade de Arquitetura, num prédio de estilo Art Nouveau, não podia ser mais adequado para aprender sobre o cuidado com os detalhes construtivos e ornamentais, a distribuição generosa dos espaços, a amplidão de um saguão com pé-direito duplo, escadas confortáveis, e um curioso espaço sob a escada principal muito bem utilizado.

O meu jeito caipira, ingênuo e modesto era compartilhado com colegas que vinham do interior, como Caconde, Piracicaba, Ribeirão Preto, Ourinhos, e de outros estados, como Paranaíba, e alguns mineiros do sul. Essa turma do interior é a que estava nas pensões e repúblicas, e era os que mais paqueravam as meninas, também do interior, que moravam, em geral em pensionatos de moças, com horário “antes das onze”.

Havia uma sede de aprender tão grande que além do horário de aulas organizava-se pelo grêmio vários eventos no saguão, como apresentações de conjuntos de jazz, música sacra, concerto de piano, palestras com críticos de arte e críticos de cinema.

Além de eventos no saguão do prédio, numa parceria com a Cinemateca Brasileira, eu organizei um evento chamado Festival de Filmes Japoneses. Cerca de 20 filmes japoneses, alguns inéditos, da Shochiku e Tohei Filmes, cujas exibidoras no Brasil foram nossas parceiras no empréstimo dos filmes e cessão dos cinemas, após meia noite, foram exibidos durante vários meses. Com o apoio dos críticos de cinema de jornais e revistas, as exposições passaram a ter os cinemas lotados. As nossas sessões à meia noite tornaram-se um "point" dos cinéfilos paulistanos, principalmente pela divulgação dada ao evento pelo crítico de cinema do Estadão, Rubens Biáfora, profundo conhecedor do cinema japonês, e que toda semana antecipava comentários sobre a próxima exibição

Essa realização me mostrou o quanto me tornara paulistano. Conseguira mobilizar semanalmente mais de 200 intelectuais da cidade.

As atividades extra-curriculares me mostrou que o Arquiteto era mais que um construtor de prédios. A sua formação de engenharia vinha de disciplinas como Materiais de Construção, Resistência dos Materiais, Estruturas, Grandes Estruturas, Hidráulica, Cálculo Integral e Diferencial, Topografia e Astronomia de Posição, Cálculo Vetorial e Física Aplicada. O lado construtor era complementado pelo de Artes, Filosofia e Estudos Sociais, com as matérias de Planejamento Urbano, Desenho Industrial, História das Artes e Arquitetura, Desenho Artístico e Projeto Arquitetônico.

Aos poucos fomos descobrindo que havia entre nós, os que se interessavam por pintura, escultura, cerâmica, música, cinema, etc. Muitos de nós praticamos xilogravura (gravura em madeira) e não raro utilizávamos para confeccionar cartões de visita, folhetos de eventos e até ilustrando trabalhos escolares. Os amantes da música eram muitos, e alguns até trocaram a Arquitetura para serem músicos, como o Chico Buarque de Holanda. Outro cole-

ga, o Dalton de Luca, terminou o Curso e deve ter continuado no Quarteto de Cordas do Teatro Municipal.

A curiosidade era muito presente no nosso cotidiano. Tínhamos posições políticas e formavam-se grupos de socialistas, comunistas, católicos, conservadores, anarquistas e a sempre presente turma dos alienados. Tínhamos posições de escolas de Arquitetura e também formavam-se os grupos de Racionalistas, que defendiam o arquiteto francês Le Corbusier; e os Orgânicos, que defendiam as idéias de Frank Lloyd Wright. Além disso tinham os Mondrianistas, que eram fãs do pintor Piet Mondrian, e os que detestavam os modernismos e viviam em exposições de Figurativistas.

Enfim, éramos estudantes em tempo integral. Tudo era motivo de ser analisado, defendido, ignorado, contestado ou combatido. O interessante era que até o assunto a ser ignorado era motivo de discussões.

Na verdade, a escola em tempo integral permitia que fossemos estudantes em tempo integral, embora as noites, fins de semana e férias permitissem livre escolha de atividades.

No meu tempo livre, trabalhei muitas noites e fins de semana fazendo perspectivas e desenhos de apresentação para lançamentos imobiliários, pois as aulas de pintura da Escola Técnica me foram muito úteis, garantindo o meu sustento no Curso Superior. Ganhava bem pelas perspectivas, em alguns casos até acima do preço de mercado.

Num dos trabalhos, fiz uma perspectiva colorida para uma empresa sueca, Aços Sandwik. O sueco que me contratou pediu que colocasse palmeiras no desenho, e assim envolvi o prédio da fábrica com uma mata tropical cheia de palmeiras. Ele adorou, pediu para a secretária colocar "o quadro" na sua sala, e me instruiu para passar na contabilidade para receber o pagamento. O contador olhou o meu recibo e achou que era muito dinheiro por

um desenho, ainda mais para alguém da minha idade, um garoto. Fiquei então, vítima dessa indecisão durante um bom tempo, à espera da liberação do pagamento. O sueco que passava por ali me viu sentado em frente ao caixa e, surpreso, perguntou ao contador por que eu não tinha sido pago. O contador falou qualquer coisa ao sueco, que não pude ouvir direito, mas ouvi o sueco dizer em voz alta e bem clara, apesar do seu sotaque.

– Obra de arte não tem preço, pode pagar.

E assim o contador aprendeu que obra de arte não se paga por metro quadrado.

Numa das semanas da pátria, que era um feriadão para os estudantes, planejei conhecer Parati, pois precisava andar num espaço de cidade histórica, e Ouro Preto era algo distante demais. Pelo menos Parati, pensei, dá para arriscar uma carona na Rodovia Presidente Dutra, e depois uma outra carona de Guaratinguetá até Cunha, e depois Parati. Combinei com o colega Jacob Aron Corch, que fora meu colega no Curso de Desenho Arquitetônico na Escola Técnica, e agora estava, como eu, estudando no Curso de Arquitetura.

Madrugamos e, lá pelas 7 horas da manhã, começamos a fazer o sinal característico dos caroneiros no início da rodovia, na Vila Maria. Em duas horas não conseguimos nada. Tivemos a brilhante idéia de procurar o Posto Rodoviário e pedir uma ajuda aos Policiais, e assim caminhamos cerca de 2 km até o Posto. Surpresa! Encontramos outro caroneiro perto do posto, ninguém menos que o colega de escola Dalton de Luca, o violoncelista. Seguimos dali em três numa carona de um automóvel confortável que nos deixou em Guaratinguetá. Ficamos outras 2 horas até conseguirmos uma camionete até Cunha. Pegamos a estrada à pé e caminhamos muitos quilômetros, sem conseguir nenhuma carona. Nosso almoço foi numa vendinha à beira da estrada, com um cardápio delicioso: guaraná e bananas.

Cansados de andar, porém determinados, voltamos para a estrada. Um carro pára no meio da poeira, os ocupantes de um Mercedes-Bens escuro nos oferece carona. Dentro, um americano que não parava de falar em inglês, com o seu parceiro que dirigia, e que parecia ser um brasileiro. Cansados, aproveitamos para descansar os pés e pernas doloridas.

Em Parati, enfim estava diante e dentro daquela arquitetura, agora em três dimensões, e que já conhecia de fotos e exposição de slides, das aulas de História da Arquitetura. Estava maravilhado em poder tocar as portas, as paredes e sentir a textura, os relevos e observar as cores das fachadas e caixilhos. As tintas estavam em camadas de várias demãos, percebendo-se partes descascadas.

Mas faltava arrumar um local para dormir, de preferência gratuito, pois o mês de setembro não fora dos melhores em faturamento. Enfim, os três estavam duros. Por incrível que pareça nos dias de hoje, naquela idade e sem dinheiro, apenas nos preocupava as próximas horas. E precisávamos de um local para trancar nossas coisas e sair para ver a cidade. Procuramos o delegado pois alguém nos deu a dica de ficar na cadeia, que estava sempre vazia. Chegamos tarde. Outros estudantes já estavam alojados nas celas. Depois de bater em várias portas, encontramos uma escola primária. Ocupamos uma sala, juntamos várias mesinhas e formamos nossas camas.

Apesar de cansados da viagem, saímos para caminhar pelas ruas estreitas pavimentadas com pedras. Visitamos algumas casas com pátio central, agradavelmente ajardinadas e sombreadas por árvores. Que ambiente apropriado para o clima tropical. O pátio central dá as costas para os vizinhos e para a incidência direta do sol nas janelas; dá segurança, privacidade e conforto térmico à residência.

Sempre que alguém conseguia condução, como um carro emprestado, ou o ônibus da Escola, visitávamos a Igreja de São Miguel Paulista, Itapecerica, Embu, Itu e arredores.

O ônibus da Escola, um Mercedes Benz novinho, foi providencial para essas visitas aos sítios históricos próximos da capital. Mas queríamos conhecer Ouro Preto, São João De Rei, Mariana, Rio de Janeiro, e Salvador.

Sem o apoio da Faculdade, que apenas disponibilizava o ônibus, partimos para um “livro de ouro” e a cara de pau. Conseguimos várias doações para a nossa causa, o suficiente para lotar o ônibus a cada livro de ouro, e realizar as viagens pretendidas.

Cada viagem tinha um destaque especial. Numa viagem a Ouro Preto, a água local, rica em minérios trouxe uma diarreia geral e incontrolável. Foi preciso uma parada de emergência entre Ouro Preto e Belo Horizonte para que os alunos saíssem correndo para uma plantação próxima. As meninas mais “posudas” esqueceram as boas maneiras nesse momento crucial, e foi motivo de muitas risadas por vários anos.

Em outra ocasião, numa “sobra de caixa” de um livro de ouro, um grupo foi ao Rio de Janeiro, aproveitando o período de carnaval, e acabaram, alguns deles, como os foliões, dormindo na areia de Copacabana.

Numa das viagens a Salvador, o dinheiro da viagem sumiu misteriosamente e o pessoal ficou em pânico. Restara apenas o dinheiro do motorista, reservado para o combustível. Alguns alunos da Faculdade de Arquitetura de Salvador ajudaram nessa emergência de sobrevivência, mas faltava dinheiro para as “outras despesas”. Chico Buarque e seus amigos Barão e Mané pegaram seus instrumentos e na entrada do Elevador Lacerda e conseguiram alguns trocados. Quem diria hein?

Terminei o Curso, colamos grau no Atelier da Escola, tudo modestamente montado, mas ainda assim solene e respeitoso, com a presença dos nossos orgulhosos pais, parentes e alguns amigos. Estávamos em pleno regime ditatorial, e a nossa cerimônia de

formatura foi muito provavelmente vigiada por olheiros dos militares, como acontecia regularmente quando mais de 3 pessoas estavam agrupadas.

Naquela época havia mais de uma vaga de emprego para cada formado, e fui para fiscalização de obras. Nunca havia visto uma obra de perto, e meu despreparo para a função ficou evidente quando aprendi que o “nível” era feito com uma mangueirinha. Na escola aprendera a usar o teodolito para as medições topográficas, e me omitiram sobre a tal de mangueirinha. A teoria dos vasos comunicantes eu sabia, mas era a primeira vez que via sua aplicação. Felizmente um colega meu já fazia esse trabalho de fiscalização e com a sua ajuda consegui aprender de forma acelerada as principais verificações de cada etapa da obra.

No emprego seguinte fui “engenheiro de assistência técnica” de uma indústria de materiais de construção. Tive a oportunidade de visitar diversos conjuntos habitacionais, na época do BNH – Banco Nacional da Habitação, que foi fechado e assumido pela Caixa Econômica Federal. Os conjuntos habitacionais para famílias de baixa renda eram naquela época um aglomerado de pequenas casas isoladas, cada uma num lote, localizada distante da zona edificada da cidade.

Diferente do aprendizado por livros, a visita a esses conjuntos habitacionais me trouxe conhecimentos adquiridos com os construtores, alguns moradores, técnicos de prefeituras e de engenheiros de assistência técnica de outras empresas de materiais de construção.

Talvez como herança de governos anteriores os conjuntos habitacionais estavam localizados praticamente em área rural, como se os pobres moradores estivessem sendo mantidos fora da cidade, como nas construções de edículas, áreas de serviços e senzalas. Mas é provável que a intenção discriminatória era menos impor-

tante que a do lucro, e por isso acredita-se que os conjuntos residenciais fora da área já urbanizada teriam a função de indutor de desenvolvimento urbano, uma vez que estaria estimulando e valorizando as terras por onde passariam as infra-estruturas urbanas, como água, luz, asfalto, drenagem, esgoto e telefonia, além de rotas de serviços de correio, produtos de consumo e principalmente de linhas de transporte coletivo.

Outra característica interessante é a insistência de construir habitações populares com casas isoladas, uma em cada lote, como que reproduzindo um sonho de consumo de propriedade dos ricos, de residência unifamiliar, um luxo inalcançável para a maioria da classe média. Tal implantação forma áreas urbanas de baixa densidade que encarece os serviços públicos, tem menos gente para pagar por mais metros de redes de água, luz, etc., e o consumo (no caso de conjunto habitacional popular) sendo baixo, desinteressa às concessionárias de oferecer bons serviços. Isso significa serviços sem continuidade e qualidade, com interrupções e até desligamentos prolongados de atendimento.

É também curioso que os espaços das habitações dos pobres sejam bem menores que a de outras edificações destinadas às classes média e alta. A estatura das pessoas pobres será invariavelmente menor que a de outras classes? Será isso tão verdadeiro a ponto do “quarto de empregada” ter dimensões para caber apenas camas menores que 1,60m de comprimento?

A experiência com construções pelo sistema de mutirão, onde a população opina no programa e dimensões dos cômodos, comprovou que medidas inferiores a 3x3m nos quartos não foram aceitas; e que as habitações deveriam ter vaga para carro. Os técnicos da habitação desconsideram que vendedores, taxistas, ambulantes, que precisam do automóvel como instrumento de trabalho, assim como para outros profissionais, possam morar em conjuntos populares.

Passi em seguida a trabalhar numa firma de Planejamento Urbano. Meu contato com o solo foi substituído pela visão aérea das cidades. A comunicação com as pessoas mudou para estatísticas, e ruas e quadras de vários metros para atravessar e percorrer, apresenta-se no mapa com alguns milímetros.

No Planejamento urbano alguns técnicos se sentem um todo poderoso capaz de mudar ruas, quadras, rios e até as atividades da cidade. Talvez confundam, ao olhar a cidade do alto, não como a visão de um pássaro, mas como se fosse uma visão divina.

Apreendi logo que os Prefeitos e proprietários de terras não se interessam em aplicar os Planos Urbanos e preferem que a falta de planos lhes possibilite controlar o desenvolvimento urbano. Tanto isso é verdade que são poucos os Planos Diretores elaborados nos anos 70 e que permaneceram nas prateleiras das Prefeituras: a maioria está empoeirada nos “arquivo- morto” ou se tornaram quilos de aparas.

É tão gritante esse conveniente descaso pelo planejamento, que em todos os Municípios (toda regra tem exceção?) do Brasil, quem fixa os limites da Zona Urbana é a Câmara Municipal. Dentro da Zona Urbana deveria ter pelo menos a diferenciação de terrenos urbanizáveis, e tais classificações deveriam ser objeto de especialistas em meio ambiente, pois a transformação de área rural para área urbana significa um grande impacto ao meio ambiente. Contudo, tais transformações são apenas legisladas pelos vereadores e pelo Prefeito.

Incoerências gritantes permanecem nos Planos Diretores. Todo Plano deveria ter um objetivo a ser atingido nos próximos 100 anos. Por exemplo, em 100 anos toda área limdeira a córregos serão reconstruídas com suas matas ciliares e faixa de preservação das margens. Ou então: em 100 anos a cidade terá um mínimo de densidade habitacional de 300 habitantes por hectare, excetu-

ando os condomínios de luxo completamente equipada com redes de infra-estrutura urbana.

Do Planejamento urbano passei a gerente de projeto de bens imóveis para uma empresa multinacional. Aprendi que a responsabilidade do gerente de projetos se resume a prazo e custos, e que dentro dessas metas deve-se utilizar de criatividade, ousadia, riscos e muitas negociações, sem nunca descuidar da expectativa do cliente, dos aspectos legais e da qualidade das obras.

Aprendi que uma obra é resultado de um trabalho de várias equipes. A mais importante é a do Arquiteto, com o qual o cliente faz um contrato de projeto completo, incluindo desde o projeto de fundações, instalações elétricas, hidráulicas, ar condicionado, estruturas, comunicação visual, paisagismo e de mobiliário. O Arquiteto acompanha a obra e autoriza qualquer modificação de técnicas, materiais e de serviços, assumindo portanto total responsabilidade por qualquer defeito e desempenho da obra até o momento da inauguração. E cabe ao Gerente de Projeto acompanhar todas as etapas da obra, desde a escolha e compra do terreno, contratação dos projetos, contratação do construtor, instaladores, decoração, sinalização, testes, até a entrega ao usuário. É o que chamam de responsabilidade total pelo empreendimento, no sistema "turn-key".

De uma multinacional passei para outra, agora especializada em projetos, especificamente de fábricas de papel e celulose. O grupo escandinavo me ensinou a importância da busca contínua da qualidade do projeto, e conseqüentemente da obra. Os escandinavos foram os primeiros a desenvolver uma simplificação dos componentes de materiais para a construção civil, iniciando esse processo logo após a segunda grande Guerra Mundial, quando houve a necessidade de muitas reconstruções de áreas urbanas e os recursos de material, de mão de obra e financiamentos, eram escassos.

Num País como a Finlândia, onde uma família sem condições de se manter aquecida no inverno não terá condições de sobreviver para a próxima primavera, o planejamento é vital, e a improvisação impensável. Os improvisadores, se estiverem vivos, só podem estar fora da Escandinávia, seria uma afirmação bastante verdadeira.

Além do Planejamento, é preciso qualidade, pois não adianta ter madeira para queimar na lareira se essa madeira não for apropriada para dar o rendimento esperado de tempo de queima, produção de fumaça e de calor.

Decidi morar um tempo no exterior. Para conseguir o visto de permanência me inscrevi num Curso de Mestrado. A minha proficiência em inglês, TOEFL, e o tempo de trabalho em multinacionais me ajudaram no domínio do idioma. Mas o inglês falado por estrangeiros e o inglês que os americanos falam com os brasileiros, são bem diferentes daquele que se fala nos EUA, isto é, em casa. Os primeiros dias de aula foram de 50% de entendimento, pois um professor era do Texas, outro de New Jersey, outro de Iowa, etc., cada um com o seu sotaque regional. Tive também dificuldades em entender a fala dos carpinteiros e encanadores, pois usavam muita expressão idiomática, além de arrastarem o sotaque do Oeste.

Passei 3 anos em solo americano, na terra do velho oeste bang-bang, onde conclui o mestrado em desenho urbano e depois entrei no mercado de trabalho como desenhista de pisos elevados para computadores. Aprendi muito com os americanos, convivendo com eles nos primeiros 3 meses como turista, depois 13 meses como estudante de pós-graduação e os restantes 20 meses como empregado. O contrato de trabalho nessas empresas pequenas é um mero aperto de mãos, e se está contratado à partir daquela hora. Também a dispensa é um comunicado curto e paga-se até aquela hora trabalhada, e pronto.

O Arquiteto tem grande responsabilidade nos EUA. É dele

o contrato do projeto total da edificação, que inclui a estrutura, fundações, instalações e até a sinalização e a decoração básica. Um carpete, por exemplo, é especificada em espessura, percentual de cada tipo de linha, se é anti-estático, cor (em padrão Munsell), etc. O Arquiteto só pode exercer a responsabilidade profissional como "Certified Architect" se for aprovado num teste da American Institute of Architects – AIA, que tem as partes de exame teórico e prático. Em cada Estado se exige o teste, e para atuar em vários estados serão necessários vários certificados.

Na firma onde trabalhei a minha pessoa se prestava a atender a lei das minorias, pois além de um ou outro "não branco" entre os carpinteiros, eu representava o oriental, de origem latina.

Entre os carpinteiros vigorava a tutela do sindicato dos carpinteiros, bastante forte, e com advogados tão ativos que os empresários não gostariam de vê-los sequer na recepção de suas empresas. O sindicato dos carpinteiros faz a classificação de seus associados segundo a experiência e capacidade profissional. Tem os da categoria D, iniciantes, com um valor de Hora de serviço, e que vai aumentando até os seniores categoria A. O sindicato controla para que os não sindicalizados só possam trabalhar se não houver ninguém sindicalizado no banco de espera. Quem pede um profissional escolhe o grau de experiência, adequado à exigência de qualidade do trabalho, e portanto o preço do serviço. No caso de insatisfação pelo trabalho executado, o contratante pode procurar o sindicato e verificar se o profissional solicitado foi adequado ou se houve negligência do carpinteiro. Para alguém se associar é preciso que um associado sindicalizado o indique, após trabalhar sob a sua responsabilidade.

De volta ao Brasil fiquei desempregado um bom tempo, até que fui indicado para integrar uma equipe de supervisão do projeto do Aeroporto Internacional de Guarulhos. Trabalhei na fase de projetos e de fiscalização da obra. Como fiscalizador de projetos aprendi a verifi-

car os detalhes dos projetos, procurando minimizar as incongruências, como discordâncias entre as áreas, dimensões e as informações entre os documentos escritos e os desenhos. Algumas correções que pareciam demasiadas, gerava reclamações das empresas contratadas obrigando-as a refazer os desenhos, mas sempre procurei mostrar que o produto final de qualidade era de interesse também da projetista.

O projeto do Aeroporto me levou várias vezes a Guarulhos, e na fase de obra fiquei durante um ano o dia todo no meio da lama e poeira, fiscalizando a área da Torre de Controle, prédios de telefonia, ar condicionado e geradores, além do túnel de utilidades.

Depois de muita poeira e lama, afinal chega o dia da inauguração do Aeroporto, com a presença do Ministro da Aeronáutica e muitas autoridades. Com ar condicionado, moveis e lojas funcionando, muitas luzes e os pisos limpos e brilhantes, comissários e comissárias pelos corredores, a mensagem estava dada: era hora do pessoal de obra se retirar do local. Era hora de me retirar.

Em seguida passei a outro projeto de transportes: o Metrô de Bagdad. Fui para esse projeto com a incumbência de montar o caderno de especificações de arquitetura das estações do Metrô de Bagdad. A complicação da especificação era basicamente duas: ser em inglês, que eu já dominava bem, especialmente em arquitetura, e de atender as normas do British Standards, o equivalente a Normas Brasileiras-NBR. Depois fiquei inteirado de outras dificuldades: a maior delas é que havia muitos materiais de origem inglesa e que não tinham sequer similares no Brasil. Telefonemas, correspondências e faxes foram insuficientes para obter os catálogos técnicos e amostras dos materiais, e tive que visitar duas exposições, Batimat em Paris, França e Interbuild em Birmingham, Inglaterra. Dessas exposições pude trazer para os desenhistas projetistas, os detalhes construtivos de aplicação desses materiais sem similar no Brasil e assim finalizar os desenhos para a aprovação da

empresa de consultores dos ingleses.

Passsei para outro projeto da área de transportes, agora o Centro de Controle Operacional dos Trens da CPTM, na área da Luz. Um projeto completo, inteiramente concebido por mim, com a colaboração de outros arquitetos e muitos engenheiros, e que acabou arquivado por objeção das entidades de Patrimônio Histórico do Estado.

Essa discordância com o pessoal do Patrimônio Histórico poderia ter sido contornado se o canal de negociações tivesse sido menos político e mais técnico e arquitetônico. No meu entendimento, houve discordância quanto ao volume do prédio, e prevendo isso, eu havia pensado na possibilidade de reduzir a altura do prédio em 3 pavimentos, ficando na altura do prédio vizinho tombado. A retirada de pisos administrativos não iria comprometer o funcionamento do Centro de Controle e estaria próximo dos parâmetros pensados pelos técnicos do Patrimônio.

Minha passagem pelo Poder Público foi também uma nova vivência na área de transportes. Agora cuidando das vias publicas da cidade de São Paulo. Como primeira experiência na administração publica, aprendi que o servidor publico pode decidir e agir somente sobre o que a lei pública permite, diferentemente das ações na iniciativa privada que permite o que a lei não proíbe.

Toda a compreensão dos entraves e indecisões por que passam os processos nas entidades públicas deve-se ao fato dos funcionários precisarem do amparo legal (leia-se autorização) para que possa tomar uma decisão, baseado no que lhe é permitido decidir. Complicado?

Toda mudança de administração, toda ocupação de cargo de confiança por "pessoal de confiança" é geralmente visto pelos funcionários como o aparecimento de padraços e madraças da família, porém transitórios. Sempre existem os muito compromissados com os seus "padrinhos" e respectivos partidos políticos, mas tal condição não parece interferir na convivência corporativa.

A corrupção existe em vários níveis, e a convivência corporativa tende a admitir sua prática como uma ação pessoal, e na medida do possível evitar envolvimento desnecessários. Alguns funcionários aceitam "pequenas corrupções", como caixa de bombons e almoços, entendendo-as como gentilezas. Dentro da rotina a que os funcionários são colocados, da previsibilidade do "plano de carreira" que alguns grupos estabelecem em revezamentos de cargos, e em meio a alguns privilégios conquistados, impostos ou "por indicação", essas gentilezas são amenidades até bem vindas.

E chego enfim à carreira acadêmica, dando continuidade ao mestrado nos EUA num programa de doutorado na USP, finalizada em 2002. Lecionar e pesquisar o dia todo passou a ser a rotina. Uma curiosa rotina cheia de novidades, de descobertas e de reflexões interessantes.

Nessa atividade, defendi a Tese de Doutorado sobre Infraestrutura Urbana. Nessa tese, um capítulo refere-se a Guarulhos, como uma cidade onde a teoria defendida poderia ser aplicada.

Apesar desse meu esforço, a Prefeitura ignorou o meu trabalho. Segundo informação que tive de alguns colegas, o Prefeito considerou-o utópico.

Na verdade, o meu trabalho considera objetivos a longo prazo, algo como 100 anos, para que a cada ano se cumprisse 1%, e assim viabilizar as obras estruturais e de grande porte. Com quase dois mandatos vencidos, o prefeito já poderia estar concluindo 8% da obra de grande envergadura.

Às vezes deveríamos pensar como os chineses, para os quais nada é impossível. Minha proposta é a construção de uma via paralela à Rodovia Pres.Dutra, cortando Guarulhos de Leste a Oeste. Ela teria a função de preservar o Município de futuros desmembramentos, como já se cogita em relação a Bom Sucesso e Pimentas. Essa grande avenida formaria uma barreira de expansão

urbana, que hoje invade o sopé da Serra da Cantareira e áreas de preservação ambiental. Ao Norte dessa avenida seria desenvolvida uma ocupação de Alto Padrão Ambiental, sem discriminação de atividades e usos, desde que seja implantada e gerida dentro de padrões específicos de sustentabilidade ambiental.

Uma contribuição minha para Guarulhos é o novo acesso da Rodovia Pres. Dutra para o viaduto da Avenida Aniello Pratici, que apresentei numa reunião da Agende, na presença de secretários da Prefeitura.

Uma outra contribuição minha para Guarulhos é a transformação da Avenida Aniello Pratici em Entrada Principal da cidade, transformando-a em mão única em direção a Centro. Ao longo dessa avenida seriam construídos prédios residenciais e de escritório de no mínimo 20 andares, para que a alta densidade viabilize a concentração de comércio e serviços de rua, funcionando 24 horas todos os dias do ano. Esse Centro Comercial atenderia as empresas vinculadas ao Aeroporto, assim como das grandes indústrias ao longo da Rodovia e da região polarizada por Guarulhos.

Cria-se assim um Novo Centro de Guarulhos. O Velho Centro seria incentivado a concentrar atividades para a população local e com características de cidade do Interior.

Enfim, resumindo a minha vida profissional em algumas páginas, espero ter contribuído para entender parte da vida profissional de um Arquiteto, que tem o privilégio de compartilhar alguns bons momentos com os ilustres colegas da AGL.

ACADÊMICO PLÍNIO TOMAZ

GNOSTICISMO

Quando estava no ginásio e havia aulas de religião, vinham falar da bíblia, uns padres velhinhos, falando um espanhol que ninguém entendia.

Não explicavam nada que nos esclarecesse, trazendo aos jovens mais confusão ainda.

Cheguei a pensar que eles deveriam ter outros ensinamentos secretos que os levaram a ter fé em Deus que nos mostravam. Mais tarde fiquei decepcionado ao saber que tais ensinamentos secretos não existiam. Mas o que acontecia é que eles explicavam tão mal a bíblia, que fazíamos suposições erradas.

Apreendi no antigo ginásio o que era gnosticismo. Vinha da palavra grega *gnosis* e significava “conhecimento”. Esta definição de gnosticismo é simplista demais e não significa nada, pois todos somos a favor do conhecimento, daí pensar que era uma filosofia antiga e ultrapassada.

Apreendi depois que gnosticismo não é filosofia e ainda existem

movimentos gnósticos sobre nomes diferentes e pessoas como o psicólogo suíço Carl Gustav Jung e os fundadores da Nova Era: *George Trevelyan (1906-1996) nos anos 70 a 80 na Inglaterra e Elizabeth Clare Prophet* são gnósticos.

O disfarce é um assunto interessante, pois, as “idéias inatas” de que Platão sempre falava ele aprendeu na Itália com os pitagóricos e era uma espécie de reencarnação que os discípulos de Pitágoras aprenderam e que tem origem no Orfismo dos gregos. A idéia inata de Platão, não cita a reencarnação, mas Carl Jung insiste nestas idéias com novo nome “*arquétipo*”, enquanto que Freud chamava de “*resíduos arcaicos*”.

Voltando ao gnosticismo.

Lendo a bíblia deparei-me nas cartas de Paulo e de João, textos onde é citado o gnosticismo e de palavras e conceitos difíceis de entender. Lembro que em uma reunião em família, uma amiga lendo as cartas de Paulo não entendeu o que é “plenitude” em Colossenses 1.19 e tive a curiosidade de pesquisar e verificar que com aquela palavra que em grego chama-se “*pleroma*”, o apóstolo Paulo estava atacando a heresia gnóstica colossense que florescia naquele tempo a partir do século I da era de Jesus Cristo.

Os gnósticos usam livros apócrifos (sem autenticidade, não reconhecidos pela Igreja) e entre eles citamos o Evangelho de Tomé e o Evangelho de Maria que foram encontrados no Egito em 1945 no local denominado Naj Hammadi e foram escritos numa língua antiga egípcia do século 2 e 3 chamada cóptica e que dizem ter sido escrito por Tomé ou Maria.

Por tudo que pesquisei, os gnósticos, que se arrogam possuidores de um conhecimento sublime da natureza e dos atributos divinos, se misturaram ao cristianismo introduzindo idéias estranhas, insinuando que para a salvação Jesus Cristo não é suficiente, é necessário adquirir os conhecimentos secretos gnósticos o que é

bobagem. Sugeriam que Jesus escolheu alguns apóstolos ensinando-lhes segredos que os outros não sabiam o que também não é verdade, pois, conforme diz o escritor francês Ernest Renan, que era ateu, Jesus falava somente do Amor e para isto não precisava escrever nenhum livro e logicamente não implica em nenhum conhecimento secreto.

O gnosticismo não é uma religião; é um sistema teológico e filosófico que influenciou os Albigenses no sul da França, a Cabalá judaica e a alquimia da Renascença.

O apóstolo João conta que entrou numa reunião quando em Éfeso estava um gnóstico chamado Cerinto e que deixou rapidamente o local.

Irineu um católico fervoroso nasceu em Esmirna no ano 120 dC foi o primeiro que combateu o gnosticismo, escrevendo vários livros, fazendo críticas de 20 heresias gnósticas que ele conhecia. Irineu foi discípulo do bispo Policarpo de Esmirna que foi discípulo do apóstolo João. O grande ataque aos gnósticos através de Irineu foi contra os valentianos que eram muito populares naquela época.

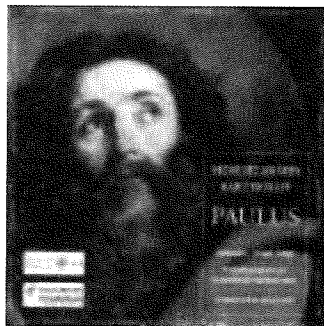
Quando se lê algum livro sobre História do Cristianismo ou de História da Teologia Cristã, vamos deparar com algumas injustiças da igreja católica, cometidos contra bispos e autoridades da igreja. Estudando-se mais a fundo a gente começa a pensar diferente, pois muitos deles eram gnósticos infiltrados no cristianismo, promovendo idéias estranhas e com pensamentos pagãos. Por exemplo: Nestório um bispo de Constantinopla entre 428 e 431 pos em dúvida que Jesus era Deus e salientou que a mãe de Jesus, Maria, era uma Deusa e que ela e Jesus deveriam ser adorados. Na verdade, Nestório estava adorando em lugar da virgem Maria, uma divindade egípcia antiga denomina Isis e seu filho Horus.

Esta mudança de adoração foi feita também para Maria Madalena, tentando dar-lhe uma importância grande, mas na ver-

dade a mesma seria Isis e Horus, que é conhecida no Ocidente como a Virgem Negra, representada sentada com seu filho no colo Horus.

O dr. Adolfo de Vasconcelos Noronha, o fundador da FIG-Faculdades Integradas de Guarulhos, em seu livro de Sociologia diz: numa cidade onde todos são senhores, ninguém é senhor, comentando que uma mulher perguntou a um poeta se ele acreditava em milagres e ele responde, que para ele tudo era milagre. Mas se tudo é milagre, então o milagre não existe. Cita os panteístas, que na sua opinião são semelhantes aos ateus, que acreditam que tudo é Deus, e se tudo é Deus, nada é Deus. Noronha criticou, portanto, os gnósticos.

Há uma corrente histórica que revela que a origem do gnosticismo se deu em Alexandria no Egito. Outros observam que suas raízes são mais antigas e vem da religião Babilônica e também da religião dos hindus, que mais tarde, vieram a influenciar as igrejas Cristãs do Oriente, que, posteriormente, se referem a estes ensinamentos como heresias, visto se entrelaçarem como uma escola de pensamentos que não acreditava que na divindade de Jesus. Também podemos observar, desde antigas religiões, que vem desde 4.000aC, que todas têm, até hoje, um ponto comum: a presença marcante de um ser supremo.



A BATALHA DE TRAFALGAR

Em 1789 estourou a revolução francesa e Napoleão após certo tempo apoderou-se do poder. Tornou-se imperador e implantou uma ditadura controlando todas as informações na Europa.

Em 21 de outubro de 1805 houve uma batalha naval no sul da Espanha perto do Cabo Trafalgar. Dos navios que se degladiaram, 27 eram ingleses e 33 eram franceses e espanhóis, lembrando que a Espanha tinha sido tomada pela França.

A esquadra inglesa era comandada pelo Almirante Lord Nelson e a esquadra francesa comandada pelo Almirante Pierre Charles Silvestre de Villeneuve.

A potência de fogo e o tamanho dos navios eram muito semelhantes, mas a causa da derrota francesa foi a nova tática adotada pelo Almirante Lord Nelson.

Antes daquele dia fatídico quando havia uma batalha naval os navios se alinhavam em linha e cada um ficava por si, pois praticamente não havia comunicações entre eles. Procuram com os canhões atingir o convés e matar o maior número de pessoas, bem como atingir o casco e afundar os navios.

A esquadra que infligia mais danos na outra ganhava a batalha, mas na batalha de Trafalgar houve uma inovação.

A esquadra francesa estava em uma linha de frente bem ampla esperando os ingleses, mas estes vieram em duas colunas e entraram no meio da linha dos franceses, cercaram os navios pela direita e foram afundando um após outro.

Uma vantagem das colunas dos ingleses é que ficando um navio atrás do outro era mais fácil a comunicação e ainda para facilitar e não confundir com o inimigo Nelson mandou pintar os navios de amarelo e preto.

A derrota dos franceses foi fragorosa, a ponto de nunca mais Napoleão Bonaparte pensar em invadir a Inglaterra.

Na batalha de Trafalgar o Almirante Lord Nelson foi mortalmente ferido, mas foi imortalizado para sempre na Inglaterra. Os franceses perderam 22 navios e a Inglaterra somente 1.

Foi na batalha de Trafalgar que Nelson disse: "A Inglaterra espera que cada homem cumpra com o seu dever".

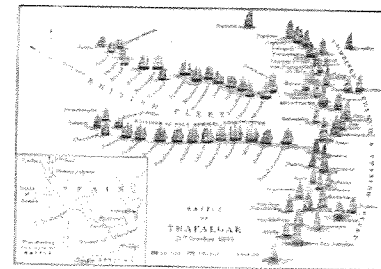
O controle de Napoleão sobre os jornais era tão grande que o povo francês só soube desta batalha 8 anos depois, quando Napoleão tinha perdido o poder.

O interessante nestes assuntos de batalhas, é que durante a revolução francesa houve uma inovação tática que Napoleão incorporou e usou ganhando inúmeras batalhas na Europa. No final os ingleses sob o comando do general Wellington, já conheciam as táticas de Napoleão e as usaram contra ele na batalha de Waterloo, que foi a derrota francesa final e acabou com o império de Napoleão. Houve inovações nos exércitos, mas não na marinha de guerra.

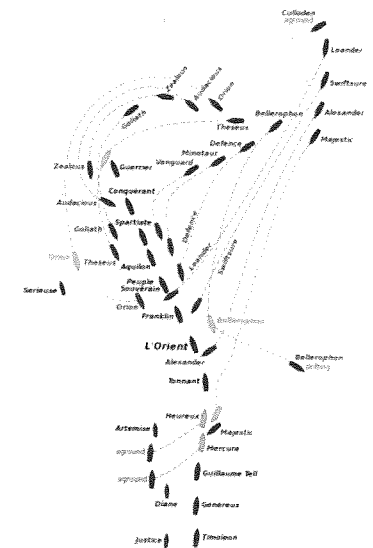
Uma outra batalha que poucos se lembram é a Batalha do Nilo ou a Batalha da Baía de Aboukir que se deu em 1 de agosto de 1798 quando Napoleão foi para o Egito. Nela os ingleses tinham 14 navios e os franceses 13 navios e perderam a batalha, sendo afundados 3 navios, 9 capturados e feito um número enorme de prisioneiros, sendo que as baixas inglesas foram pequenas.

O comandante da esquadra francesa era o Almirante François-Pauyl Brueys D'Aigalliers que morreu na batalha. O vice no comando naval francês era Almirante Pierre Charles Silvestre de Villeneuve, que mais tarde, seria o comandante das forças francesas na batalha de Trafalgar.

Como sempre a esquadra francesa estava em linha perto da costa e um pouco longe da região rasa. Os franceses cometeram o erro de deixar mar fundo atrás de si. Esperavam que os ingleses não atacassem a noite, mas avançaram em duas colunas e como cunhas, cortaram a linha, pois tinham espaço para manobra e derrotaram os franceses.



Batalha de Trafalgar



Batalha do Nilo

FIBONACCI E O NÚMERO PHI=1,618... NÚMERO DE OURO

No ginásio aprendi como desenhar o segmento áureo e lembro da ênfase que o professor fazia para que soubéssemos o que era. Depois aprendi a quantificar o segmento áureo e até hoje ainda não sei bem o que é sendo um eterno mistério.

Os nomes usados são: média e extrema razão, segmento áureo, divisão áurea, número de ouro, número de Deus e número maçônico. Não se sabe quem primeiramente achou o valor do número irracional 1,618... ou 0,618..., mas devido a um grego ele foi dado o nome de phi, ou seja:

$$\Phi = 0,5 \times (1 + 5^{0,5}) = 1,61803\ 39887...$$

A escola Pitagórica em 416 a.C. já conhecia o número phi. O Parthenom em Atenas é uma construção grega em que se usou o número phi.

Os maçons também usam o número phi.

Fico impressionado em pensar qual seria a reação dos alunos de Pitágoras quando verificaram que a altura do umbigo em relação a altura de um homem é 0,618. Fiz isto com uma minha neta e ela achou engraçado.

Olharam para muitas partes do corpo humano e encontram o número phi, tanto no braço e antebraço, na altura do coração, nas dimensões do rosto, etc.

Muitos acreditam que uma *pessoa bem conformada* é aquela, cujo número phi é encontrado.

O famoso quadro da Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, tem as dimensões na razão 1,618...

O matemático alemão Zeizing formulou em 1855 o princípio "Para que um todo dividido em duas partes desiguais pareça belo do ponto de vista da forma, deve apresentar entre a parte menor e a maior a mesma relação que entre esta e o todo".

Até hoje ninguém sabe explicar o porquê desta beleza citado por Zeizing.

O número phi foi achado na música, poesia, pintura, lógica e até nos versos maiores e menores da Eneida do poeta romano Virgílio, contemporâneo de Otavio, imperador romano, que mais tarde se deu o título de Augusto e aumentou mais um dia n o mês de agosto, visto que julho (devido a Júlio César) tinha 31 dias, tirando-o de fevereiro.

TABELA 1- SERIE DE FIBONACCI E RAZÃO

Serie de Fibonacci	Razão = número/ número anterior
1	
1	
2	
3	
5	
8	
13	
21	
34	
55	
89	1,61818181818182
144	1,61797752808989
233	1,61805555555556
377	1,61802575107296
610	1,61803713527851
987	1,61803278688525
1597	1,61803444782168
2584	1,61803381340013
NÚMERO PHI=	1,61803 39887...

Existe uma ligação de número phi com a série de Fibonacci.

Fibonacci (1170 a 1240) era o pseudônimo de um italiano nascido em Pisa cujo nome era Leonardo Pisano.

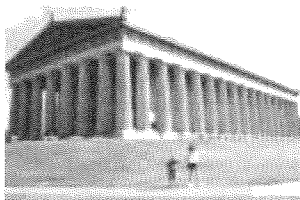
Fibonacci para tentar resolver um problema de coelhos criou a chamada série de Fibonacci, que é a seguinte:

1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55,.. onde cada termo é a soma dos dois anteriores, ou seja, $kn = kn-1 + kn-2$.

Conforme Tabela 1 podemos verificar que a razão é 1,618 a partir do 10º termo da série.



Quadro de Leonardo da Vinci- Gioconda



Parthenon



Fibonacci

ACADÊMICO SILVIO RIBEIRO

PERSISTÊNCIA E SABEDORIA

Por mais que possa uma pessoa saber sobre tudo e todos os assuntos no transcorrer de sua vida, nunca deve essa pessoa julgar-se completa de conhecimentos, pois a cada dia que passa, aprende mais e mais sobre tudo.

A grandeza ou até mesmo a nobreza que a faz julgar-se portadora do saber total das coisas, em dado momento lhe trará a percepção de que sempre haverá algo mais para aprender e somar em sua sabedoria.

Adotando esses princípios de vida, o grande fundador Padre Manuel de Paiva, jesuíta da Companhia de Jesus que vivia no Brasil, conseguiu vencer barreiras naturais e ocasionais, desenvolvendo com sua eficaz artimanha a ocupação da terra e a implantação do marco inicial do que é hoje a grande metrópole chamada Guarulhos, grande destaque da nação brasileira, atualmente com quatrocentos e quarenta e seis anos de fundação e mais de um milhão e duzentos mil habitantes.

Tendo partido dos Campos de Piratininga para dar cumprimento às ordens recebidas do então superior primas da Ordem dos Jesuítas no Brasil, o Padre Manoel da Nóbrega e da qual pertencia, o Padre Manuel lançou-se no grande rio chamado pelos indígenas de Anhembi, o rio Tiete, no comando de uma expedição composta de índios já catequizados, outros jesuítas e portugueses, destino rio acima, direção nordeste do Colégio de São Paulo já fundado em 25 de janeiro de 1554.

A idéia inicial era a de se descobrir novos locais seguros que pudessem amparar os fundadores, dos programados ataques planejados dos índios tamoios que intencionavam atacar o Colégio de São Paulo e centro administrativo da catequese na província, claro a de também descobrir novos aldeamentos indígenas e implantar entre eles a catequese.

Não foi uma viagem fácil, pois o rio era muito caudaloso e a navegação contra a forte correnteza, além do total desconhecimento do percurso que se pretendia percorrer o qual levou muitos meses para ser percorrido, e ainda da espessa vegetação florestal que cobria as margens do grande rio, próprias para possíveis emboscadas, além de serem infestadas de muitos animais selvagens e perigosos.

Com a colaboração dos indígenas da comitiva e aproveitando seus conhecimentos da mata e de navegação lacustre da qual eram hábeis conhecedores, pois esse tipo de caminho natural era o único existente para se deslocarem de um local a outro, o padre Manuel foi se transformando num grande chefe a que todos obedeciam fielmente, devido sua astúcia e destemor. Apesar de ter a missão da catequese, não admitia maus tratos aos indígenas sob sua orientação, inclusive os defendia das crueldades que estavam à mercê por parte dos colonizadores. Era praticamente um defensor dos índios, em decorrência era por estes muito admirado e querido.

Por estarem já a muitos tempo distante do centro administrativo de onde partiram, as provisões já se encontravam escassas, contudo sob a fidelidade e benevolência dos indígenas, a caravana e o próprio padre Manuel, foram aprendendo a se alimentar com os gêneros conhecidos e coletados pelos índios na natureza, como peixes, raízes, frutos, aves, sementes e pequenos animais silvestres, daí, o aprendizado humilde do bom padre com os silvícolas e a troca do saber de ambas as partes.

Tendo viajado longo tempo, o ânimo da comitiva foi recompensado ao avistar num determinado local da margem direita do rio, nas proximidades de um altiplano que havia nas imediações, alguns índios de estatura baixa, corpulentos e barrigudos, que se escondiam sobre os arbustos, todos assustados com aquelas pessoas de modos e vestimentas diferentes que se aproximavam do seu convívio.

Diante daquele quadro emocional, o padre Manuel ordenou que lentamente se aproximasse as embarcações da margem para que se pudesse manter contato com aqueles gentios. Claro não foi fácil se manter inicialmente o contato desejado, porém, com a sua perseverança, astúcia e coragem, conseguiu nos dias subsequentes manter os primeiros contatos, de tal sorte, que em pouco tempo já estavam familiarizados com o grupo.

Eram índios pertencentes à tribo dos Guarus, que tinham essa alcunha devido sua estatura que lembrava pequenos peixes de água doce, de porte reduzido, barrigudos e comilões chamados Guarus e que eram abundantes na região.

Em pouco tempo de contato, com a pesquisa do local e colaboração desses índios, construiu o padre Manoel como já era costume nessas empreitadas, uma toska ermida de madeira e sapé colhido na redondeza, a qual passaria a servir de abrigo para todos, contra as intempéries e principalmente do frio constante da região,

além de ser utilizada também como hospital para os enfermos e de local para início da catequese.

Estava assim, implantada aquela que seria a célula-mater da poderosa cidade de Guarulhos, cujo nome originou-se da tribo indígena dos Guarus.

Já plenamente estabelecidos, no dia 8 de dezembro do ano de 1560, consagrado à Nossa Senhora da Conceição, foi rezada pelo padre Manuel de Paiva, a primeira missa guarulhense, ficando esse dia designado e consagrado como o da fundação do Núcleo de Nossa Senhora da Conceição dos Guarus.

As construções se multiplicaram dando origem ao povoado, depois vila e finalmente cidade, que hoje recebe o nome após metamorfose, de Guarulhos, conhecida mundialmente em decorrência de seu importante Aeroporto Internacional, o de Cumbica, orgulho de São Paulo e do Brasil.

O ESPELHO

Vivia o homem primitivo a perambular pelo mundo afora sem destino definido. Inicialmente nômade, suas atividades estavam restritas aos atos de coleta de alimentos, da caça e de outros afazeres e que a natureza lhe oferecia. Sem dom de criatividade pois seus conhecimentos e desenvoltura do intelecto eram limitados, rudimentar e suas necessidades estavam restritas às condições de sua sobrevivência.

Com o decorrer dos tempos, aprendeu a fixar-se no espaço e a criar suas melhores condições de vida, ocupando de certa forma, melhor os espaços de que dispunha e estes eram imensos a mercê de toda sua liberdade.

Uma das primeiras importantes descobertas para sua satisfação, foi a do espelho natural, cujo acontecimento se deu por acaso.

A história de sua relação com o espelho nasceu bem nos primórdios de sua vida, quando ainda portava-se rudemente na natureza, em determinado momento, cansado por suas andanças e lutas para se manter como espécime diferenciada dos demais animais que habitavam ao seu redor, parou próximo a margem de um lago de águas escuras e serenas, formado sobre espessa camada de pedras lisas que a natureza criou e ali prantara naturalmente. Inesperadamente olhou para as águas do lago deparando com o reflexo de sua imagem, o que de certa forma causou-lhe algum espanto, pois, jamais tinha percebido seu aspecto rude, cabelos longos e embaraçados, seus olhos, seus braços e pernas, seu corpo desnudado. Tal fato lhe custou horas e horas seguidas frente ao lago espantado com sua imagem refletida nas águas, de tal sorte que sua curiosidade a partir daquele instante foi espalhada aos demais indivíduos de seu grupo causando impacto geral a todos.

A partir de então, nunca mais deixou de se olhar nas águas espalhadas por toda parte ao seu redor passando a enamorar-se de si próprio, daí provavelmente ter nascido a figura do narcisismo.

O tempo passou, a tecnologia criada por ele próprio com o aprimoramento de seu saber, transportou aquele quadro natural para uma realidade concreta, surgindo o que hoje convencionamos chamar de espelho, objeto que serve para refletir as imagens das pessoas e das coisas.

Com o surgimento do espelho, a relação deste com o homem nunca mais deixou de existir, de tal forma, que transformou-se num verdadeiro casamento insolúvel e eterno.

Nos tempos atuais, não pode viver o homem sem o famigerado espelho, pois este é o que lhe locupleta o ego, lhe faz corrigir os gestos, as vestes, os modos de se portar, o penteado, enfim lhe proporciona o seu próprio bem estar visual e lhe faz preservar a auto estima.

Além de lhe nortear a vida, esse objeto tem suas outras mil serventias, principalmente nas experiências espaciais, nas quais tem se prestado para significantes experiências tecnológicas.

A relação do homem com o espelho no cotidiano ocorre em casa, no serviço, no clube, na academia, na rua, através dos pseudos espelhos das vidraças dos prédios, lojas, vidros expostos e constantemente nos espelhos retrovisores de seu carro. Olhar-se ao espelho é praticamente um vício de cada um.

Dessa forma, o dia-a-dia do homem nos tempos modernos sem o concurso do espelho, seria um verdadeiro caos.

ESTRELA DA SORTE

Assim como ocorre em outras partes do mundo, as pessoas vivem divididas em classes sociais conforme suas condições de vida, preparo cultural, econômico, moral, de tal sorte que uns vivem na luxúria usufruindo de tudo que desejam para satisfazer suas vontades, outros se contentando com o necessário para a sobrevivência e uma grande parte restante vivendo na mais profunda pobreza, não tendo sequer alguns o que comer diariamente.

Um desses exemplos tristes de vida humana é a do Thiago, cidadão humilde, sem recursos de qualquer natureza, emprego, instrução escolar totalmente deficiente, parentes que lhe desse uma ajuda, qualquer que fosse e que vivia seus dias das coisas que encontrava pelo caminho ou de algum alimento que alguém por caridade lhe fornecia no dia-a-dia.

Por não ter residência fixa, um dia dormia num canto, outro dia em outro, pelos becos, bancos, porta de igrejas, etc.

Como vivia numa cidade litorânea, às vezes dormia pelas

praias, principalmente quando fosse uma noite de clima quente e que não requeresse uso de cobertas e tapumes para lhe proteger do frio. Seus bens se resumiam num velho saco de pano que carregava consigo por toda parte, onde guardava uma pequena caneca de plástico, duas camisas e uma calça todas usadas, que havia ganhado de alguém e um surrado cobertor desses bem simples, que lhe cobria o corpo nas noites de frio.

Numa dessas noites quentes, de céu límpido e estrelado estava ele no canto de uma escura e deserta praia, já tarde da noite, sentado em uma grande pedra que havia na praia, com os cotovelos escorados nos joelhos e as mãos espalmadas em ambas as faces, apreciando a imensidão do mar com suas ondas a esborralhar-se pela praia afora, pensativo e lamentando a vida que levava neste mundo, indagando a Deus porque tudo tinha que ser assim para ele.

Era uma bela noite de lua cheia e esta com seus raios brilhantes iluminava o horizonte pintado nas águas do oceano com sua cor prateada belos efeitos sobre as ondas que se formavam seguidamente uma após outra.

Nesta postura e momento de lamentação, seus olhos avistaram na areia da praia, que toda a vez que a uma onde se quebrava e retornava para o mar, aparecia um objeto muito brilhante de forma circular, de mais ou menos uns dez centímetros de diâmetro que resplandecia aos seus olhos, devido à intensidade do brilho. Tal brilho lhe despertou a curiosidade. O que seria aquele objeto, talvez uma estrela do mar, mas uma estrela do mar não produziria tal brilho, não seria também um peixe, pois era de forma acentuadamente cilíndrica, talvez uma lata, ou um caco de vidro.

Por muito tempo ficou ali a visualizar tal objeto e o brilho parecia cada vez mais lhe ofuscar os olhos, até que inconformado e curioso e também um tanto cauteloso, pois tinha muito medo de que fosse algum animal aquático que lhe pudesse picar alguma

parte do corpo, mesmo porque muito pouco adentrava as águas do mar, pois receava em muito ser vítima de algum animal marinho, principalmente tubarões ferozes dos quais sempre ouvia comentários que lhes causavam espanto.

Porém, sua curiosidade lhe venceu o ímpeto, levantando-se e caminhando cautelosamente em direção ao objeto e quanto mais se aproximava do mesmo seu brilho mais se acentuava, até se aproximar totalmente e verificar que se tratava de uma estrela idêntica a uma estrela do mar, porém muito brilhante, cujo brilho lhe ofuscava as vistas. O que pode ser isto pensou, será um ser vivo do qual desconhecia e pouco a pouco foi aproximando a ponta do pé direito na coisa, chegando a tocar-lhe com o dedão e esta nem se mexeu. Repetiu o gesto por várias vezes e notou que tal objeto ou coisa não lhe causaria mal algum. Então se abaixando tomou-a em suas mãos e pode constatar tratar-se de um tipo de estrela de formação calcárea, toda incrustada de pedras transparentes que brilhavam intensamente. Era realmente uma peça rara e de uma beleza inigualável da qual nunca em sua vida ouvira falar ou saber de sua existência.

Com aquela peça em mãos, saiu a perambular pela praia escura apenas sob o clarão da lua intensa, pensando agoniado o que fazer com aquele achado, mostrar para alguma pessoa, e se fosse uma peça de grande valor, alguém poderia ludibriá-lo e tomar-lhe a estrela, o que fazer.

Com todos aqueles pensamentos e indagações acabou passando a noite toda acordado, já clareava o dia e ele ainda pensava em quem confiar sua descoberta.

Cansado por ter passado a noite toda às claras, sentou-se numa mureta que circundava a praia, com os pés descalços a escavar a areia e o olhar esparramado no horizonte onde as águas do mar tocavam as nuvens, quando repentinamente um senhor de cabelos esbranquiçados, cuja idade ultrapassava os cinquenta anos,

sentou ao seu lado, cumprimentando-lhe e desejando bom dia, respondendo a delicadeza do homem voltou-se para este e pôs-se a observá-lo cuidadosamente e a sua conversa para certificar-se não se tratar de um pilantra qualquer que sobre si quisesse tirar alguma vantagem de sua humildade e bondade.

Thiago era realmente a despeito de sua posição social um ser desprovido de maldade respeitava a todos com muito carinho e após conversarem por bom tempo e sentir a lealdade daquele senhor, Thiago resolveu indagar o estranho, dizendo-lhe:

– Como é mesmo seu nome senhor ?, tendo esse lhe respondido:

– Meu nome é Gabriel.

– Eu gostaria de perguntar uma coisa para o senhor - se uma pessoa chegasse para o senhor e lhe apresentasse um objeto de valor e lhe perguntasse se o senhor já havia visto tal objeto e se o mesmo tinha algum valor o que o senhor faria, como agiria com essa pessoa?

Sem querer saber o motivo de tal pergunta, imediatamente lhe respondeu:

– Senhor Thiago, uma coisa todo homem tem que cultivar consigo, nunca desejar mal ao próximo e se não puder ajudar, que não atrapalhe, nem prejudique seu semelhante, a maldade somente ocasiona desgraça para os homens e entre estes.

Sentido um certo grau de sinceridade naquele cidadão e confiante de que aquele bom homem pudesse ajudar-lhe a solucionar sua dificuldade, apresentou ao senhor Gabriel a estrela que encontrara na noite passada na praia, passando a explicar-lhe o acontecido e perguntando-lhe:

– Senhor Gabriel o senhor conhece ou já viu alguma vez um objeto igual a esse?

– Hó senhor Thiago é uma linda peça e eu nunca vi alguma coisa igual, para mim parece tratar-se de uma jóia rara de aspecto

inigualável e que deve valer muito dinheiro, precisa ser avaliada por uma pessoa entendida nessa área, um joalheiro, eu acredito até que essas pedras transparentes e de muito brilho, parece tratar-se de brilhantes de alto quilate.

– Mas como vou fazer se não conheço nenhuma pessoa com esse gabarito?

– Se o senhor quiser confiar, poderemos ir juntos a um joalheiro muito honesto, meu conhecido, no qual eu confio, com certeza ele ira lhe ajudar e o senhor terá uma boa resposta para solução de suas duvidas.

O sol já estava alto com seus raios escaldantes e lá se foram os dois consultar o tal joalheiro, senhor Ananias.

Chegando a joalheiria, o senhor Gabriel foi logo apresentando o Thiago ao senhor Ananias, e mostrando-lhe a estrela pediu para que avaliasse aquela peça e lhe dissesse o quanto poderia ser seu valor.

Tomando a peça em suas mãos, o senhor Ananias enrubesceu as faces e espantado disse:

– Isto é uma jóia de muito valor, a primeira vista estas pedras são brilhantes puros, e examinando mais a fundo a estrela, realmente se convenceu tratar-se de uma jóia de grande valor, cuja estimativa ultrapassaria quinhentos mil reais.

– E como eu poderia vender essa jóia senhora Ananias, o senhor faria isso para mim?

– É claro que eu venderia para o senhor, apenas descontaria uma pequena importância relativa ao meu trabalho e o restante passaria para o senhor tão logo a vendesse. Não é muito fácil tal empreitada, pois depende de aparecer uma pessoa de posses que possa desembolsar tal quantia, mas por ser uma jóia muito rara e bonita tenho certeza que não demorará muito tempo para ser vendida. Somente uma pergunta – essa jóia é mesmo do senhor não é?

Respondendo o Thiago:

– Sim senhor Ananias certamente é de minha propriedade, mas não lhe revelando os detalhes de seu achado.

– Então fique com a estrela sob vossa responsabilidade e veja se consegue vende-la para mim.

– Muito bem então eu vou lhe fazer um pequeno recibo desse recebimento da estrela e procurarei comercializa-la o mais possível, pois entendo que o senhor realmente necessita desse dinheiro da venda não é mesmo?

E lá se foi para sua rotina o humilde Thiago.

Tal era a sorte que parecia rondar o caminho de Thiago, que não tardou um dia de espera para que o senhor Ananias saísse a sua procura, pois no mesmo dia que deixara a estrela para que a mesma pudesse supostamente ser comercializada, esta fora vendida a um grande colecionador de jóias que na loja do senhor Ananias havia passado.

Com toda sua habilidade de bom comerciante, o senhor Ananias deveras, alcançou a cifra de oitocentos mil reais, tamanha era a beleza e pureza dos diamantes que havia na jóia.

Após perguntar para um e para outro, das pessoas que pareciam conhecer o Thiago, sobre seu paradeiro, conseguiu localizá-lo sentado na mesma mureta da praia, exatamente no local onde encontrara a estrela.

– Senhor Thiago, o senhor esta mesmo com sorte, acabei de vender sua estrela para uma pessoa que se interessou muito por ela, a qual acabou me pagando a importância que lhe pedi, ou seja, bem acima do que lhe falei, alcancei oitocentos mil reais e tal importância está aqui comigo e quero lhe passar neste momento.

Foi um espanto para o Thiago, pois nunca em sua vida vira tanto dinheiro, de tal sorte que não sabia se chorava, abraçava o senhor Ananias, ou se corresse a procura do senhor Gabriel seu

fiel amigo, e atônito, começou a derramar lágrimas de emoção, ajoelhando-se ao chão agradecendo em prantos a Deus aquele feliz momento.

– Senhor Ananias, quero que retire desse total sua porcentagem pela venda, o que o senhor retirar para mim estará muito bom.

– Está bem senhor Thiago, para satisfazer meu trabalho vou retirar apenas o correspondente a dois por cento do total da venda e o senhor ficará então com setecentos e oitenta e quatro mil reais, está bom assim ?.

– Claro que está senhor Ananias, o senhor foi para mim um santo me ajudando dessa maneira, não sei como lhe agradecer tal empreitada.

– Não precisa me agradecer, peço apenas que o senhor tome muito cuidado com todo esse dinheiro e que seja muito feliz com o seu aproveitamento, pois vejo que na realidade o senhor necessita e muito de acertar sua vida, eu estarei sempre a sua disposição e abraçando o Thiago despediu-se do mesmo e partiu para sua loja.

– Hó meu Deus! Que farei com todo esse dinheiro, me ilumine o pensamento para começar a gasta-lo da melhor forma possível, bem como guarda-lo em um lugar seguro, e estava lá muito pensativo, quando sem que percebesse lhe aparece à frente novamente o bom senhor Gabriel.

– O que está ai pensativo caro Thiago.

– Senhor Gabriel, meu amigo, o senhor acredita que o senhor Ananias conseguiu vender minha estrela e já me entregou o dinheiro, está todo aqui e eu não sei como vou administra-lo agora.

– Tenha calma Thiago, se você quiser eu poderei ajudando-lhe algumas idéias que na certa vão lhe ser muito útil na solução dessa sua dificuldade.

– Antes de tudo senhor Gabriel, quero lhe recompensar com

parte deste dinheiro, pois se não fosse o senhor não sei o que poderia ter acontecido com a minha estrela.

– Thiago você não me deve nada o que eu fiz por ti foi por pura amizade e carinho e se vou continuar a te ajudar será pelo mesmo motivo, nada quero de você, somente que tenhas muitas felicidades daqui para frente.

– Então como faremos ?

– Primeiramente vamos até a um bom banco para depositar com segurança todo esse dinheiro e abriremos uma conta em seu nome. Por ser uma quantia grande, dará para acertar totalmente sua vida daqui para frente e ainda para que possas levar uma vida mais descente e feliz em todos os aspectos. Depois vamos ver outras coisas necessárias, tudo por etapas.

Tendo aberto uma conta num banco muito conhecido, Gabriel sugeriu ao Thiago a compra de uma casa nas proximidades do local em que vivia a perambular ou talvez em outra localidade, porém que fosse cômoda e que pudesse doravante fixar sua moradia, o que se concretizou em pouco tempo de negociação, e da qual tomou posse rapidamente. Faltavam os móveis e utensílios os quais poderia adquirir e dispor tranqüilamente, tudo também foi providenciado e Thiago se instalara confortavelmente na nova casa.

E assim foram se seguindo os dias e em todos os instantes dessa nova vida lá estava sempre o bom Gabriel a lhe orientar e ajudar no acerto das coisas e de toda sua vida particular.

Os meses passavam e a cada dia o Thiago se transformava em outro homem, já não mais se lembrava dos dias angustiantes vividos antes de seu encontro com a bela estrela. Era realmente uma nova vida.

Um fator muito importante acompanhava o Thiago, era sua grande simplicidade e amor à vida e às pessoas, de tal sorte que um de seus principais pensamentos era o de poder ajudar outras

peessoas que como ele, não tiveram a mesma sorte e viviam a mercê do destino sofrendo pela natureza afora.

Decorridos alguns anos de seu grande achado, seu progresso de vida era tamanho, sempre com a grande ajuda do bom Gabriel, inclusive dedicando-se ferrenhamente aos estudos, chegando a concluir até o nível médio de ensino e já se preparava para ingressar numa Universidade.

Vivendo num bom equilíbrio de vida, sentiu a necessidade de constituir uma família, mulher e filhos.

Apesar de ter sofrido muito na vida, Thiago tinha bons traços fisiológicos e como já andava a essas alturas sempre bem vestido e apresentável, não foi muito difícil conseguir se encantar por uma bela moça, a Maria de Lourdes, que lhe devotando carinho e simpatia em pouco tempo se casaram e foram viver juntos na casa que havia conseguido comprar com a ajuda do amigo Gabriel.

Suas economias, ao invés de diminuírem, cada vez mais eram acrescidas de juros nas aplicações que aprendera a fazer.

Por ter tido uma vida humilde e simples, Thiago nada sabia fazer em termos de produtividade, mas havia a necessidade de fazer algo, um trabalho, e por dispor de condições econômicas, o Gabriel lhe sugeriu a abertura de um estabelecimento comercial, o que se concretizou com a instalação de uma bem montada padaria que passou a atender toda vizinhança e em pouco tempo quase já nem dava conta do trabalho, a tal ponto que ele e a mulher administravam o estabelecimento e alguns funcionários tocavam todo o serviço no bom atendimento que era executado na padaria.

Seguindo sua linha de caridade e em virtude da sua boa produção, passou a separar uma parte desta, doando-a diariamente para uma instituição de amparo a idosos, doação essa que era também por ele acrescida de igual quantidade de leite para que pudesse os velhinhos ali internados, terem sempre o seu cafezinho da ma-

nha. Era para ele motivo de grande orgulho e felicidade ao visitar de vez em quando a Instituição, ver aqueles idosos contentes se alimentando dos pães e leite que para ali mandava todos os dias.

Contava dois anos de seu casamento com Maria de Lourdes e esta já esperava o nascimento do primeiro filho, que viria realmente coroar toda sua felicidade, o que se concretizou com a chegada do belo e robusto Messias, nome esse dado ao menor devido sua grande crença em Deus.

Para culminar a história dessa boa parte de sua vida, impôs ao senhor Gabriel a obrigatoriedade de ser o padrinho de seu primeiro filho, como eterna gratidão por tudo que este fizera para ele, sem querer a qualquer tempo, alguma retribuição por sua ajuda, dessa forma estariam amarrados para sempre com laços de grande fraternidade.

E assim, todos viveram felizes por muitos e muitos anos.

UMA PALAVRA CHAMADA AMOR

Nosso imenso planeta ou mundo como alguns costumam chamar, é composto de no mínimo cinco grandes continentes, nos quais aproximadamente duzentas nações ou países estão distribuídos com suas centenas de idiomas e dialetos e suas formações gramaticais, conceitos e normas.

Contudo, em qualquer um deles, apenas quatro caracteres, sinais ou letras são necessárias para formar uma singela palavra que dá sentido a uma figura abstrata mais importante desse mundo, o amor.

Simbolizando o sentido de dedicação absoluta de um ser a outro ou a uma coisa.

O amor é fogo que arde sem ser visto.

O sentimento do amor pode ocorrer até nas pessoas consideradas mais rudes, pois a despeito de sua rudez, com certeza em algum cantinho do seu "eu", em determinado momento de sua existência este é cutucado seu ego de tal sorte, trazendo à tona sua sensibilidade.

Falar de amor é uma obrigação de todo ser humano vivo, basta apenas que este lembre que a principal figura humana Jesus Cristo, após estar entre nós, doou sua vida para a morte, simplesmente para nos salvar dos pecados cometidos pelo homem para com Deus, nosso criador, e tudo isso sem nada receber em troca, apenas pedindo que todos os homens se amem e se respeitem entre si e que acreditem nas palavras divinas.

E não é difícil amar ao próximo basta apenas seguir a afirmação deixada por Cristo: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei e para tal somente tentar limpar da mente qualquer tipo de maldade e respeitar seu semelhante como uma projeção de sua identidade.

O exemplo maior nos é dado pelos animais considerados irracionais, que apesar desse rótulo, em seu meio são vistos muitas vezes mais racional que o próprio homem, com demonstrações de amor uns pelos outros, principalmente no âmbito dos de iguais espécies e também destes para com o próprio homem.

O amor, substantivo abstrato, porém presente por demonstrações de carinho e solidariedade entre as pessoas e mesmo entre pessoas e coisas inanimadas que para si representam satisfação e lembranças de lugares ou de pessoas amadas que passaram por suas vidas.

Quando se fala de amor, o primeiro entendimento é aquele devotado à pessoa amada, do amor conquistado, amor de namoro, do casamento, claro se partimos desse princípio concluiremos

que na realidade tudo começa com esse tipo de amor, onde forma-se a família, onde surgem os filhos, as noras e genros, cunhados, tios, e avós, formando-se um ciclo vicioso de vida entre parentes, em cujo meio deve reinar o carinho e o respeito, tudo traduzido por essa palavra mágica, o amor.

O importante de todo esse complexo é a paz que deva reinar nesse meio e isso é facilmente conseguido quando se deixa fluir o sentimento amor entre todos.

Ao considerar-se a família como sendo a célula-mater da sociedade, conclui-se que os procedimentos do amor deva estar entre todas as pessoas da sociedade, qualquer que seja sua colocação social.

O amor não necessita ser ensinado, ele praticamente é nato nas pessoas, nasce com estas, basta apenas que estas utilizem a razão e o bom senso para praticá-lo.

ACADÊMICO VALDIR CARLETO

RESENHA DE UM JUBILEU DE PRATA

Neste 2006, quando comemoramos os 25 anos de circulação ininterrupta do Jornal Olho Vivo, que fundei junto com minha então esposa, Elisabetta Gallo, em 1981, o ritmo de trabalho tem estado ainda mais intenso do que o usual, que já é quase desumano.

Diante da premência do tempo, resolvi, então, à guisa de rememorar esses 25 anos, “pescar” alguns artigos publicados no jornal ao longo desses anos, cujo conteúdo permanece atual tantos anos depois ou que, por razões pessoais têm especial significado para mim, imortalizando-os nesta Revista da Academia Guarulhense de Letras 2006.

Antes desses artigos, porém, incluo uma crônica, que escrevi para o programa “CBN São Paulo”, apresentado por Milton Jung na conceituada “rádio que toca notícia”. Por ocasião do aniversário de São Paulo, em janeiro deste ano, Jung abriu um espaço para os ouvintes, chamado “Conte sua história da cidade de São Paulo”.

Particpei contando a proeza do amigo Francisco Plaza, por meio da qual ingressei no maravilhoso mundo da comunicação. No fim de maio, fui surpreendido com a informação de que a CBN está editando um livro sobre os 15 anos da emissora e publicará meu texto. Por uma feliz coincidência, o Chico Plaza foi tema de uma reportagem do “Fantástico” sobre “caçadores de notícias”. Uma dupla homenagem a esse amigo, a quem a deficiência visual não impediu de enxergar à frente dos homens de seu tempo.

Como não só de notícias boas a gente vive, perdemos neste ano o confrade Milton Luiz Ziller, que eu conhecia há tantos anos, nas com quem só tive a oportunidade de conviver um pouco mais nas reuniões da AGL. Admirava sua sinceridade e a capacidade de defender com unhas e dentes suas posições, por mais que fosse uma voz dissonante em determinadas questões.

Sua passagem me faz lembrar versos de Chico Buarque: “E eu que não creio, peço a Deus por minha gente. É gente humilde, que vontade de chorar”.

UM HOMEM QUE ENXERGA LONGE

Nascido no bairro do Cambuci, cidade de São Paulo, e filho de família católica, eu vivia no bairro do Sapopemba, Zona Leste, quando chegou a idade de fazer a Primeira Comunhão.

Minha mãe soube que havia um rapaz cego, o Francisco Plaza, que ensinava o Catecismo para as crianças. Fiz o cursinho, e dali nasceu uma sólida amizade.

Algum tempo depois, o Plaza nos procurou para vender uma rifa, para arrecadar dinheiro para comprar uma aparelhagem de som, pois queria montar um “Serviço de Alto-Falantes”.

Assim que conseguiu seu intento, fui ver de perto o que era isso. Sem saber, o Chico Plaza estava criando uma rádio comunitária, só que era transmitida de forma direta, para quem pudesse ouvir. Aliás, quem não queria também ouvia.

Fiquei maravilhado com aquelas luzinhas do amplificador e com a maestria com que o amigo lidava com os aparelhos sem vélos. Passei a ajudá-lo a catalogar os discos e a identificá-los com etiquetas em Braille.

Eram promovidas gincanas, shows e eventos de reivindicações da comunidade e era preciso informar às pessoas que residiam em locais onde o som não chegava. Surgiu daí a idéia de fazermos juntos um jornalzinho numa folha de sulfite mimeografada.

Foi o início de minha carreira de jornalista. Por onde passei, em toda minha vida, fundei um jornal; na escola, nos lugares onde trabalhei e morei; até lançar o Olho Vivo, em Guarulhos, em 1981, jornal que acaba de completar 25 anos de circulação ininterrupta.

O Plaza fez faculdade de Pedagogia e de Comunicação, transformou-se em radialista e, aprovado em concurso público, ingressou na Polícia Civil, onde atua na área de telecomunicação, tendo já sido considerado “Policial do Ano” algumas vezes, pelas operações de salvamento cujo bom resultado dependeu de sua perícia nos equipamentos que opera e da sua perspicácia.

Várias reportagens já foram feitas por suas peripécias.

Não podíamos imaginar, no início da década de 60, que estávamos ajudando a escrever a história da nossa amada cidade de São Paulo. E eu não sabia que o Plaza enxergava tão longe.

REVIVENDO O NÚMERO 1

Este foi o artigo de “Apresentação” publicado pelo jornal Olho Vivo em seu número 1, em 31 de janeiro de 1981. Pode-se ver que tratava especificamente do Parque Cecap, conjunto residencial onde o jornal nasceu. Fala da experiência anterior, com o jornal “Comunicação”, que pertencia ao Conselho Comunitário local, e que preferi deixar de fazer, para não me submeter às injunções políticas da diretoria daquele momento.

Passados 25 anos, esse texto pode parecer sem sentido, mas resolvi incluí-lo nesta resenha, por sugestão do Augusto Pinheiro, porque há nele frases emblemáticas, que contêm a essência que permeou a trajetória do Olho Vivo em todo esse tempo e que é, sem dúvida, a razão principal de sua sobrevivência e crescimento: a interatividade com o leitor e com a comunidade.

APRESENTAÇÃO

“Olho Vivo” está em suas mãos, e vamos trabalhar para que ele esteja presente em todos os lares do Parque Cecap, todos os meses.

Olho Vivo não se propõe a fazer uma revolução no jornalismo guarulhense, mas vai inaugurar um jeito diferente de fazer jornal. A mesma equipe que produziu “Comunicação” por treze edições empenha-se nesta nova jornada, agora independente do Conselho Comunitário.

Você, que já conhecia o Comunicação, terá agora um jornal ainda mais próximo do leitor. Edição por edição, estaremos ouvindo o que os moradores têm a dizer, nos Condomínios, no Centro Comercial, na feira. Acostume-se a ser indagado a qualquer hora:

você vai ser convidado a fazer o jornal conosco, com sua opinião, reclamações, suas sugestões, sua poesia, sua arte, seu humor.

Agora você vai ter vez! Você vai ter voz!

Porque o Olho Vivo estará lutando com você contra as filas, os preços altos, os buracos das ruas, o abuso do comerciante, o descaso da autoridade.

Ler o Olho Vivo será mais do que ler qualquer outro jornal, porque os assuntos aqui publicados serão de seu particular interesse. Queremos fazer com que o Parque Cecap seja um conjunto residencial modelo, em todos os aspectos.

Isso só se vai conseguir com a conscientização e participação de todos os moradores. Como participar?

O primeiro passo é estar bem informado. E isso é com o Olho Vivo! Todos os meses você irá receber o seu jornal gratuitamente, em seu apartamento. Se você não estiver em casa, nossa Equipe de Distribuição irá deixar seu exemplar preso à sua porta. Não encontrando o seu jornal, retire-o gratuitamente nas bancas de jornais, no Bazar do Parque ou na Casa de Carnes Parque Cecap.

O espaço para o leitor estará reservado em cada edição. Escreva o que quiser, colocando sua carta na urna existente no Bazar do Parque.

Use e abuse. Olho Vivo é todo seu.

ONDE ESTÃO OS LÍDERES?

Ouve-se muito falar em lideranças. Líderes comunitários, líderes de turma nas fábricas, líderes de conjuntos musicais, etc.

Tenho a impressão de que está havendo uma certa confusão entre pessoas que ocupam cargos e líderes, ou seja, entre chefe e líder.

Ouço falar de muitos líderes, mas lembro-me de conhecer bem poucos que merecem ser assim chamados. Reúnem-se alguns moradores de um determinado bairro para criar uma sociedade representativa. Às vezes, são tão poucos os abnegados que se prontificam a trabalhar, que quem é eleito para um ou outro cargo na diretoria está longe de ser um líder: é apenas alguém que aceitou desempenhar uma função. Não critico esse processo, pois é assim mesmo que se descobrem os verdadeiros líderes, mas é que acaba havendo uma generalização que deturpa o termo.

O verdadeiro líder, desses de que o País tanto precisa, nem tem de ocupar cargo para exercer liderança. O líder não precisa impor sua vontade, ele convence. Não anda cercado de puxa-sacos, pois tem seguidores, discípulos, prontos a participar do seu trabalho. Nem precisa falar alto, pois todos querem escutá-lo.

Líder é um artigo em falta no mercado, infelizmente. Em praticamente todas as esferas e classes sociais. E como eles são necessários na construção de um país, na construção de um mundo melhor...

Se encontrar algum por aí, ajude-o, siga-o. Cuidado para não crucificá-lo ou deixar que o crucifiquem. Pode demorar mais dois mil anos para aparecer outro.

(Publicado em 3 de junho de 1981)

O EXEMPLO E O TEMPO

No domingo, dia 23, faleceu meu avô materno, Francisco José Martins Álvares, aos 83 anos de idade.

A par do sentimento pela perda, seu falecimento levou-me a refletir sobre sua personalidade e a fazer uma análise dos concei-

tos e valores que ele sempre adotou. Apesar de aparentemente pessoal, o tema que me dedico a escrever neste momento – enquanto tantos assuntos de relevância estão a merecer um artigo – transcende a isso, porque considero que bons exemplos precisam ser divulgados, para que possam ser seguidos.

Ao falecer, vovô deixa a esposa, oito filhos, 18 netos e nove bisnetos. Nenhum deles terá que se preocupar com a divisão da herança: Francisco Martins não deixa um bem material sequer. Esse fator reflete bem a maneira como ele sempre encarou a vida, totalmente desapegado dessas questões com que tantos se preocupam.

Os valores com os quais ele sempre se ateve podem ser considerados por muitos como coisa superada. Afinal, nós vivemos a era da Informática, do progresso da Ciência, da conquista de novos espaços e não acompanhar essa evolução pode parecer piegas. Há, entretanto, que verificar se não será exatamente o abandono de certos valores que tem levado a humanidade a viver sempre à procura de algo que não encontra.

Filho de família humilde, Francisco Martins foi, durante algum tempo, servente de pedreiro em São Paulo. Mas foi à lavoura que dedicou praticamente toda sua vida. O campo sempre foi sua paixão e seu assunto predileto. Vivia a explicar aos filhos e netos como são os tipos de solo, quais as melhores épocas para plantar isso ou aquilo; da mesma forma, sempre procurava aprender mais sobre a terra.

Esse apego à terra, à natureza, é algo que está em falta nos dias de hoje, da mesma forma que o amor ao trabalho, considerado por ele como uma graça, tanto que sua maior dor, durante todo o tempo em que esteve doente foi não poder estar cuidando das plantações. É lógico que muito mais importante do que pregar comportamento é viver dignamente. O exemplo vale mais do que um milhão de sermões.

Outro valor que ele sempre prezou muito foi o da amizade, sendo estimado por todos que foram seus vizinhos, nas muitas cidades onde viveu. “Não se trai um amigo, por dinheiro nenhum. O que se conquista desonestamente não tem valor”, dizia.

Tenho impressão de que ele se vai, mas que seu exemplo permanece perfeitamente vivo, tanto para todos de sua família, como para a humanidade. A felicidade que a gente tanto procura seria mais facilmente encontrada se o que se almeja fossem as coisas simples, se a arma utilizada fosse a humildade, fosse o trabalho, fosse o amor.

As pessoas e as nações poderiam ser mais felizes, através do respeito mútuo, do respeito à terra e à natureza. Talvez o mundo seja melhor quando o homem perceber que o ser humano vale mais do que as riquezas que acumula.

Francisco José Martins Álvares pode descansar em paz, porque o exemplo não se perde no tempo.

(Publicado em 26 de junho de 1985 e, novamente, na edição nº 1.000, em 2 de dezembro de 1997).

DE PAI PARA FILHA, NO DIA DAS MÃES

Com o perdão de todas as mães – e até da minha – quero dedicar o artigo de hoje a minha filha Simone, que completa 18 anos no próximo dia 5 de junho, e que se tornou mãe da pequena Gabrielle neste 5 de maio.

Longe do proselitismo que a comemoração do Dia das Mães pode sugerir, acho que ela deve curtir esse seu primeiro Dia das

Mães com a convicção de que esse dom, embora possa vir a lhe trazer preocupações e a interrupção momentânea de muitos dos seus planos ainda adolescentes, tem tudo para lhe proporcionar todas as alegrias, dando-lhe a oportunidade de crescer como ser humano.

Todas as mães renunciam a muitas de suas aspirações pessoais e se entregam de corpo e alma à criação e educação dos filhos. Nós, os filhos, nem sempre temos a capacidade de perceber isso e dar a elas o valor devido. Quantas vezes somos ingratos, injustos e, portanto, indignos de tanta atenção e zelo... Quantos filhos negam à mãe o mínimo de cuidado quando ela deles necessita, esquecendo-se de que em toda a vida sempre tiveram dela mais do que precisavam e mais ainda do que mereciam.

Gostaria de cumprimentar todas as mães que, sem esperar nada em troca, dedicam suas vidas a procurar fazer dos filhos seres íntegros, idealistas e corajosos, colocando-se sempre ao lado deles, sendo antes de tudo amiga e companheira. Às que precisam dividir-se, trabalhando fora e ainda arcando com os afazeres do lar, que a vida profissional seja recompensadora e não as impeça de desfrutar do convívio com os filhos.

Um cumprimento especial a todas que gostariam de ser mães e não tiveram essa felicidade: que esse desejo lhes dê energia para encontrar formas alternativas de se dedicar a crianças e delas obter carinho e realização pessoal. A adoção é uma dessas formas, mas quem não conseguir superar os obstáculos e preconceitos que ainda envolvem sua prática, pode desenvolver trabalhos belíssimos em entidades que cuidam da infância desvalida, praticamente todas dependendo da boa vontade de voluntários.

Tomara que os filhos de todas as mães sejam sempre carinhosos e conscientes e que saibam retribuir a cada dia toda a

dedicação que recebem. A maior homenagem que uma mãe pode receber é ver seu exemplo frutificar, é ver os filhos felizes, sendo estimados e queridos por todos, é ter motivos para deles ter orgulho.

Simone: você sabe que eu preferiria que curtisse mais sua juventude, em vez de assumir tão cedo tanta responsabilidade, mas saiba também que estou muito orgulhoso, emocionado e feliz. Que você e o Alemão (Alexandre De Paulo) dêem à Gabrielle sempre a melhor direção e recebam dela muito amor e carinho.

(Publicado em 10 de maio de 1991)

UM DIA DE MUITA EMOÇÃO

No final da celebração das Bodas de Ouro de meus pais, domingo, o padre Frizzo passou-me uma “penitência”: escrever um artigo sobre o que representou aquele momento. Mal sabia ele que isto para mim não é penitência, mas um enorme prazer, para o qual peço a licença dos leitores, por se tratar de algo tão pessoal.

A cerimônia foi toda carregada de muita emoção; em quase todas as fotos em que apareço, os olhos estão encharcados. Não houve quem não chorasse, já pela raridade dessa comemoração nos tempos atuais, já pela forma carinhosa com que Frizzo, nosso amigo, conduziu a celebração, já pela simplicidade dos “noivos” e, principalmente, porque há pouco mais de seis meses víamos nosso pai definhando, vitimado pela depressão, e agora o vemos plenamente reabilitado.

Foi essa a razão pela qual fizemos questão de comemorar a

data: agradecer a Deus por tê-los conosco, bem de saúde; ele aos 74 anos, ela aos 70. Agradecer a Deus por sermos uma família sempre unida, em qualquer circunstância. Meus irmãos, ao falarem das qualidades de nossos pais, lembraram os exemplos que recebemos dos dois e que, em sua homenagem, procuramos passar a nossos filhos e, no meu caso, também aos netos.

Armando e Antonia são exemplos de amor, compreensão, fé, perseverança e união. Ensinam paz, honestidade, humildade, caridade e fraternidade. Não por acaso, eles têm tantos amigos no bairro onde moram e puderam contar com a presença de parentes de quatro gerações e de muitas cidades na festa de seus 50 anos de casamento.

Tenho muito orgulho de ser seu filho. Deus os abençoe e proteja.

(Publicado em junho de 2002)

CADA CACIQUE TEM O PC QUE MERECE

Collor tinha seu tesoureiro, o PC Farias, que não ocupava cargo no governo, mas mandava mais do que muita gente que tinha cargo. Deu no que deu: começou a mandar mais do que o presidente, meteu os pés pelas mãos, acabou preso e depois, morto.

Fernando Henrique tem seu “trator”, Sérgio Motta, o ministro das Comunicações. Na condição de ministro, até que ele bate a bola razoavelmente. Mas, não se contenta com isso: quer dar uma de articulador e de comentarista político; como não tem muito tato, vive comprando brigas e colocan-

do o presidente em enrosco. Teve seu nome envolvido em acusações de compra de votos para a reeleição. Pode acabar perdendo o cargo.

Lula não está no poder, mas tem também seu anjo da guarda. É o advogado Roberto Teixeira, normalmente citado como empresário, que ele não é. Seu irmão é advogado da empresa CPEM, apontada como favorecida por contratos sem licitação em administrações petistas. Roberto é dono da casa onde Lula mora há oito anos, de graça. Afirma que foi uma solução de momento, encontrada na campanha presidencial de 1989, pois a casa onde Lula morava era muito insegura. O tempo foi passando, ninguém fez contrato de locação. Lula só agora comprou um apartamento... E deu no que deu: até Lula provar que não foi beneficiado por alguma “sobra” dessas verbas das prefeituras petistas, vai comer o pão que o diabo amassou.

Moral da história: não se consegue fazer omelete sem quebrar os ovos. Campanhas eleitorais custam dinheiro; em geral, quem dá dinheiro nas campanhas são empresas que recebem do Poder Público e têm interesse em continuar recebendo. Fora disso, só se o PT dependesse exclusivamente da venda de camisetas e bottons, o que não é suficiente para ganhar eleição. Perdão se eu estiver errado. Tomara que eu esteja errado.

(Esse artigo foi publicado em 3 de junho de 1997.

Observe que ninguém foi poupado. Parecia que eu estava prevendo tudo que ainda viria a acontecer. Infelizmente, eu não estava errado e o Brasil mergulhou com tudo na lama do dinheiro desviado dos cofres públicos para alimentar a sede de poder dos políticos. A rapadura é dura, mas é doce, ninguém quer largar).

A CORRUPÇÃO SUSTENTA O IMPÉRIO DO TERROR

O Estado de São Paulo está vivendo em grande tensão, devido ao estado de guerra que se instalou com a ação covarde da organização criminosa “Primeiro Comando da Capital”. Policiais militares e civis, agentes penitenciários, no cumprimento de seus deveres, e também cidadãos comuns, tombaram mortos, sem chance de defesa.

Enquanto as autoridades estaduais e federais trocam acusações, enquanto os pré-candidatos a isso e àquilo aproveitam-se da oportunidade para seus discursos vazios e sem propostas, a sociedade civil precisa encontrar meios de se adaptar à dura realidade e conviver com o medo de tudo.

Ao governo estadual – o atual e os anteriores – deve ser atribuído o erro de subestimar a capacidade de articulação do crime organizado. O secretário da Segurança Pública, sempre arrogante, tem sido incapaz de promover a ação conjunta das polícias Militar e Civil e, principalmente, de implantar mecanismos inteligentes de apuração de crimes e de prevenção às ações criminosas. As investigações têm se guiado quase exclusivamente por escutas telefônicas, de forma que o cidadão honesto acaba tendo sua vida devassada indiretamente, no bojo dos grampos autorizados judicialmente para vigiar supostos marginais. Quanto ao caso específico desse triste fim de semana, se o Estado sabia que haveria reação à transferência de membros do PCC, deveria ter deixado todas as forças policiais de prontidão.

Porém, o cerne da questão, no âmbito estadual, está no ingresso de telefones celulares nas prisões. Os advogados dos presos não podem ser revistados, para não ferir suas prerrogativas, mas os presos podem e deveriam ser revistados após serem visitados por seus defensores e outros. Também não é possível que os avanços da tecnologia só

beneficiem os bandidos; deve haver meios de inibir o uso dos celulares nos presídios, sem prejudicar a sociedade. Neste momento grave, no entanto, ainda que a população seja prejudicada, é inevitável deixar mudos os celulares que estão nas mãos dos bandidos.

No âmbito federal, está a origem de tudo: o contrabando de armas, atribuição da Polícia Federal. Tudo isso seria evitado se houvesse eficácia na fiscalização das fronteiras, nos portos e aeroportos. Está mais do que visível que há total fracasso nessa tarefa.

Mas, enfim, se as autoridades policiais, de todos os níveis, conseguem ser tão eficientes em alguns dos papéis que desempenham, por que há tantas falhas em questões vitais? É evidente que a corrupção é a mãe de todos esses males. Corrompendo autoridades, as quadrilhas conseguem entrar com armamentos pesados no País. Corrompendo autoridades, o tráfico de armas e drogas corre solto. Corrompendo autoridades e funcionários, os bandidos comandam seus exércitos de dentro dos presídios, com mais liberdade do que se estivessem soltos, pois o fazem – vejam a ironia – sem correr o risco de serem presos.

A sociedade não pode continuar vivendo sob o império do medo. É o povo quem sustenta o Município, o Estado e a Nação. Merece, portanto, poder contar com a proteção de todas as autoridades, de todas as esferas de poder em quaisquer que sejam as áreas onde atuam. Ao contrário, o que temos hoje é um povo assustado, desprotegido, acuado. Quem deveria protegê-lo acaba contribuindo para que o crime organizado se estabeleça como poder paralelo. Há os que agem diretamente, aliando-se às quadrilhas; há os que participam indiretamente, quando se acomodam no uso das mesmas táticas, em vez de se dedicar a encontrar soluções criativas; e, por fim, há os que pecam por omissão. Basta! As autoridades devem uma resposta à altura das expectativas do povo. E o povo tem o direito de exigí-la.

(Editorial publicado em 16 de maio de 2006)

DE MÃOS DADAS COM O CRIME

Participei como palestrante em uma reunião de assistentes sociais do grupo Expansão, que existe há anos em Guarulhos, e que congrega pessoas atuantes na área da Assistência Social, do poder público, da iniciativa privada e de organizações não-governamentais.

Um dos aspectos que abordei é o de que o brasileiro, que é indiscutivelmente um povo solidário, acaba, sem querer, ajudando a manter as desigualdades sociais e a exploração de uns por outros. Refiro-me às crianças e adolescentes que ocupam as ruas, pedindo “um trocado” ou vendendo balas e outras bugigangas. A reação normal do ser humano é sentir dó. Ao compadecer-se, não vê mal em dar umas moedas ou em comprar o que está sendo vendido, pensando: “Pelo menos, está trabalhando, não está fazendo alguma coisa errada”.

Porém, em grande parte dos casos, as crianças que pedem esmolas estão a serviço de exploradores, ainda que sejam seus pais. Fatalmente, encontrando esse respaldo, levando dinheiro para casa, continuarão nessa vida, não terão estímulo para freqüentar a escola e, nas ruas, terão contato com tudo que lhes é pernicioso, como o uso e tráfico de drogas e a prostituição.

Quanto aos que vendem balas, há de se observar que quase a totalidade deles o fazem com embalagens acompanhadas de dizeres, mensagens, apelos, o que evidencia tratar-se de organizações que exploram o trabalho dessas crianças – e até mesmo de adultos.

Pode-se argumentar que, se ninguém mais der esmolas, nem fizer compras nos semáforos, essas pessoas acabarão no crime organizado. É um risco. Mas alimentar essa situação não é risco, é certeza. Na dúvida, não dê, não compre, por mais que isso lhe corte o coração.

(Publicado em 20 de maio de 2006)

CRIMINALIDADE, O ECA
E O TRABALHO

Nos debates sobre a violência em SP, muitas pessoas apontaram o Estatuto da Criança e do Adolescente como uma das causas. Ainda que compre uma briga sem precedentes, entendo que é dever da Imprensa suscitar o debate, em busca de soluções.

Quem acusa o ECA como fonte de violência o faz por considerar como incentivo à criminalidade o fato de, se cometido ato infracional, o período máximo de internação da criança ou do adolescente ser de três anos, com liberação, em qualquer hipótese, aos 21 anos de idade. Por isso, adolescentes seriam cooptados por quadrilhas para que recaiam sobre eles os delitos graves cometidos, livrando os reais autores. Não deve ser por acaso que nas quadrilhas desbaratadas surjam os que têm menos de 18 anos como responsáveis pelas mortes.

Há um outro aspecto que costuma ser atribuído ao ECA, mas que, na verdade, está no artigo 403 da Consolidação das Leis do Trabalho, modificado pela Lei 10.097/2000: “É proibido qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz, a partir dos quatorze anos”.

Por melhor que tenha sido a intenção dos legisladores, o que ocorre é que é muito difícil às empresas empregar adolescentes em funções compatíveis com cursos técnicos que estejam freqüentando, até porque são muito poucos os cursos profissionalizantes para quem tem 14 ou 15 anos. Assim, os que estão nessa faixa etária ficam fora do mercado de trabalho formal.

Precisando ajudar no sustento da família, os adolescentes acabam sendo cooptados pelo crime organizado, por exemplo, como “aviões” do tráfico de drogas; no caso das meninas, tornam-se presas fáceis da rede de prostituição; na melhor das hipóteses, perambulam pelas ruas, onde aprendem tudo que é ruim.

(Publicado em 23 de maio de 2006)

O EXEMPLO VEM DE CIMA

Os valores estão invertidos. Tudo o que nos foi ensinado, no sentido de responsabilidade, honestidade, justiça, está sendo colocado em xeque a cada dia, pois as novas gerações têm recebido outros estímulos e ensinamentos.

De um lado, a crença de que bom é ser digno, estudioso, trabalhador. De outro, as demonstrações de que caminhar por atalhos é muito mais conveniente. Em um país onde gente dos governos enriquece da noite para o dia, parlamentares votam para receber vantagens e propinas de empresas, um funcionário a serviço do Congresso Nacional vende gravação de audiência secreta, por R\$ 200, como ensinar às nossas crianças que é preciso frequentar a escola, cumprir os deveres, pois “só com o estudo se alcança um lugar ao sol”?

Em um país onde um deputado federal acha que pode desrespeitar o advogado depoente e acaba ouvindo que é lá “que se aprende rápido”, como exigir de nossos filhos e netos que sejam educados e civilizados?

Não é de estranhar que um funcionário encarregado de uma tarefa comum, na iniciativa privada, com esses exemplos, se ache no direito de se desfazer de parte de seu trabalho ou de vender o que não lhe pertence. Ora, deve pensar, se os graúdos têm o direito de roubar o País, roubar todo o povo, ficar com parte do dinheiro de ambulâncias, de remédios, da merenda escolar, por que eu não posso vender parte dessa mercadoria e pôr o dinheiro no bolso?

Mais do que o dinheiro que estão roubando do povo brasileiro, nossos representantes nos poderes constituídos estão roubando o futuro do País, na medida em que estão dando maus exemplos, disseminando a malandragem, a chamada “lei de Gérson”, aquela segunda a qual se deve levar vantagem em tudo. Certo?

ÍNDICE REMISSIVO

APRESENTAÇÃO 9

Do presente para o futuro.

A. IBRAHIM KHOURI 11

Engano, Passado...futuro...presente? Manchete de jornal, Brincando de mocinho, Eu, Oração, Fuga, Desencanto, Cilada, Perseguição, Insatisfação, Despedida, Descoberta, Alienação, Escrever (Milton L. Ziller)

ÂNGELA MARIA ANDREOLLI GONÇALVES 25

Flores roxas, Partiste num frio pássaro de aço, Fecha a porta, Passos pela casa, Apologia do meu tempo, Eu vi a criança, Um fio de cabelo branco

ANTÔNIO DARCI PANNOCHIA 33

Professor Ziller, o lógico, Coragem para Caminhar, Haveres e Deveres

ARISTIDES CASTELO HANSSSEN 37

O bugre do Melenio, Martelo de Bosco Maciel, Marvada, Ave peregrina

ARMANDO ATÍLLIO COLACIOPPO 44

Às vezes esse mar..., Guarda dentro de ti, Amigos que eu fizer...

ARY BADDINI TAVARES 47

O Brasil de nossos sonhos e o estadista corporativo, Nova postura do novo rei, A parte superior da pirâmide, Quem se habilita, Formação competente: um bom começo, Preparando para o mundo real, Ousadia na formação, O tempo de Ranaldi

BISMAEL B. MORAES 61

Seis perguntas instigantes, Do preconceito machista contra a mulher, Cientificamente, quem veio primeiro? Sociologicamente, como nasceu o pudor? Por que não uma pergunta aos machistas? Dirijo um carta a Paulo Setubal

CLARIMUNDO AGUIAR 72

15 de novembro, O processo histórico que levou ao descobrimento do Brasil, O processo da Independência

CLÓVIS DOMINGUES 88

Mensagem, Tempo de conversão, Oração: diálogo com Deus, Como ser cativado pelo Senhor, Como não se deixar encantar pelo filho de Maria, como não seguir seus passos? A força de sua comunicação, Mensagem de Jesus menino, Nascimento e manifestação do Senhor, Deus se tornou visível, Testemunhando Milton Ziller.

ESPEDITO PINHEIRO SOUZA 100

Poder político e instituições religiosas, A religião como instância de poder, A indissociabilidade das dimensões política e religiosa, Estrutura político-social e econômica e as funções das religiões, A política segundo o poder divino, A política do fanatismo, Verdade e religião, Considerações finais.

ISABEL BORAZANIAN 114

Vidas paralelas, Impressão - Expressão, Vento/Tempo, Calça Lee desbotada, Os dois lados, Corram crianças...corram, Tardinha em canção, A menina e o beija-flor

JOÃO RANALI 126

O último olhar, Noite feliz, A paixão do Dr. Alexandrino

JOSÉ ALAÉRCIO ZAMUNER 146

O sequestro do tempo, Como surgiram os bichos na terra, Nos tempos em que o sol morava na terra

JOSÉ AUGUSTO R. PINHEIRO 187

A universidade número 1 - A USP é o sonho dos estudantes,

Aguiar, Pierer e a educação - Investir em educação é vislumbrar o futuro,

O amor é o meu país - Economia cresce, apesar do governo,

Show de paradoxos - A cidade é um laboratório de contradições,

Ao sabor do imponderável - Um fato incompreensível fortalece a fé

Decisões renovadas - Valorize a vida, adotando uma criança

Somos todos imprescindíveis - No jogo da vida, cada um tem seu papel e versatilidade

Testemunha da História - Há exatos 25 anos nascia o Olho Vivo

O cão bonzinho - Histórias inspiradoras ajudam no cotidiano

Os planos cruzados - O desafio é o mesmo, há muitos carnavais

A nossa Bienal do Livro - É chegada a hora de descentralizar o evento

Benjamin e seu ideário ético - Moderação, sinceridade, sabedoria, otimismo...

JOSÉ ROBERTO MACHADO 168

Fábulas sobre a difícil arte de administrar, Alegoria da caverna, Tragédia na floresta, Eficiência ou eficácia???, Administração: a arte do bom senso, Prisioneiros de astúrias

LINEU ROQUE ACEIRO 181

A Arte, O homem mais conhecido do mundo, Expansivo ao agradecer, Retrato familiar

MÁRIO YOSHINAGA 188

Falando de arquitetura

PLÍNIO TOMAZ 207

Gnoticismo, A batalha de Trafalgar, Fibonacci e o número PHI 1,618...Número de ouro

SILVIO RIBEIRO 217

Persistência e sabedoria, O sonho real, O espelho, A estrela da sorte

VALDIR CARLETO 234

Resenha de um jubileu de prata, Um homem que enxerga longe, Revivendo o número um, Apresentação, Onde estão os líderes? O exemplo e o tempo, De pai para filha no dia das mães, Um dia de muita emoção, Cada cacique tem o PC que merece, A corrupção sustenta o império do terror, De mãos dadas com o crime, Criminalidade, o ECA e o trabalho, O exemplo vem de cima

ÍNDICE REMISSIVO 252

DIRETORIA 257

DIRETORIA

PRESIDENTE	Armando Atílio Colacioppo Sobrinho
VICE-PRESIDENTE	Gasparino José Romão
SECRETÁRIO GERAL	Plínio Tomaz
1º SECRETÁRIO	Espedito Pinheiro de Sousa
2º SECRETÁRIO	Alfredo Ibrahim Khouri
TESOUREIRO GERAL	Lineu Roque Aceiro
1º TESOUREIRO	Clarimundo Aguiar
2º TESOUREIRO	Clovis Domingues
CONSELHO FISCAL	Bismael Batista de Moraes, João Ranali e Milton Ziller

novos são admitidos para substituir as baixas inevitáveis. Se os acadêmicos são chamados *imortais*, não são pela vida mas pela obra. Como ainda vivem os que escreveram a bíblia e as obras clássicas de todos os tempos com as quais convivemos permanentemente. As escolhas de estilos e de temas que estão aqui publicados refletem o desejo de comunicar de seus autores. Os poetas, poetam. Os cronistas, cronicam. Os ensaístas, ensaiam. Os temas vão do romantismo apaixonado aos conceitos mais técnicos das diversas profissões. Mas trazem invariavelmente a transmissão do pensamento construtivo de participar dos caminhos da civilização, deixando neles um pedaço de sua alma.

Os que chegaram agora para ocupar o espaço físico dos que se foram, devem orgulhar-se das cadeiras que ocupam e fazer delas e desta obra, seu caminho para a eternidade.